



**Universidade Federal do Ceará**  
**Centro de Humanidades**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

---

**Sequência narrativa: narrativa ou *script*?**  
**Um estudo da infraestrutura em produções textuais de 6º ano**

---

Por:  
Flávia Cristina Candido de Oliveira

**Fortaleza – CE**  
**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Universidade Federal do Ceará**  
**Centro de Humanidades**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

---

**Sequência narrativa: narrativa ou *script*?**  
**Um estudo da infraestrutura em produções textuais de 6º ano**

---

*Flávia Cristina Candido de Oliveira*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística Textual.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Margarete F. de Sousa

**Fortaleza – CE**

**2010**

"Lecturis saludem"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

O47s

Oliveira, Flávia Cristina Candido de.

Sequência narrativa [manuscrito] : narrativa ou script? Um estudo da infraestrutura em produções textuais de 6º ano/ por Flávia Cristina Candido de Oliveira. – 2010.

214 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE),29/03/2010.

Orientação: Profª. Drª.Maria Margarete Fernandes de Sousa.

Inclui bibliografia.

1-PROSA ESCOLAR BRASILEIRA – FORTALEZA(CE).2-ANÁLISE DO DISCURSO NARRATIVO.3-LÍNGUA PORTUGUESA – COMPOSIÇÃO E EXERCÍCIOS – ESTUDO E ENSINO.4-ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL – FORTALEZA(CE) – LINGUAGEM.I- Sousa, Maria Margarete Fernandes de, orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística.III-Título.

CDD(22ª ed.) 469.8007108131

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

*Flávia Cristina Candido de Oliveira*

Flávia Cristina Candido de Oliveira

BANCA EXAMINADORA:

*Maria Margarete Fernandes de Sousa*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Margarete Fernandes de Sousa – UFC  
(Orientadora)

*João Gomes da Silva Neto*

Prof. Dr. João Gomes da Silva Neto - UFRN  
(1<sup>o</sup> Examinador)

*Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin - UFC  
(2<sup>o</sup> Examinador)

*Ana Célia Clementino Moura*

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Célia Clementino Moura - UFC  
(Suplente)

29/03/2010

À minha mãe Maria José (*in memoriam*)  
e a meu pai Antônio Braga.

# Agradecimentos

A Deus, pela força e determinação que me presenteou como dons.

A meus pais, Maria José e Antônio, pelo dom da vida.

À minha tia-irmã, Luzanira, pela presença amiga e ajuda para realização desse trabalho.

À minha orientadora, Margarete, pela orientação ímpar, incentivo, amizade e carinho.

À professora Eulália, pelas intervenções críticas para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

À professora Ana Célia, que acompanhou esta pesquisa quando ainda era um projeto.

Aos professores e às professoras do programa por suas valiosas contribuições em minha formação acadêmica.

À SEDUC do Estado e da Prefeitura de Fortaleza, pelas licenças gentilmente concedidas durante este período, em especial, a diretora Idalina Bezerra.

Às diretoras, Simônica e Socorro Moura, que me permitiram realizar a pesquisa em seu estabelecimento de ensino.

Aos alunos da turma de 6º ano de 2009, que participaram de todas as oficinas de produção textual.

A todos os colegas de Mestrado, que colaboraram com a realização desta pesquisa, em especial: Ana Keyla, Argus, Kennedy, Maria Vieira, Neto e Patrícia pela amizade e carinho conquistados nesta caminhada.

A todos as pessoas que me ajudaram, de forma direta ou indiretamente, a realizar esse sonho.

## Resumo

Esta pesquisa está centrada no estudo de produções textuais de alunos de 6º ano do ensino fundamental II, cujo gênero pertence ao conto popular. A abordagem dada ao tema teve como base pressupostos da Linguística Textual, com ênfase no protótipo narrativo de Adam (1992; 2008) e no ISD de Bronckart (2007), especificamente, no tipo de discurso narração. O objetivo é analisar a infraestrutura desses textos, verificando a presença da sequência narrativa ou do *script*, além da construção do texto com as categorias: tempos verbais, organizadores temporais e pronomes. A pesquisa apresenta um caráter teórico-prático e é delineada em quase-experimental com um *corpus* que se compõe de quarenta e duas (42) produções textuais divididas em produção inicial (PI) e produção final (PF). Essas produções textuais foram recolhidas durante um período de três semanas com atividades, que tratavam das categorias citadas anteriormente, em forma de oficinas à luz das sequências didáticas de Schneuwly; Dolz (2004). A análise levou-nos a observar que muitas das produções foram estruturadas segundo a sequência narrativa de Adam (1992; 2008), outras, porém, apresentaram somente o *script*, conforme Bronckart (2007), comprometendo a infraestrutura textual de gêneros do narrar como o que nos propomos a construir com os alunos do 6º ano. Apreendemos que os alunos possuem a estrutura narrativa internalizada, porém não sabem distinguir entre o processo de intriga e o *script*, produzindo textos que apenas enumeram ações. Ao construí-los utilizam-se das categorias elencadas, priorizando os tempos verbais do narrar, apesar de em algumas situações essas construções parecerem equivocadas. Os organizadores temporais, segunda categoria analisada, funcionam nesses textos como um elemento que auxilia os tempos verbais com as locuções adverbiais que se apresentam com maior incidência. Na categoria pronomes, as construções apresentam anáforas que demonstram o uso de um mecanismo da língua, evitando repetição de elementos no texto, o que constitui para um aluno em processo de desenvolvimento da escrita uma estruturação de ideias. Acreditamos que a pesquisa constitui-se em uma reflexão teórica sobre a construção do texto narrativo de alunos de 6º ano. Esperamos ter contribuído para compreensão da importância da diferenciação entre um texto narrativo e um *script*. A relevância dessa pesquisa está na compreensão dessas categorias na infraestrutura do texto que auxiliam o aluno a produzir gêneros do narrar e ao professor compreender esse processo, valorizando e auxiliando o aluno na construção da produção textual narrativa.

Palavras-chave: sequência narrativa; tipo de discurso narração; *script*; tempos verbais; organizadores temporais; pronomes.



## Abstract

This work aims at analyzing the text productions of the II level fundamental sixth grade, concerned to the genre of popular narratives. The approach given to the theme is based on Text Linguistics, emphasizing Adam's (1992; 2008) narrative prototype and Bronckart's (2007) sociodiscursive interactionism, particularly about the type of narrative discourse. The objective is to analyze the infrastructure of these texts, verifying the presence of the narrative sequence or of the *script*, as well as of the constructions with the following categories: verb tenses, temporal organizers and pronouns. This is a theoretical-practical research, which can be described as an almost experimental one, whose *corpus* is formed by forty-two (42) text productions, divided into initial production and final production. These text productions, which were done by workshops in the light of Schneuwly and Dolz's (2004) didactic sequences, were collected in a period of three weeks, containing activities with the categories previously cited. We observed that a lot of productions were structured according to Adam's (1992; 2008) narrative sequences. However, other texts presented only the *script*, according to Bronckart (2007), what can jeopardize the text infrastructure of narrative genres as we proposed to construct with these students of the sixth grade. We noticed that the students have the narrative structure internalized, but they can not distinguish the plot process from the *script*, producing texts which only enumerate actions. When they build them, they use the mentioned categories, prioritizing narrative verb tenses, although some of these situations appear to be wrong. The temporal organizers, which are the second category analyzed, have the function of an auxiliary of the verb tenses with the most frequent adverbial locutions. Referring to the pronouns, the constructions present anaphors which show the use of a language mechanism that avoids the repetition of text elements. This results in the constitution of a writing development process and an idea structure process by the students. We believe that this research consists in a theoretical reflection about the construction of narrative texts by students of the sixth grade. We hope to contribute to the importance of differing a narrative text from a *script*. The relevance of this research is defined by the comprehension of these categories to the text infrastructure, which help the students to product narrative genres, and the teachers to comprehend this process, valuing and helping the students in the narrative text production.

Key words: narrative sequence; type of narrative discourse; *script*; verb tenses; temporal organizers; pronouns.

# Sumário

---

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 - A visão de Adam e de Bronckart acerca do texto</b>	
1.1 Um breve percurso da Tipologia Textual para a Análise Textual do Discurso.....	17
1.1.1 A tipologia textual homogênea e o modelo de Adam.....	20
1.1.2 O plano de texto.....	22
1.1.3 A sequência narrativa.....	25
1.2 O interacionismo sociodiscursivo – Jean-Paul Bronckart.....	32
1.2.1 Tipologia textual Intermediária.....	37
1.2.2 O modelo de análise de textos.....	39
1.2.3 Modo de Planificação.....	41
<b>Capítulo 2 – Categorias de Análise</b>	
2.1 Tempos verbais na narrativa.....	45
2.1.1 A enunciação histórica e a enunciação do discurso.....	46
2.1.2 O mundo narrado e o mundo comentado.....	49
2.1.3 O tempo narrado em Jean-Michel Adam.....	50
2.1.4 O tempo do narrar em Jean-Paul Bronckart.....	52
2.1.5 A noção de temporalidade e aspectualidade verbal.....	56
2.2 Organizadores temporais e pronomes.....	59
2.2.1 Organizadores temporais: advérbios e conjunções.....	59
2.2.2 Pronomes.....	62
<b>Capítulo 3 – Metodologia</b>	
3.1 Caracterização da pesquisa.....	65
3.2 Delimitação do <i>corpus</i> .....	67
3.3 Amostra.....	67
3.4 Procedimentos de coleta.....	68
3.5 Tratamento dos dados.....	69
3.6 A sequência didática: teoria-base para a produção das oficinas.....	71
3.7 Encaminhamentos didáticos.....	74

## **Capítulo 4 – Análise da infraestrutura do texto narrativo**

4.1 Um paralelo acerca das teorias.....	77
4.2 As categorias de análise - Adam vs Bronckart.....	79
4.3 Produções textuais iniciais.....	83
4.3.1 Sequência narrativa.....	83
4.3.2 Tempos verbais.....	88
4.3.3 Organizadores temporais.....	92
4.3.4 Pronomes.....	96
4.4 Produções textuais finais.....	98
4.4.1 Sequência narrativa.....	99
4.4.2 Tempos verbais.....	103
4.4.3 Organizadores temporais.....	105
4.4.4 Pronomes.....	108
4.5 Comparações: progressos nas PI e PF.....	111
<b>Considerações finais</b> .....	118
<b>Referências</b> .....	122
<b>Apêndice A – Planos de aula</b> .....	128
<b>Apêndice B – Oficinas</b> .....	137
<b>Anexo</b> .....	156

## **Lista de Figuras**

Figura 01 - Esquema do Plano de Texto da Sequência Narrativa.....	24
Figura 02 - Esquema da Sequência Narrativa .....	29
Figura 03 - Esquema da Sequência Narrativa.....	31

## **Lista de Quadros**

Quadro 01 - Esquema do processo transformacional.....	28
Quadro 02 - Operações e Níveis de Análise.....	40
Quadro 03 - Esquema dos tipos de discurso.....	43
Quadro 04 - Esquema de subsistemas enunciativos de base.....	47
Quadro 05 - Caracterização de aspectos .....	57
Quadro 06 - Organizadores temporais.....	60
Quadro 07 - Comparativo da categoria tempos verbais.....	80
Quadro 08 - Comparativo da categoria organizadores temporais.....	82
Quadro 09 – Comparativo da categoria pronomes.....	82

# Introdução

---

O interesse em estudar a narrativa surgiu de dificuldades verificadas nas produções textuais dos alunos de ensino fundamental II e da didática utilizada pelos professores para a orientação dessas produções. Por essa razão, buscamos nas teorias linguísticas, especificamente, nos postulados de Adam (2008) e de Bronckart (2007) suporte necessário para analisarmos essa questão.

Dentre os vários aspectos que compõem o texto, um aspecto relacionado ao assunto nos chamou atenção: a sequência narrativa. Em princípio, surgiu a seguinte questão, em função da dúvida que nos motiva: há diferença entre sequência narrativa e *script*? Essa dúvida foi somada à observação das dificuldades dos alunos e à experiência de alguns anos de trabalho em sala de aula de ensino fundamental II e médio de escolas públicas e privadas de Fortaleza.

Para a compreensão da razão de algumas escolhas, fizemos, inicialmente, uma pesquisa-piloto, em que coletamos produções textuais em duas turmas de 6º ano, cujo gênero produzido foi o relato de experiência. Esses textos foram submetidos a uma análise para verificar a predominância de tempos verbais usados pelos alunos e se esses tempos correspondiam aos tempos verbais utilizados na narrativa, conforme Adam (1992; 2008) e Bronckart (2007). Analisamos também se os textos somente elencavam acontecimentos sem elementos que desenvolvessem o processo de intriga, pois é esse processo que constitui uma narrativa, e se essa sequência narrativa contribuía para a construção do gênero proposto pelo professor. Constatamos, nessa pesquisa-piloto, que nossos objetivos constituíam-se em dificuldades encontradas pelos alunos e, a partir dessa constatação, elegemos o verbo como uma de nossas categorias de análise e acrescentamos mais duas – organizadores temporais e pronomes – baseando-nos nas propostas de Adam e de Bronckart.

Além disso, a presente pesquisa aprofundou duas visões teóricas pouco conhecidas no meio escolar, as de Adam (1992; 2008) e de Bronckart (2007), no sentido de investigar, especificamente, parte da infraestrutura do texto, isto é, os tipos de discurso e a sequência narrativa de Adam (1992) em quarenta e duas produções textuais

de alunos de 6º ano de escola privada, na periferia de Fortaleza. Tomamos por base também Schneuwly; Dolz (2004), que tratam das sequências didáticas, aporte teórico que nos garantiu uma didática diferenciada para este trabalho em sala de aula; Benveniste (2005), que aprofunda o estudo dos tempos verbais em francês e Weirinch (1968), que aborda o mundo narrado, ambos sob os postulados de Adam (2008) que parte desses autores. Acreditamos que o conhecimento sobre as pesquisas desses teóricos trará contribuições para o ensino de produção textual praticado em algumas escolas.

Verificamos também algumas pesquisas que tratam da infraestrutura textual, acerca de outros gêneros, que nos motivou a investigar a sequência narrativa. Silva (2007) analisou e descreveu a realização da sequência narrativa no gênero notícia, segundo o esquema prototípico de Adam, e verificou a relação existente entre o modelo sequencial e a estrutura do gênero. A pesquisa também se direciona aos pressupostos teóricos de Bronckart quando algumas notícias são analisadas à luz do interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) por configurar-se como expositivas, portanto enquadradas no mundo do EXPOR sob a definição de esquematização. Sua pesquisa traz uma contribuição por abordar a sequência narrativa, embora o faça em gêneros da imprensa, apresentando um estudo sob a ótica de Adam com algumas incursões sobre o trabalho de Bronckart (2007). A pesquisadora alegou, em seu trabalho, não ter tido condições, naquele momento, de discutir, com profundidade, os pressupostos teóricos desse último autor, mas deixou clara a relevância e a contribuição dele para a análise de textos. A pesquisa de Silva, embora possa ser útil para o ensino, por tratar-se de gêneros, não atinge à clientela do ensino fundamental, contribuição que pretendemos dar com esta pesquisa.

Outra pesquisadora, Sousa (2005), analisou o gênero textual anúncio, especificamente de turismo do Ceará, identificando e descrevendo os traços textual-discursivos importantes para a construção do sentido de textos pertencentes a esse gênero. Os aspectos analisados nessa pesquisa são os seguintes: a estrutura organizacional do anúncio, as sequências textuais (argumentativa, descritiva e narrativa), os processos referenciais (anafóricos e dêiticos) e a interrelação entre sequências textuais e referenciação. Por se tratar de uma tese, apresenta maior aprofundamento quanto ao estudo das sequências, o que nos permite destacá-la, apesar de não estar, necessariamente, direcionada ao ensino e à sequência narrativa com

exclusividade. A pesquisa destaca pontos acerca da construção do gênero anúncio, apresentando as sequências argumentativa, descritiva e narrativa como um dos elementos que compõem o texto, por essa razão, acrescenta informações que nos ajudaram na pesquisa no sentido de observarmos a presença da sequência narrativa em um gênero que difere do que pretendemos analisar, mas que pode contribuir para a compreensão e para a organização estrutural de outros gêneros.

Assim, pretendemos com este trabalho analisar a sequência narrativa produzida por alunos de 6º ano do ensino fundamental II, segundo a concepção de Adam (2008) e de Bronckart (2007). Para atingir esse objetivo geral delinhamos os seguintes objetivos específicos: identificar, nas duas propostas, os elementos/traços linguísticos semelhantes que possam se complementar e auxiliar na observação das produções textuais analisadas; analisar a categoria tempos verbais nas produções textuais dos alunos de 6º ano, comparando-a com as propostas retiradas dos autores; verificar as categorias, organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas – e pronomes nas produções textuais, e analisar como ocorrem na construção da sequência narrativa; diferenciar a narrativa e o *script*, como tipos distintos na construção do texto, de acordo com as categorias, adequando-as ao gênero. Esses objetivos buscam responder a seguinte questão geradora desdobrada em mais duas questões:

De que modo a utilização de categorias pertinentes à sequência narrativa contribuirá para a estruturação do texto de alunos de 6º ano?

→ Qual a relação entre as propostas teóricas de Adam e de Bronckart, acerca das categorias pertinentes à sequência narrativa?

→ Como os alunos produzem e (con)fundem a sequência narrativa e o *script* na produção textual?

As categorias foram selecionadas com base em Adam (2008) e em Bronckart (2007). Na elaboração das oficinas de produção textual, utilizamo-nos das sequências didáticas de Schneuwly; Dolz (2004). Após as oficinas, a análise deteve-se nos objetivos elencados, anteriormente, com dados comparativos entre produção inicial e produção final (doravante PI e PF) a fim de constatarmos a relevância da hipótese básica desdobrada em mais três hipóteses secundárias:

Os alunos de 6º ano produzirão textos, na etapa final das oficinas, utilizando-se das categorias tempos verbais, organizadores temporais e pronomes, de acordo com a proposta teórica de Adam e de Bronckart e as orientações dadas em sala de aula.

→ Adam e Bronckart apresentam categorias semelhantes por meio das quais as propostas se complementam e auxiliam o aluno na construção da sequência narrativa.

→ A diferença entre sequência narrativa e *script* como tipos distintos contribui para a estruturação adequada da sequência narrativa de acordo com o gênero.

→ A apropriação das categorias temporais, organizadores temporais e pronomes promoverão a que os alunos se apropriem também da estrutura da sequência narrativa.

Entretanto, um desses aspectos é demonstrar a importância da sequência narrativa para a construção dos sentidos do texto, principalmente, quando se trata do ensino de tempos verbais. De modo geral, os alunos aprendem a estrutura e os tempos verbais, mas desconhecem a aspectualidade que também contribui para desenvolver a narrativa. Em razão disso, fez-se necessário um aprofundamento de questões relativas ao ensino que trabalhassem com abordagens diferentes, como a de Adam e a de Bronckart, para uma compreensão acerca da infraestrutura do texto. Dessa forma, a relevância desta pesquisa faz-se notar, pois a intenção ao abordar a questão é procurar elucidar as dificuldades com as quais os professores se deparam e não, meramente, apontar problemas sem sugestões que possam acrescentar ao trabalho desse profissional.

Verificamos também, em um grupo de alunos de 6º ano, no período das oficinas, como a sequência narrativa se apresentou na construção das produções iniciais, bem como, analisamos uma segunda produção textual desses alunos para diagnosticar se a orientação dada a eles, acerca da sequência trabalhada, acrescentou à produção final dos textos elaborados em sala de aula. A relevância dessa pesquisa é também contribuir com o ensino, no sentido de ampliar a compreensão do aluno quanto à infraestrutura de um texto narrativo e possibilitar ao professor um conhecimento acerca do assunto com uma discussão respaldada em propostas que apresentam suportes teóricos capazes de elucidar questões que vêm, há muito, confundindo alunos e professores do ensino fundamental na composição do texto narrativo.

O *corpus* da pesquisa para a análise da sequência narrativa compõe-se de quarenta e duas produções textuais, divididas em dois momentos com vinte e uma em cada, as primeiras coletadas no início das oficinas e denominadas de produção inicial (PI); numa segunda coleta, realizada na última oficina, denominada de produção final



(PF). Essas produções são do gênero conto popular escolhido, propositalmente, por fazer parte do programa de ensino fundamental do 6º ano que trabalha com esse gênero, geralmente, no primeiro semestre do ano e por ser um gênero do narrar.

A organização retórica desta dissertação compõe-se de quatro capítulos assim distribuídos: A visão de Adam e de Bronckart acerca do texto, Categorias de análise, Metodologia e Análise da infraestrutura do texto narrativo.

No capítulo 1, apresentamos as bases teóricas que fundamentam a teoria de Adam acerca do protótipo da sequência narrativa e de Bronckart com os tipos de discurso narração e relato interativo. Ainda nesse capítulo, discorremos acerca de um breve percurso da Tipologia Textual à Análise do Discurso, a tipologia textual homogênea, o plano de texto e o protótipo da sequência narrativa pelo qual nos baseamos em Adam (1992; 2008). Em Bronckart foram apresentadas as bases teóricas do interacionismo sociodiscursivo e, acerca do ISD, enfatizamos a tipologia textual intermediária, o modelo de análise de textos e o modo de planificação, destacando o mundo do NARRAR e o tipo de discurso narração.

No capítulo 2, reservamos às categorias analisadas divididas em tempos verbais na narrativa com os autores que servem de aporte teórico, Adam (2008), Benveniste (2005), Bronckart (2007), Weinrich (1968). Demos continuidade com a explanação acerca dos organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas seguidas de suas respectivas locuções – e dos pronomes, seguindo Adam e Bronckart.

No capítulo 3, destinado à metodologia, apresentamos os itens: a caracterização da pesquisa, a delimitação do *corpus*, a amostra, o procedimento e o tratamento que foi dado a ele. Além de inserirmos as sequências didáticas que fizeram parte de nosso suporte teórico para elaboração das oficinas e dos encaminhamentos didáticos, relatando o percurso realizado em sala de aula com os alunos de 6º ano.

No capítulo 4, destinamos à análise da infraestrutura do texto e as categorias mencionadas anteriormente, nas produções textuais PI e PF. Inicialmente, discorremos acerca de um paralelo entre os autores, verificando semelhanças em ambos. Após essas semelhanças, demos início à análise propriamente dita como segue: a estrutura do plano de texto. Nesse primeiro momento, as categorias foram associadas às teorias de Adam e de Bronckart. Finalizamos a análise com comparações entre PI e PF, observando progressos na composição do texto narrativo.

Encerramos a dissertação com as considerações finais que respondem a algumas de nossas hipóteses e objetivos pretendidos com esta pesquisa. Além disso, apresentamos no apêndice: os planos de aula e as oficinas; e no anexo: as produções textuais digitadas e fotocopiadas dos textos utilizados no *corpus* da pesquisa.

# Capítulo 1

---

## **A visão de Adam e de Bronckart acerca do texto**

O presente capítulo trata de questões pertinentes à sequência narrativa e à planificação do interacionismo sociodiscursivo (ISD). Na primeira parte, o subitem apresenta a teoria de Adam com complementariedade na Análise do Discurso quando desenvolve suas pesquisas à luz da Teoria da Análise Textual de Discurso (ATD). Além de tratar da infraestrutura do texto, reconhecida pelo produtor/escritor, que está em contato direto com gêneros narrativos escritos ou orais, acerca da sequência narrativa é apresentada com base em Adam (1992; 2008). Na segunda parte, faremos breve levantamento de teorias que influenciaram na elaboração do interacionismo sociodiscursivo idealizado por Bronckart (1999; 2007). Depois, apresentaremos o modelo de análise de texto estabelecida por este teórico e o modo de planificação, discorrendo acerca dos aspectos relevantes do assunto.

### **1.1 Um breve percurso da Tipologia Textual para a Análise Textual do Discurso**

Para elaborar sua proposta, Adam (1992) toma por base as noções de gênero e de enunciado, o raciocínio prototípico, os conceitos de base e de tipo de texto e de superestrutura, reformulados e reagrupados em uma proposta global de forma que deem conta da noção de sequência textual. O autor vale-se desses conceitos e elabora uma teoria de como se constitui e se caracteriza a textualização. Adam (2009, p. 117) tentou teorizar “sobre a relativa autonomia do sistema da língua e sobre sua determinação parcial das formas elementares (‘primárias’) da colocação em texto”, denominado sob o conceito de sequência. A definição de gêneros primários, que remete a Bakhtin, é o ponto de partida para Adam estabelecer as formas elementares prototípicas e provar suas hipóteses acerca das unidades mínimas de composição. Dessa forma, a sequência textual é vista por ele como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros.

Segundo Ciapuscio (1994), é necessário conhecer a concepção de texto de Adam para compreender a postura do teórico e distingui-la da linguística textual de orientação

comunicativa<sup>1</sup>. Conforme a autora, “a linguística textual comunicativa é uma ação linguística complexa e, portanto, inclui fatores comunicativo-pragmáticos e linguísticos, para Adam, o texto é um objeto abstrato, uma estrutura composta de sequências”<sup>2</sup>. (CIAPUSCIO, 1994, p. 90). Assim, a proposta das sequências prototípicas, até então, era centrada no aspecto estrutural do texto, ou seja, na estrutura-base, havendo uma descontextualização e dissociação entre texto e discurso. Adam (1992), afirma que seu objetivo era desenvolver hipóteses das diferentes combinações pré-formatadas de sequências. A estrutura-base, segundo o autor, apresenta-se ao falante/escritor como um conhecimento intuitivo sobre o texto e a formação dos tipos textuais e divide-se em: contexto e mente<sup>3</sup>. Quando há o cruzamento dos dois pólos, surge o conhecimento dos mecanismos textuais e o tipo textual produzido na atividade comunicativa. De acordo com Adam (2008):

A teoria das sequências foi elaborada como uma reação à excessiva generalidade das tipologias de texto (Egon Werlich, 1975). Ao descrever formas elementares de textualização denominadas NARRATIVAS, DESCRITIVAS, ARGUMENTATIVAS, EXPLICATIVAS OU DIALOGAIS<sup>4</sup>, minhas propostas inscrevem-se no prolongamento linguístico da teoria psicocognitiva dos esquemas, que tem sua origem nos trabalhos de Sir Frederic Bartlett (1932) e foi desenvolvida, sobretudo, por Walter Kintsch e Teun A. van Dijk (1983) [...]. (ADAM, 2008, p. 205).

A partir de Adam (1999), há uma separação e uma complementaridade das tarefas e do objeto da Linguística Textual e da Análise do Discurso. O autor reformula essas duas vertentes linguísticas, tomando por base as pesquisas de Maingueneau e a noção imprecisa de formação discursiva de Foucault, que foi redefinida por Pêcheux e trazida para a Análise do Discurso da escola francesa, estabelecendo um estudo do texto com o propósito de fazer uma análise textual do discurso. Segundo Adam (1999):

A linguística textual tem a tarefa de descrever os princípios ascendentes que regem os agenciamentos complexos mas não anárquicos de proposições no interior do sistema de uma unidade de TEXTO<sup>5</sup> com realizações sempre específicas. A análise do discurso – para mim análise das práticas discursivas que renuncia a tratar como idênticos, os discursos judiciário, religioso, político, publicitário, jornalístico, universitário etc. – demora-se prioritariamente na descrição das regulações descendentes que as situações de

<sup>1</sup> Segundo a autora, a linguística textual comunicativa é uma denominação dada aos estudos da Filosofia da Linguagem.

<sup>2</sup> [...] la linguística textual comunicativa del texto es una acción lingüística compleja y, por lo tanto, incluye factores comunicativo-pragmáticos y lingüísticos, para Adam, el texto es un objeto abstracto, una estructura compuesta de secuencias. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

<sup>3</sup> Nessa concepção, o contexto é relativo à referência textual e a mente relativa aos processos cognitivos relacionados ao contexto e à produção do texto.

<sup>4</sup> Destaque do autor.

<sup>5</sup> Destaque do autor.

interação, as línguas e os gêneros impõem aos componentes da textualidade<sup>6</sup>. (ADAM, 1999, p. 35).

Conforme essa citação, Adam (2008) distingue os dois campos de estudo e postula que essa separação e complementaridade corroboram e definem a Linguística Textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas. A fim de complementar essa ideia, Maingueneau (2007) enfatiza a heterogeneidade da análise do discurso dividida em procedimento analítico<sup>7</sup> e procedimento integrativo que “visa articular os componentes da atividade discursiva, apreendida em sua dupla dimensão social e textual.” (MAINGUENEAU, 2007, p. 30). Esse procedimento pode ser ilustrado pelos trabalhos de Adam (2008), conforme destacamos, e de Charaudeau (2008)<sup>8</sup>. Dessa forma, a Linguística Textual atravessa a Análise do Discurso, permitindo uma análise cotextual e contextual. Ainda, nas palavras de Maingueneau (2007),

[...] o interesse que governa a análise do discurso seria, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. Esse dispositivo pertence simultaneamente ao verbal e ao institucional: pensar os lugares independentemente das palavras que eles autorizam, ou pensar as palavras independentemente dos lugares com os quais elas estão implicadas significaria permanecer aquém das exigências que fundam a análise do discurso. (MAINGUENEAU, 2007, p.19).

Segundo Adam (2008), a ligação da Linguística Textual com a Análise do Discurso é concebível pelas práticas discursivas institucionalizadas, que são compreendidas pelo autor como gêneros de discurso, cuja determinação pela história deve ser considerada através da interdiscursividade. De acordo com Adam (2008, p. 63), “a Linguística Textual concerne tanto à descrição e à definição das diferentes unidades como às operações, em todos os níveis de complexidade que são realizadas sobre os enunciados.” Essas operações são estritamente metalinguísticas apresentando valor na medida em que permitem analisar os fatos considerados. Para Adam (2009):

<sup>6</sup> La linguistique textuelle a pour tâche de décrire les principes *ascendants* qui régissent les agencements complexes mais non anarchiques de propositions au sein du système d’une unité TEXTE aux réalisations toujours singulières. L’analyse du discours – pour moi analyse des pratiques discursives qui renonce à traiter comme identiques les discours judiciaire, religieux, politique, publicitaire, journalistique, universitaire, etc. – s’attarde quant à elle prioritairement sur la description des régulations *descendantes* que les situations d’interaction, les langues et les genres imposent aux composantes de la textualité. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

<sup>7</sup> O primeiro procedimento, que não nos interessa neste trabalho, refere-se à problemática de Michel Pêcheux, característica da Escola Francesa de inspiração lacano-althusseriana. Nesta corrente, a Análise do Discurso visava desfazer as continuidades de modo a fazer aparecer nos textos redes de relação invisíveis entre enunciados.

<sup>8</sup> Reportamo-nos à obra traduzida de CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008. Não há nota no livro informando a obra original.

[...] podemos considerar as práticas discursivas como formas elaboradas – “secundárias”, se preferirmos, e como objetos pluridisciplinares por excelência – e, certamente, falar de discurso literário, mas também de discurso religioso, jornalístico, político, científico, militar etc., e de gêneros do discurso religioso, como a prece, o sermão, a hagiografia, a parábola etc.; de gêneros do discurso jornalístico, político, científico, didático, publicitário etc. (ADAM, 2009, p. 117).

Conforme Dias (2007, p. 18), que em seu trabalho trata de diferenças e semelhanças da Linguística Textual e da Análise do Discurso, afirma que a primeira “preconiza um sujeito fonte intencional de um dizer, um sujeito que tem controle dos sentidos e de outro, a Análise do Discurso questiona a evidência do sujeito (uno, completo, dono do dizer) de dizer o que ele quer (evidência dos sentidos).” Segundo Adam (2008), a análise textual dos discursos questiona as próprias fronteiras da textualidade (peritextualidade) e a ideia de um exterior (contexto) que se opõe a seu interior (fechamento estrutural), recebendo essa denominação pela diversidade nas práticas discursivas humanas. Ela é uma nova proposta que tenta recuperar os conceitos de texto e de discurso da Linguística Textual e da Análise do Discurso. Acerca disso, compreendemos que se faz importante observar essas alterações na teoria de Adam ao avançar para uma análise textual do discurso que se estende à Análise do Discurso delineada por Maingueneau. Para nossa pesquisa, essas alterações acrescentaram uma visão diferenciada nas produções analisadas, levando em consideração a infraestrutura e a ideia de um exterior que influenciou na produção final.

### **1.1.1 A tipologia textual homogênea e o modelo de Adam**

Canvat refere-se à teoria de sequencialidade inserindo-a em uma tipologia de textos, Adam (2009), no entanto, não pretende que as sequências textuais assumam o caráter de uma tipologização por considerar cada texto uma realidade muito heterogênea para circunscrevê-la numa definição estrita. Para Bronckart (2003), a classificação homogênea baseia-se na aplicação de uma única categoria de critérios, o autor ainda afirma que a tipologia textual de Adam inscrever-se-ia em um critério exclusivamente linguístico sob a forma de sequencialidade ou de plano. De acordo com Canvat (1996),

[...] as tipologias textuais se apóiam sobre o fato de que o leitor confere intuitivamente uma coerência a uma série textual a partir de certos esquemas

globais cujos (re)conhecimento e domínio facilitam o processamento cognitivo<sup>9</sup>. (CANVAT, 1996, s/p).

Essa postura diante do texto, segundo Canvat (1996), apresenta certo interesse didático, porque permite delimitar diferentes sequências de um texto complexo de formação heterogênea. Essa heterogeneidade distingui-se em duas formas principais: a inserção de sequências e a sequência dominante. A primeira permite que diferentes tipos de sequências alternem-se, por exemplo, na estrutura de um romance ([seq. narrativa [seq. descritiva] seq. narrativa]). A segunda permite que diferentes tipos de sequências sejam mesclados, mas a relação entre si é dominante, por exemplo, a estrutura da fábula “O lobo e o cordeiro” descrita como [seq. argumentativa [seq. narrativa [seq. dialogal]]].

O posicionamento de Adam (2008) consiste em a estrutura composicional de texto resultar de dois processos composicionais: a planificação e a estruturação. A planificação instaura-se a partir do gênero que é entendido como plano de texto fixo, convencional, normatizado. Já a estruturação é a partir de proposições, apresentando, em algumas situações, mesclagem das sequências de tipos diferentes, obtendo um plano de texto ocasional. Segundo Bonini (2007), essas sequências, pensadas a partir das ideias de protótipo de Rosch, são entendidas como pontos centrais de categorização dos textos e apresentam-se como sequência argumentativa, descritiva, dialogal, explicativa e narrativa.

Segundo Adam (1992), as sequências realizam-se nos gêneros mediante pressões discursivo-genéricas ocorrendo, dessa forma, uma configuração pragmática. No módulo da configuração pragmática, encontram-se três submódulos que estariam relacionados ao alvo comunicativo e ao balizamento enunciativo e semântico do texto. Os submódulos dividem-se em: alvo ilocucionário, localização enunciativa e coesão semântica.

Outro ponto relevante em Adam (1992) refere-se à sucessão de proposições com que ocorre a composição do texto, dividida em dois submódulos: a conectividade e a sequencialidade. O submódulo da conectividade corresponde ao processo de coesão, geralmente, explicitado em linguística textual. Trata-se das ligações inter e

---

<sup>9</sup> [...] les typologies textuelles s'appuient sur le fait que le lecteur confère intuitivement une cohérence à une suite textuelle à partir de certains schémas globaux, dont la (re)connaissance et la maîtrise facilitent le traitement cognitif. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

intrafrásticas<sup>10</sup>, que estabelecem as retomadas e reapresentações importantes para assegurar a continuidade do texto que, para Adam, é uma parte do que ele denomina de gramática textual. O submódulo seguinte, sequencialidade, explicita a organização das proposições em agrupamentos característicos denominados protótipos. Em narrativas mais longas, é necessário haver reagrupamentos de proposições em macroproposições narrativas. De acordo com Adam (2008) a sequência é definida como:

uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem;  
 uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (ADAM, 2008, p. 204).

Com base nessa definição, compreendemos, em nossa pesquisa, a sequência textual como um elemento de destaque na orientação dada aos alunos acerca da infraestrutura do texto narrativo para o ensino fundamental, em especial, nas produções textuais da série que estamos analisando.

### 1.1.2 O plano de texto

Segundo Adam (2008, p. 255), “[...] os planos de texto desempenham um papel fundamental na composição macrotextual do sentido [...]” e estão inseridos na planificação e na estruturação. Correspondem, na retórica, ao que já se posicionava quanto às regras da arte de escrever, orientando para a construção de textos argumentativos que obedeciam à estrutura: exórdio, proposição, narração, refutação e peroração. Porém, para a atualidade, esse modelo retórico não dá conta dos planos de texto possíveis.

Adam compreende que a planificação de um texto, geralmente, é fixada por um estado histórico de um gênero ou subgênero<sup>11</sup>, ou seja, os planos de texto estão disponíveis no interdiscurso. Defende Adam (2008, p. 256) que os planos de texto “permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto, prescrita por um gênero.” O autor cita alguns exemplos de planos de texto, tais como: o plano canônico da dissertação (introdução, antítese, síntese,

<sup>10</sup> Essas ligações apresentam-se por meio de recursos linguísticos (pronomes, artigos etc.).

<sup>11</sup> Refere-se a gêneros que assumem determinadas marcas linguísticas presentes no “gênero original” no interdiscurso, por exemplo, a carta e seus subgêneros: e-mail, carta ao leitor, carta aberta, etc.



conclusão), os verbetes de dicionário (entrada, definição, exemplo), atos do teatro (cinco atos para os dramas e tragédias, três para as comédias) etc. Esses planos de texto são conhecidos pelos produtores do discurso, que são capazes de produzi-los ou reproduzi-los, obedecendo à estrutura “original”.

Com base em Adam (1999), constatamos que todo texto é um objeto de (re)construção global que resulta na elaboração da produção ou da interpretação de uma estrutura global ocasional, ou seja, um plano de texto único. Essa estruturação baseia-se na macrossegmentação, que são as alíneas e separações marcadas, e nos dados peritextuais, que se referem aos entretítulos, mudanças de partes ou de capítulos. Já em Adam (2008), ele denomina a demarcação das subunidades de segmentos textuais e afirma que as partes ou segmentos a serem (re)construídos, quando correspondem ou ultrapassam os níveis do período e da sequência, constituem-se em uma atividade cognitiva fundamental que permite compreender um texto e mobilizar todas as informações linguísticas de superfície disponíveis. Esclarece Adam (2008) que:

Os textos são, de fato, estruturados de maneira muito flexível, e a importância dos planos de texto fixos ou ocasionais é preponderante. Na medida em que os agrupamentos de proposições não correspondem sempre a sequências completas, podemos dizer que o principal fator unificador da estrutura composicional é o plano de texto. (ADAM, 2008, p.256).

O protótipo narrativo apresenta-se sob essa estrutura, conforme verificamos em Adam (2008, p. 335)<sup>12</sup> com os acréscimos do Plano de Texto em: Entrada-prefácio, Simples Período, Avaliação final e a sequência narrativa seguida de macroproposições.

---

<sup>12</sup> O exemplo, retirado de Adam (2008), corresponde ao plano de texto de “O cativo”, seguido de análise do texto mencionado, mas, para esta pesquisa, utilizamo-nos somente da estrutura para exemplificar como se apresenta, atualmente, em uma das obras mais recentes do autor, o plano de texto da sequência narrativa. Colocamos o texto traduzido na íntegra para efeito de comparação e/ou análise, encontra-se em Adam (2008, p. 323):

“**P1[e1]** Em Junín ou em Tapalque, contam a história que segue: **P2[e2a]**Um menino desapareceu após um ataque de índios: **[e2b]**dizem que os índios o tinham raptado. **P3[e3a]**Seus pais o procuraram inutilmente. Anos depois, um soldado que vinha do interior falou-lhes de um índio de olhos azul-celeste que bem poderia ser seu filho. **P4[e4]**Finalmente, o acharam a (crônica perdeu as circunstâncias em que isso e eu não quero inventar o que não sei) e acreditaram reconhecê-lo. **P5[e5a]** O homem, marcado pelo deserto e pela vida selvagem, não compreendia mais as palavras da língua natal, **[e5b]** mas deixou-se conduzir, indiferentemente e dócil, até a casa. **P6[e6a]**Lá, ele parou, **[e6b]**talvez porque os outros pararam. **P7[e7a]**Olhou a porta, **[e7b]**como se não a compreendesse. **P8[e8a]**De repente, baixou a cabeça, **[e8d]**gritou, **[e8c]**atravessou correndo o saguão e os dois grandes pátios **[e8d]** e se precipitou na cozinha. **P9[e9a]**Sem hesitar, mergulhou o braço na chaminé enfumaçada **[e9b]** e tirou a pequena faca com cabo de chifre que tinha escondido lá **[e9c]**quando era criança. **P10[e10a]**Seus olhos brilharam de alegria **[e10b]**e os pais choraram, porque tinham encontrado seu filho.

**P11[e11a]** Essa lembrança talvez tenha sido seguida por outras, **[e11b]** mas o índio não podia viver entre quatro paredes **[e11c]**e um dia ele partiu à procura do seu deserto. **P12[e12a]** Eu queria saber **[e12b]** o que ele sentiu naquele momento de vertigem **[e12c]**quando o passado e o presente se

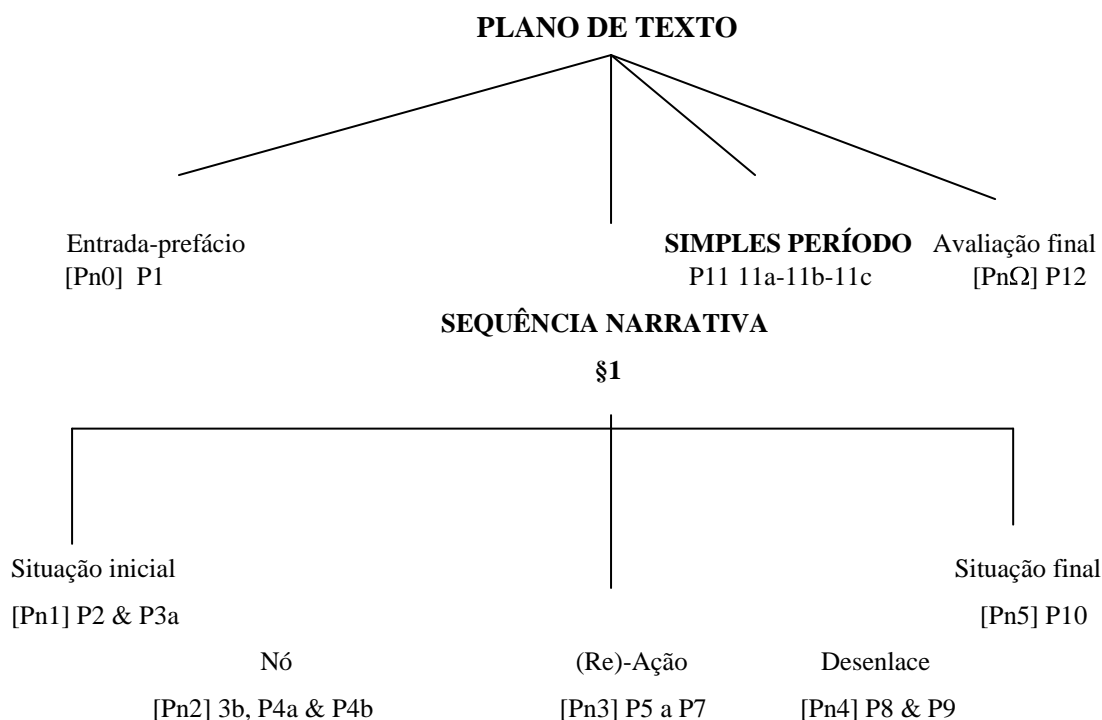


FIG.01: ESQUEMA DO PLANO DE TEXTO DA SEQUÊNCIA NARRATIVA (ADAM, 2008, p. 335)

Essa estrutura é formada por uma unidade mínima denominada proposição-enunciado que é o produto de um ato de enunciação. As proposições-enunciados estão sujeitas a dois tipos de agrupamentos que as mantêm juntas, denominadas de períodos e de sequências, que são unidades mais complexas, tipificadas. Os períodos são, de acordo com Adam (2008, p. 203), “unidades que entram diretamente na composição de partes de um plano de texto. As sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições.” Estas são semelhantes a “períodos” que apresentam uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisas dentro da estrutura da sequência. Para garantir a entrada e a saída do mundo da narração são acrescentadas a Entrada-prefácio ou Resumo [Pn0] que se traduz como uma abertura, e uma Avaliação final [PnΩ] que assume a moralidade ou se traduz por um simples encerramento. Baseamo-nos nesse plano de texto para a análise de nossas produções textuais a fim de constatar que há uma estrutura podendo aparecer de forma completa ou parcial na construção do texto narrativo de alunos de 6º ano.

---

confundiram; [e12f]eu, eu queria saber se o filho perdido renasceu e morreu nesse êxtase, ou se chegou a reconhecer, [e12g]nem que fosse como faz um recém-nascido ou um cachorro, [e12f] os pais e a casa.”

### 1.1.3 A sequência narrativa

Segundo Adam (2008), a sequência narrativa é uma unidade textual complexa e relativamente autônoma, integrada e organizada em macroproposições. As sequências, de modo geral, são diferentes entre si, porque apresentam características linguísticas peculiares que são reconhecidas pelo leitor/interpretante como típicas ou canônicas. Além disso, a estrutura sequencial num texto (T) pode comportar um número de sequências completas ou elípticas que permitem abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos muito gerais. Para efeito de compreensão, Adam (1994) demonstra uma estrutura hierárquica elementar da sequência textual da seguinte forma: # [T [Sequência (s) [macroproposição (ões) [proposição (ões)]]]] #.

As proposições aqui representadas são componentes de uma unidade superior, a macroproposição é uma unidade constituinte da *sequência*, e esta uma unidade constituinte do *texto*; o sinal /#/ delimita a fronteira do texto e marca o começo e o fim de uma comunicação. Como afirma Adam (1994, p. 114), “um texto narrativo é uma estrutura hierárquica complexa compreendendo “n” sequências – elípticas ou completas – de mesmo tipo ou de tipos diferentes”<sup>13</sup>.

Defende Adam (2008) que a sequência apresenta-se sob diferentes formas de construção narrativa, cujas formas dependem de seu grau de narrativização. Uma narrativa que se constitui somente por uma simples enumeração de uma sequência de ações e/ou eventos possui baixo grau de narrativização. Ao contrário, quando a narrativa estrutura-se sob as cinco proposições, formando a tríade Nó [Pn2], Re-ação ou Avaliação [Pn3] e Desenlace [Pn4], corresponde a um alto grau de narrativização. Adam (1997, p. 78) afirma que “o par Nó ↔ Desenlace constitui o elemento determinante de toda a construção da intriga.” Conforme Todorov e Larivaille (1968; 1978 *apud* Adam 2008) apresentam uma estrutura hierárquica que se compõe de cinco macroproposições narrativas de base (Pn), que corresponde aos cinco momentos (m) do aspecto: antes do processo (m1), o início do processo (m2), o curso do processo (m3), o fim do processo (m4) e depois do processo (m5). Ainda a respeito desse assunto, Adam (2008, p. 224) afirma que

---

<sup>13</sup> Un texte narratif est une structure hiérarchique complexe comprenant “n” séquences – elliptiques ou complètes – de même type ou de types différents. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

[...] toda narrativa pode ser considerada como a exposição de “fatos” reais ou imaginários, mas essa designação geral de “fatos” abrange duas realidades distintas: eventos e ações. A ação se caracteriza pela presença de um agente – ator humano ou antropomórfico – que provoca ou tenta evitar uma mudança. O evento acontece sob o efeito de causas, sem intervenção de um agente.

Além disso, cada história contada mobiliza personagens implicados em acontecimentos no eixo do sucessivo. Adam (1997, p. 81) afirma que “só falaremos de construção em forma narrativa quando uma ou várias proposições forem interpretáveis como Nó [Pn2] e como Desenlace [Pn4].” Deduzimos que uma narrativa, sustentada por um processo de intriga, apresenta a sequência narrativa em seu alto grau de narrativização. Esse processo consiste na seleção e organização de acontecimentos de maneira a formar um todo, uma história ou uma ação completa. A partir de um estado equilibrado, cria-se a tensão e desencadeia-se uma ou várias transformações, para isso são necessários seis constituintes, a serem citados no decorrer da explanação, que, reunidos, formam uma narrativa. Observemos o que afirma Adam (2009, p. 116):

Podemos dizer que a narrativa se encontra na base da epopeia, da fábula, da maior parte dos romances, das narrações teatrais clássicas de exposição ou de desfecho, mas se encontra igualmente na reportagem e no *fait-divers* jornalístico, na narração oral ou na anedota cotidiana (forma textual igualmente literária, a anedota é um tipo de narrativa exemplarmente intermediária entre gêneros “primários” e “secundários”).

Em consonância com o pensamento do autor acerca da intriga, presente no texto narrativo, Kaufman; Rodriguez (1995) afirmam que:

[...] os textos nos quais predomina a trama narrativa apresentam fatos ou ações em uma sequência temporal e causal. O interesse desses textos reside na ação através do qual adquirem importância as personagens que realizam e o momento em que esta ação é concluída. (KAUFMAN; RODRIGUEZ, 1995, p.16-17).

Compreendemos que a narrativa não está presente somente no texto literário, mas também em textos não literários. A intriga é, no entanto, o processo principal que constitui a história e, conforme Kaufman; Rodriguez (1995), os personagens e o momento adquirem importância para realização e conclusão das ações. Observamos que a teoria-base dos protótipos amplia a discussão. Segundo Adam (1992), a sequência narrativa caracteriza-se através de seis constituintes:

- sucessão de eventos, que consiste na delimitação de um evento inserido em uma cadeia de eventos alinhados em ordem temporal;

- unidade temática, que privilegia um sujeito agente, mesmo existindo vários personagens; um deverá ser o mais importante e desencadeará toda a ação narrada;
- predicados transformados, consiste no desenrolar de um fato que implica a transformação das características do personagem;
- processo, a narrativa deve apresentar um início, um meio e um fim;
- intriga, que dá sustentação aos fatos narrados, podendo levar o narrador a alterar a ordem processual natural dos fatos;
- moral, uma reflexão sobre o fato narrado que pode encerrar a verdadeira razão de se contar aquela história, mas não é parte essencial da narrativa, podendo vir implícita.

Para um aprofundamento maior acerca dos aspectos apresentados acima que correspondem à sequência narrativa, especificaremos cada parte isoladamente. Seguiremos a ordem elencada, anteriormente, privilegiando as partes mais importantes do protótipo.

Adam (1992) afirma que é necessária uma sucessão mínima de acontecimentos para que haja uma narrativa, devendo ocorrer em um tempo  $t$ , depois  $t + n$ . Apesar de necessário, esse critério não é de todo definitivo, porque existem textos que possuem uma dimensão temporal, mas não são narrativas. A temporalidade por si só não é suficiente e deve estar associada a uma tensão que fará com que a narrativa caminhe para  $t + n$ , ou seja, a situação final.

Além desse elemento, é necessário um ator-sujeito  $S$ , que pode ser animado ou inanimado de caráter antropomórfico situado em um tempo  $t$ , depois  $t + n$ . A presença desse ator, individual ou coletivo, sujeito de estado (paciente) e/ou sujeito operador (agente de transformação) parece ser um fator de unidade da ação quando associado à sucessão temporal e aos predicados que caracterizam o sujeito. Adam denomina esse elemento de unidade temática.

Os predicados transformados são outro aspecto importante, porque a narrativa completa apresenta uma série de acontecimentos encadeados, que garante a unidade da

história. O sujeito S do predicado inicial entra em disjunção com seu objeto. A esse respeito, afirma Adam (1992, p. 48) que

De modo menos global e menos diretamente inspirado no estudo dos contos maravilhosos, podemos simplesmente nos contentar com a ideia de predicados de ser, de haver ou de fazer, definindo o sujeito de estado S no instante t – início da sequência – depois no instante t + n – fim da sequência.

O autor reúne os três primeiros componentes – sucessão de eventos, unidade temática e predicados transformados – e, através de uma fórmula, destaca suas relações e implicações na inversão dos conteúdos postulados pela semiótica narrativa. Segundo Adam (1992), a fórmula é a seguinte: Situação inicial: [S é/ faz/ há ou não há X, X', etc., em t] e Situação final: [S é/ faz/ há ou não há Y, Y', etc., em t + n].

É necessária, na narrativa, uma transformação dos predicados no decorrer de um processo que permite precisar o componente temporal, associado à tensão, que forma o processo transformacional seguinte:

Situação inicial	Transformação (age ou sofre)	Situação final
ANTES	PROCESSO	DEPOIS
“começo”	“meio”	“fim”

QUADRO 01: ESQUEMA DO PROCESSO TRANSFORMACIONAL (ADAM, 1992, p. 48)

O processo transformacional comporta três momentos (m), denominados acima e ligados aos momentos constitutivos do aspecto. Esses dois extremos m1= ANTES DO PROCESSO e m5= DEPOIS DO PROCESSO redefinem o componente de temporalidade, integrando-o na unidade acional do processo. A fim de passar de uma simples sequência linear e temporal dos momentos, é necessário, operar-se o processo de intriga que passa da sucessão cronológica à lógica singular e introduz a problematização por meio de duas macroproposições narrativas – [Pn2] e [Pn4], inseridas entre situação inicial e o início do processo [Pn1], e entre o processo e a situação final [Pn5].

A lógica narrativa ou a causalidade narrativa está ligada ao nosso modo de raciocinar e não às leis do raciocínio formal, levando-nos a pensar que a motivação da narrativa é a confusão da consecução através da “colocação” da intriga. Na sequência narrativa, podemos observar melhor esse aspecto bem como diferenciaremos a tensão e

o desencadeador dois no decorrer do capítulo. A avaliação final encerra como o componente que pode propor um comentário sobre o desenrolar da história, ou uma moral em que se explicita a significação global, podendo ocorrer no início ou no fim da sequência. Adam (1997) utiliza-se também da noção de universo diegético a fim de designar o mundo construído por qualquer narrativa. Segundo Adam (1997, p. 38), a “[...] noção de HISTÓRIA parece próxima porque, correspondendo ao conteúdo geral de uma narrativa, abrange, ao mesmo tempo, o universo diegético e a intriga no seu desenvolvimento.”

Com base em todos esses elementos, o esquema prototípico da sequência narrativa constitui-se de cinco macroproposições que perfazem a situação inicial, a complicação, as (re)ações ou a avaliação, a resolução e a situação final; a moral pode ser explicitado ou não na narrativa. No decorrer deste capítulo, serão destacadas as considerações mais atuais da teoria da sequência prototípica narrativa. Vejamos a seguir o esquema da sequência narrativa conforme Adam (1992):

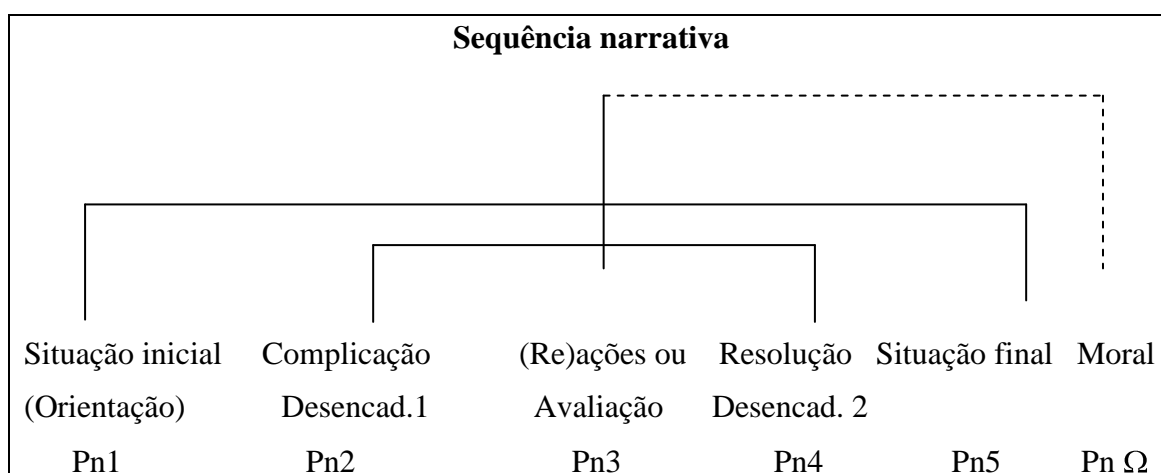


FIG.02: ESQUEMA DA SEQUÊNCIA NARRATIVA (ADAM, 1992, p. 57)

A intriga, a nosso ver, é um processo composto por ações, que culminam em uma relação de causa e efeito, em seu alto grau de narrativização. Além disso, a sequência narrativa pode vir forte ou fracamente segmentada. O processo de intriga constitui-se de elementos relevantes na construção da narrativa, pois se constrói a partir de três macroproposições que se apresentam sob a forma de: complicação [Pn2], re(ações) ou avaliação [Pn3] e resolução [Pn4]<sup>14</sup>. Segundo Adam (1997):

<sup>14</sup> Conforme demonstraremos, no decorrer do capítulo, a terminologia utilizada por Adam (1992), em relação ao processo de intriga, será diferente em obras mais recentes. A denominação mais atual é de Nó

[...] a Situação final [Pn5] reenvia à Situação inicial [Pn1] e o Desenlace [Pn4] é simétrico do Nó [Pn2]. A ação (ou Avaliação, se, em vez de agir, o narrador ou uma personagem avalia apenas a situação) [Pn3] está no centro do dispositivo, ela resulta diretamente do Nó [Pn2]. (ADAM, 1997, p. 80).

De acordo com essa afirmação, o linguista afirma que o impasse de uma narrativa pode estar presente no Desenlace. Ainda segundo Adam (2008, p.227) “[...] a base Pn1 é dinamizada por Pn2 e conduz a um estado transitório Pn3, que se interrompe, ele próprio, sob o efeito de Pn4 que leva ao final Pn5.” Por vezes, tensão dramática<sup>15</sup>, que, segundo Adam (1997), é uma noção puramente semântica e não ocupa lugar definido, é confundida com o Nó desencadeador da construção da intriga que é uma noção puramente composicional. A tensão dramática pode fazer parte da intriga, mas também é possível que haja uma intriga sem tensão dramática ou mesmo o inverso. Para ilustrar a explicação, citaremos um exemplo de composição com tensão dramática e outro com processo de intriga e também um exemplo de *script*. Esse último demonstra uma situação textual em que não há a tensão dramática e a intriga:

(01)

Era uma vez um príncipe. **Este queria desposar uma princesa, mas tinha de ser uma verdadeira.**<sup>16</sup> Então viajou pelo mundo inteiro para encontrar, mas não achou nenhuma que fosse perfeita. Princesas não faltavam, mas que fossem verdadeiras princesas, disso é que ele não estava muito seguro, havia sempre nelas algo que não estava perfeitamente bem. Então regressou ao palácio e continuava muito triste, de tal forma tinha desejado encontrar uma verdadeira princesa. (ADAM, 1997, p. 53-54).

(02)

É PRECISO FAZER SINAL AO MOTORISTA

A senhora esperava o autocarro

o senhor esperava o autocarro

**passa um cão preto a coxear**<sup>17</sup>

a senhora olha para o cão

o senhor olha para o cão

**e enquanto isso passou o autocarro**<sup>18</sup>. (ADAM, 1997, p. 81).

---

[Pn 2] e de Desenlace [Pn 4], essa mudança da nomenclatura não implica na incompreensão da sequência narrativa da proposta anterior.

<sup>15</sup> Terminologia utilizada pelo autor, mas proveniente de Tomachesvksi, B. Thématique, in Tzvetan Todorov, *Théorie de la littérature. Textes des formalistes russes*, Paris, Ed. du Seuil, col. Tel Quel, 1965.

<sup>16</sup> Grifo nosso.

<sup>17</sup> Grifo nosso.

<sup>18</sup> Grifo nosso.



(03)

Hoje, eu saí de casa para tomar o trem de 8h30, que chega a Turin às 10 horas. Tomei um táxi que me conduziu à estação; lá, comprei um bilhete e voltei ao bom cais; às 8h20, entrei no trem, que partiu na hora e que me conduziu a Turin. (ADAM, 1993, p. 53).

O primeiro exemplo é uma situação inicial problemática, porque o príncipe quer apenas como esposa uma verdadeira princesa – isso já destaca a tensão dramática – porém, no fim da sequência, ele não consegue ter sucesso em sua empreitada e fica “muito triste”. Já no segundo exemplo, observamos que o processo de intriga é iniciado pelo Nó desencadeador [Pn2], “passa um cão preto a coxear”, seguido das reações [Pn3] da senhora e do senhor que olham para o cão, encerrando o processo de intriga no último verso, Desenlace [Pn4], “e enquanto isso passou o autocarro”. Nenhuma tensão dramática é apresentada nessa situação. No terceiro exemplo, a situação elenca ações (*saí de casa, tomei um táxi, comprei um bilhete, voltei ao bom cais, entrei no trem*), mas não apresenta em sua estrutura o processo de intriga. Quando ocorre isso, é denominada de baixo grau de narrativização. Segundo Adam (1994, p. 97), “onde não há uma unidade de uma mesma ação, não há narrativa”<sup>19</sup>. De acordo com essa afirmação, desenvolvimento dessa ação, mas não há um processo de intriga que dinamize o texto, por essa razão, a narrativização presente constitui-se em um baixo grau.

Em sua obra de 1994, Adam faz algumas alterações no esquema da sequência narrativa, conforme abaixo:

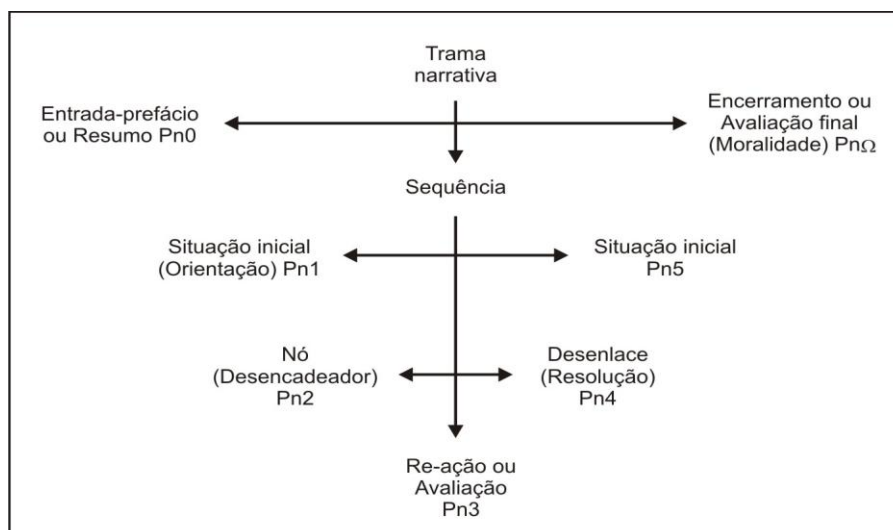


FIG.03: ESQUEMA DA SEQUÊNCIA NARRATIVA (ADAM, 2008, p. 228)

<sup>19</sup> Où il n’y a pas d’unité d’une même action, il n’y a pas de récit. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

No esquema prototípico narrativo supracitado, a Complicação é denominada também de Nó que substitui o desencadeador um, na Resolução é acrescentado o Desenlace que substitui o desencadeador dois no esquema de Adam (1992). As alterações, num primeiro momento, conferem às proposições “funções” mais específicas a intriga: Nó, Ações ou Avaliação e Desenlace determinantes na narrativa, que constituem, a nosso ver, as funções de maior peso e que foram analisadas no *corpus* de produções textuais. Na análise das produções textuais, optamos por esse esquema, mais atual, que consideramos mais completo e que atende as nossas expectativas no que se refere à construção da sequência narrativa.

## 1.2 O interacionismo sociodiscursivo – Jean-Paul Bronckart

A expressão interacionismo social, segundo Bronckart (2007)<sup>20</sup>, refere-se a uma posição epistemológica geral, em que se reconhecem diversas correntes da filosofia e das ciências sociais. A especificidade dos questionamentos e as variantes de ênfase teórica ou orientação metodológica dessas correntes aderem à tese de que as propriedades de conduta humana são o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos. O foco de interesse do interacionismo sociodiscursivo (doravante ISD) consiste em investigar as condições de desenvolvimento de formas particulares de organização social e, ao mesmo tempo, formas de interação de caráter semiótico, bem como desenvolver uma análise aprofundada das características estruturais e funcionais dessas organizações sociais e de sua interação semiótica. Segundo Bronckart (1998),

É possível distinguir entre as atividades olhando as motivações das espécies às quais elas estão ligadas (ex.: atividades de nutrição, reprodução, cuidado com o perigo). No caso das espécies socialmente organizadas (e em particular no caso do ser humano), a atividade se desenvolve através de ações; ela analisa funcionalmente estruturas ou subestruturas do comportamento orientadas aos objetivos e sustentadas pelo uso de regras do grupo. Assim, as ações formam as modalidades sociais práticas através das quais as atividades são realizadas. (BRONCKART, 1998, p. 73).

Segundo Bronckart (2007), as bases teóricas principais que fundamentam o ISD são encontradas na problemática aberta pela *Phénoménologie de l'esprit*, acerca da

---

<sup>20</sup> Esta obra original tem como título original *Activité langagière textes et discours: pour un interactionisme socio-discursif*, publicada em 1999, mas nos reportamos à tradução de 2007.

relação dos processos de hominização de Hegel, nas teses desenvolvidas por Cassirer de corrente neokantiana, no interacionismo social de Vygotsky, na epistemologia monista de Spinoza, nas contribuições da antropologia de Leroi-Gourhan, na socioantropologia de Morin, e nas abordagens filosóficas de Habermas e Ricouer.

O interacionismo, ao analisar estruturas e modos de funcionamento sociais, retoma a teoria original dos fatos elaborada por Durkheim, particularmente, ao referir-se à articulação que propõe entre representações coletivas, sociais e individuais e em trabalhos da sociologia e da psicossociologia. Nas abordagens de dimensão psicossociais, Bronckart (2007) refere-se aos trabalhos sobre a análise de gêneros e tipos textuais proveniente de Bakhtin e a análise das formações sociais elaboradas por Foucault (2008)<sup>21</sup>. Além disso, apóia-se na análise saussureana do arbitrário radical do signo que, de acordo com Bronckart (2007, p. 23), “[...] constitui uma contribuição teórica essencial para a compreensão do estatuto das relações de interdependência entre a linguagem, as línguas e o pensamento humano.”

Lembra Bronckart (2007) que alguns desses autores se destacam por sua relevância no estudo acerca das relações humanas e da linguagem, dentre eles, Vygotsky (1934; 2005)<sup>22</sup>, que constitui o fundamento mais radical do interacionismo e se articula com sua abordagem interacionista. Segundo Vygotsky (2005),

O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. Uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana. Espera-se apenas que, neste nível, o desenvolvimento do comportamento seja regido essencialmente pelas leis gerais da evolução histórica da sociedade humana. (VYGOTSKY, 2005, p. 63).

Bronckart (2007) afirma que, para Vygotsky (2005), a psicologia ocupava um lugar central no campo das ciências humanas, pois a problemática, posta pelo segundo autor, está confrontada à dualidade físico-psíquica dos fenômenos observáveis no ser humano. Por essa razão, abordagem interacionista, juntamente, com a epistemologia monista tomam como questão central da psicologia as condições evolutivas e históricas da emergência do pensamento consciente dos organismos humanos. Por meio da

---

<sup>21</sup> A obra original (1969) tem como título *L'Archéologie du Savoir*. Todavia, reportamo-nos à obra traduzida de 2008, cujo título é *Arqueologia do Saber*.

<sup>22</sup> A obra original (1934) tem como título *Thought and Language*. Todavia, reportamo-nos à obra traduzida de 2005, cujo título é *Pensamento e Linguagem*.

linguagem, a criança compreende que é capaz de agir sobre os outros e sobre si mesma, sobre seus comportamentos, depois sobre suas representações e, finalmente, começa a “pensar”. Esta é a tese central que Vygotsky procurou validar com suas pesquisas experimentais apresentadas em sua obra póstuma de 1934 e reflete-se, em parte, no estudo do ISD que remete as formas de interação de caráter semiótico.

Outro ponto de destaque está em Habermas<sup>23</sup> (1987 *apud* BRONCKART, 2007), que observa a cooperação dos indivíduos na atividade como regulada e mediada por verdadeiras interações verbais, e essa atividade caracteriza-se por uma dimensão denominada de agir comunicativo. Como sugere, particularmente, Habermas (1987 *apud* BRONCKART, 2007), existem três tipos de mundos que podem ser distinguidos: *mundo objetivo*, os signos remetem a aspectos do meio físico; *mundo social*, os signos incidem sobre a maneira de organização de tarefa, isto é, sobre as modalidades convencionais de cooperação entre membros do grupo; *mundo subjetivo*, os signos incidem sobre características próprias de cada um dos indivíduos engajados na tarefa. Através desse mediador do agir comunicativo, o homem transforma o meio nesses mundos representados constituindo, a partir daí, o contexto específico de suas atividades. Bronckart (2007, p. 34) pondera, então, que “a linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática.” Acerca dos tipos de mundo, ele afirma que,

Ao postular essa três formas de agir, Habermas está de fato defendendo uma hipótese central de acordo com a qual toda ação humana, como ela se desdobra, exhibe três formas de critérios de validade. Ela pressupõe um entendimento comum de um mundo objetivo, com base no qual os critérios de verdade podem ser avaliados; ela pressupõe compartilhar (a aceitação) de regras relacionadas com o mundo social, através do qual os critérios de apropriação possam ser avaliados. E finalmente, ela pressupõe o reconhecimento do mundo subjetivo de cada agente, através do qual os critérios de autenticidades possam ser avaliados. E são essas pressuposições abstratas (quer dizer, conteúdo independente e predeterminado) que constituem o contexto da ação humana ou da ação significativa. (BRONCKART, 1998, p. 75).

A narração, segundo Ricoeur<sup>24</sup>, propõe um mundo ficcional em que são colocados em cena acontecimentos e incidentes individuais que se organizam em uma estrutura configuracional significativa ou em história e é, em relação a essa história, que

---

<sup>23</sup> Destacamos este autor, apesar de não termos tido acesso à obra original, pois, interessa-nos seus pontos de vista por acrescentar informações relevantes à nossa pesquisa no que se refere à narrativa.

<sup>24</sup> A leitura não foi feita do original, conforme podemos observar, mas de Ricoeur (1983, 1984, 1985 *apud* BRONCKART, 2007) este sustenta que a elaboração de estruturas narrativas pode ser interpretada como um trabalho que visa a superar esse estado de discordância, a fim de compreender o mundo e propor sua refiguração ou esquematização.

os acontecimentos e sua sucessão temporal ganham sentido. As narrações assim constituídas têm o estatuto de obras abertas, nas quais os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas, mas também a compreensão de seu estatuto de agente.

Acerca do interacionismo sociodiscursivo na visão de Bronckart (2002):

De outro lado, nossas pesquisas propriamente psicológicas nos haviam conduzido a admitir que a unidade de análise central do funcionamento humano é da ordem da ação; era preciso que desde então identificássemos uma unidade de análise linguageira que “corresponda” à ação, em outros termos, identificar o nível da organização linguageira no qual se manifestam o mais claramente nas relações de interdependência entre o acional e a linguagem, e este nível era indiscutivelmente aquele o dos textos/discursos<sup>25</sup>. (BRONCKART, 2002, p. 07).

De acordo com Bronckart (2007), as considerações anteriores acerca da linguagem remetem a quatro aspectos principais deste estudo: a atividade e a ação da linguagem; textos e intertextos; os tipos de discurso; os mecanismos enunciativos e o esquema do folhado textual. Partindo da influência das correntes citadas anteriormente, amplia sua noção de texto, aspecto de nosso interesse para a pesquisa, definindo-a como “[...] toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o seu destinatário.” (BRONCKART, 2007, p. 71). Essa definição da noção de texto, conforme Bronckart, consiste em uma unidade comunicativa de nível superior. Acerca das ideias do autor, devemos entender que o texto é uma unidade concreta de produção de linguagem, estando, necessariamente, ligada a um gênero que se compõe de tipos de discurso<sup>26</sup> apresentando os traços das decisões tomadas pelo produtor individual, em função da situação comunicativa.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o contexto de produção de um texto é definido como um conjunto de parâmetros que influenciam na sua organização. Essa influência advém de fatores denominados mundos físico, social e subjetivo, estando os dois últimos intrinsecamente ligados. Como defende Bronckart, pode-se observar a estrutura do texto denominada de primeiro plano. Acerca disso, ele afirma que:

---

<sup>25</sup> D'un autre côté, nos recherches proprement psychologiques nous avaient conduit à admettre que l'unité d'analyse centrale du fonctionnement humain est de l'ordre de l'action; il nous fallait dès lors identifier une unité d'analyse langagière qui <<corresponde>> à l'action, en d'autres termes, identifier le niveau de l'organisation langagière auquel se manifestent le plus nettement les relations d'interdépendance entre l'actionnel et le langagier, et ce niveau était indiscutablement celui des textes/ discours. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

<sup>26</sup> De acordo com Bronckart (2007), apresentam-se como regularidades de estruturação linguística.

[...] todo texto resulta de um comportamento verbal concreto, desenvolvido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo; portanto, todo texto resulta de um ato realizado em um contexto ‘físico’, que pode ser definido por quatro parâmetros precisos: o lugar de produção, o momento de produção, o emissor e o receptor. (BRONCKART, 2007, p. 93).

Acerca do contexto de produção no segundo plano conforme Bronckart (2007):

[...] a produção de todo texto inscreve-se no quadro de uma formação social e, mais precisamente, no quadro de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras etc.) e o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir). Esse contexto sociosubjetivo também pode ser decomposto em quatro parâmetros principais: o lugar social, a posição social do emissor, a posição social do receptor e o objetivo. (BRONCKART, 2007, p. 94).

Esses planos de organização do texto constituem-se no que Bronckart (2007) denomina de folhado textual composto por três camadas superpostas: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Bronckart (2003, p. 59) também afirma que “um texto singular, ou uma produção textual, constitui uma sequência de comportamentos verbais que podemos isolar no decurso das atividades humanas.” De acordo com essa afirmação, o autor trata da “ação linguageira” ou “ação que implica a linguagem”, que se desenvolve em situações (ou contexto geral), podendo ser definida por quatro conjuntos de parâmetros não hierárquicos que são os seguintes: a situação material da enunciação; o quadro social; o modo de relação entre a ação linguageira e ação não linguageira; as representações do mundo. Essas quatro categorias de parâmetros podem definir diversas espécies de ações linguageiras de um ponto de vista exclusivamente psicológico, isto é, sem prejudicar as características linguísticas efetivas dos textos que serão produzidos. Assim, Bronckart (2003) salienta que:

[...] todo exemplar de texto (ou texto empírico) pode então ser definido como uma entidade linguística correspondente, por um lado, à unidade psicológica que constitui a ação linguageira, e elaborada, por outro lado, em interação com um dos modelos de gêneros disponíveis em um dado estado de língua. (BRONCKART, 2003, p. 61).

Algumas dessas colocações serão ampliadas no decorrer da pesquisa por se fazerem importantes para atestar o objetivo que pretendemos atingir ao trabalhar com o ISD, focando, principalmente, o tipo de discurso narração e observando a presença da sequencialidade, ou seja, a sequência narrativa de Adam nesse tipo de discurso. Sabemos que Bronckart não tem como objetivo analisar as sequências, mas as acrescenta a seus tipos de discurso, utilizando-se, em parte, do esquema prototípico de

Adam como construto teórico, respaldando os tipos de discurso com uma análise de texto e de contexto de produção. Além disso, as sequências de Adam apresentam-se no tipo de discurso narração, segundo Bronckart (2007), alternando-se nas seguintes combinações: sequência narrativa e descritiva. Por essa razão, observamos como é pertinente tomar os dois autores e nos utilizarmos, em parte, dessas duas teorias para nossa pesquisa, porque em alguns aspectos há uma complementaridade.

### 1.2.1 Tipologia textual Intermediária

Segundo Canvat (1996, s/p), “as tipologias intermediárias constroem-se sobre uma base cuja classificação essencialmente constitui-se de um modelo enunciativo da intenção comunicativa e das condições de produção”<sup>27</sup>. Ainda, segundo esse autor, a tipologia de Bronckart teve, em sua primeira forma, um papel determinante na ancoragem enunciativa de espaço/ tempo, locutor, interlocutor da situação material de produção. Numa segunda forma, sofreu forte influência dos trabalhos da interação social de Vygotsky destacando como mais importante o lugar social, o enunciador, o destinatário e o objetivo.

Para Bronckart (2003, p.53), as classificações intermediárias colocam em “correspondência uma categoria de critérios de ordem pragmática e uma ou diversas categorias de ordem linguística, considerando-se as marcas linguísticas mais ou menos dependentes diretamente dos critérios pragmáticos ativados.” O autor comenta acerca de uma rede de fatores pragmáticos que seria privilegiada: o modo enunciativo, a intenção comunicativa e as condições sociais de produção. Segundo Canvat (1996), a tipologia de texto de Bronckart responde a uma lacuna deixada por Benveniste quando este distingue enunciação histórica e enunciação do discurso, alguns textos não revelam nenhuma das duas categorias ou apresentam mais de uma como, por exemplo, uma narrativa de vida ou uma narrativa fantástica.

Conforme Canvat (1996) afirma que a tipologia de Bronckart acentua a ancoragem de textos e seu lugar de situação de enunciação. Esta ancoragem está presente na função de conjunção e de disjunção entre o referente do discurso ou a

---

<sup>27</sup> Les typologies intermédiaires se construisent sur une base dont le foyer classificatoire est essentiellement constitué du mode énonciatif de l'intention de communication et des conditions de production. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

situação de produção. Em Bronckart (2007, p. 152), “as operações de construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático mobilizado em um texto parecem poder ser resumidas a uma decisão de caráter binário.” Essas coordenadas podem ser disjuntas da coordenada do mundo ordinário<sup>28</sup> da ação de linguagem ou essas coordenadas são conjuntas às ações de linguagem. Na primeira situação, referem-se a fatos passados e atestados (da ordem da história), a fatos futuros e a fatos plausíveis ou imaginários, ancorados em uma origem espaço-temporal. Na segunda situação, os fatos apresentam-se acessíveis no mundo ordinário dos protagonistas da interação de linguagem, por não serem narrados, são mostrados ou expostos. De acordo com Bronckart (2007):

Quando nos colocamos na ordem do NARRAR, o mundo discursivo é situado em um “outro lugar”, mas esse outro, entretanto, deve permanecer, como um mundo parecido, isto é, um mundo que deve poder ser avaliado ou interpretado pelos seres humanos que lerão o texto. Esses mundos, ao mesmo tempo situados à distância e parecidos, podem, por isso, apresentar graus diversos de desvios em relação às regras em vigor no mundo ordinário: desvio fraco para os mundos construídos no quadro dos gêneros históricos, mas desvios potencialmente mais importantes para os mundos construídos no quadro do gênero romance de antecipação, ou ainda do gênero fábula, conto ou parábola. (BRONCKART, 2007, p.153-154).

Na ordem do EXPOR, o conteúdo temático dos mundos discursivos conjuntos são interpretados segundo critérios de validade do mundo ordinário, o que se confirma pelo fato de que a ficção nos mundos da ordem do NARRAR apresentam-se como uma característica normal do gênero adotado, mas nos mundos da ordem do EXPOR será objeto de avaliação baseada em critérios de elaboração e de validação dos conhecimentos no mundo ordinário. Além disso, há uma segunda oposição binária explicitada por Bronckart (2007), que explicita a relação das instâncias de agentividade com os parâmetros materiais da ação da linguagem em textos ou segmentos de texto; ou essa relação não é explicitada causando uma relação de independência ou indiferença em relação aos parâmetros da ação de linguagem em curso. No primeiro, o texto mobiliza ou “implica” os parâmetros da ação de linguagem, pois é necessário ter acesso às condições de produção do texto para interpretá-lo já que as referências dêiticas são integradas ao próprio conteúdo temático. No segundo, o texto apresenta uma relação de “autonomia” com parâmetros da ação da linguagem e a interpretação desse texto não requer nenhum conhecimento das condições de produção.

---

<sup>28</sup> Mundo real dos seres humanos.



Dessa forma, estabelece-se o cruzamento de quatro mundos distintos: mundo do EXPOR implicado, mundo do EXPOR autônomo, mundo do NARRAR implicado e mundo do NARRAR autônomo; esses mundos cruzados resultam em tipos de discurso conforme Canvat (1996, s/p):

[...] esses tipos de discurso são identificáveis para as marcas linguísticas explícitas (pronomes, determinantes, modos, tempos, conectivos lógicos ou temporais entre frases ou parágrafos). É precisamente nestes que reside o interesse particular desta tipologia: ao evidenciar a correlação entre as configurações de unidades linguísticas e os tipos de texto, ela permite mostrar que a leitura/escrita de um Discurso Teórico, por exemplo, é diferente da leitura/escrita de uma Narração, e assim por diante<sup>29</sup>.

Essa tipologia associada à noção de sequencialidade de Adam aprofunda questões relativas à produção de um texto e a sua infraestrutura, destacamos, no entanto, que a teoria de Bronckart complementa o estudo realizado com as produções textuais de alunos do ensino fundamental II.

### 1.2.2 O modelo de análise de textos

Nos estudos desenvolvidos por Bronckart, ele assume um posicionamento epistemológico em que a linguagem desempenha um papel central no funcionamento psíquico e em seu desenvolvimento nas atividades e ações. Desses estudos, surge o modelo proposto pelo ISD de análise de texto que o autor se propõe a analisar o discurso, de onde advém a denominação de analista do discurso. A fim de compreendermos esse modelo, nosso ponto de partida será rever o conceito de ação como uma unidade psicológica que é o objeto de estudo privilegiado pelo autor. A ação constitui-se como tarefa a ser realizada por meio de operações, não inatas, mas aprendidas, no decorrer das experiências dos agentes. Segundo Bronckart (2007), a ação de linguagem, que é um conjunto de operações de linguagem, constitui uma unidade que resulta em um texto. Para a realização dessa ação, a responsabilidade é atribuída a um indivíduo particular que é motivado e orientado por objetivos. De acordo com

---

<sup>29</sup> Ces types de discours sont repérables par des marques linguistiques de surface (pronomes, déterminants, modes, temps, connecteurs logiques ou temporels entre phrases ou paragraphes). C'est précisément là que reside l'intérêt particulier de cette typologie: mettant en évidence la corrélation entre les configurations d'unités linguistiques et les types de textes, elle permet de montrer que la lecture/ l'écriture d'un «<Texte Théorique>>, par exemple, est différente de la lecture/ l'écriture d'une «<Narration>> et ainsi de suite. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

Bronckart (2006, p. 143), “os textos são produtos da operacionalização de mecanismos estruturantes diversos, heterogêneos e, por vezes, facultativos.” Quanto aos gêneros de textos, apresentam-se como produtos e configurações de escolhas possíveis, encontram-se momentaneamente “cristalizados” ou estabilizados pelo uso.

Para Machado (2007, p. 252), “o modelo proposto para essas operações não pode ser visto como um modelo linear, embora sua exposição linear possa provocar essa interpretação.” Primeiramente, as operações envolvem a mobilização de conhecimentos sobre a situação e a adoção de um gênero específico. Essa situação, denominada de ação de linguagem, é compreendida do ponto de vista interno e ela corresponde ao conjunto de representações que servem de base de orientação para a ação de linguagem. Machado (op. Cit.) afirma que a ação de linguagem envolve: conteúdos que serão verbalizados, espaço-tempo em que o emissor e o receptor se situam, produtor (no aspecto físico), destinatário (no aspecto físico), lugar social em que se realiza a interação e onde vai circular o texto, papéis sociais desempenhados pelo emissor e pelo receptor e efeitos que o produtor deseja produzir no destinatário. De acordo com Machado (2007, p. 253):

Embora esses conhecimentos sejam de uma construção sócio-histórica, eles também não podem ser vistos como meras cópias das representações sociais, dada a influência das histórias de vida particulares na sua construção ontogenética. Por outro lado, o fato de serem oriundos do social determina que sejam pelo menos parcialmente compartilhados pelos participantes das interações e também pelos intérpretes ou analistas da ação de linguagem pertencentes à mesma sociedade e cultura. É isso que permite que, no processo de análise de textos, o passo inicial do analista seja levantar hipóteses a respeito da situação de ação de linguagem em que se encontrava o produtor.

Vejamos o quadro a seguir que se divide em três níveis e elenca as operações envolvidas na produção de linguagem constituindo o modelo de análise de Bronckart:

OPERAÇÕES	NÍVEIS DA ANÁLISE
1) Mobilização de representações sobre: - o contexto físico da ação - o contexto sócio-subjetivo - conhecimentos de mundo que podem ser valorizados 2) Adoção do gênero	1) Levantamento de hipóteses sobre as representações do produtor: - o contexto físico da ação - o contexto sócio-subjetivo - conhecimentos de mundo que podem ser verbalizados 2) Levantamento de conhecimentos já construídos sobre o gênero em questão
3) Gerenciamento da infraestrutura textual	3) Análise da infraestrutura textual 3.1) identificação dos tipos de discurso e de sua

3.1) escolha do(s) tipos de discurso	articulação
3.2) seleção e organização global e local dos conteúdos	3.2) identificação do plano global do texto e dos tipos de sequências
4) Textualização	4) Identificação dos mecanismos de textualização
4.1) estabelecimento de relações entre os segmentos, enunciados, orações	4.1) da conexão e da coesão nominal e verbal
4.2) estabelecimento de um posicionamento enunciativo:	4.2) de mecanismos enunciativos:
- gerenciamento das vozes	- de inserção de vozes
- expressão de modalizações	- de modalização
5) Construção de enunciados	
6) Seleção de itens lexicais	

QUADRO 02: OPERAÇÕES E NÍVEIS DE ANÁLISE (BRONCKART, 1996 *apud* MACHADO, 2007, p. 254)

Esse modelo implica analisar o texto inferindo as condições de produção (contexto), a infraestrutura textual e a textualização (mecanismos de textualização e enunciativos), extrapolando o texto em si e fazendo ver que a ação de linguagem é um instrumento para o homem interagir na sociedade através do discurso. É relevante destacar que o discurso não constitui um texto, mas entra em sua composição.

### 1.2.3 Modo de planificação

A noção de sequência/protótipo, denominação dada por Adam, apresenta-se em Bronckart sob modo de planificação de linguagem, que se desenvolve no interior do plano geral de texto, ou seja, nos níveis infraordenados em relação à unidade-texto. Esse modo de planificação que se apresenta de diferentes formas nos tipos de discurso pode organizar-se através de sequências textuais ou de *script* quando ambos se referem ao Mundo do Narrar. Segundo Bronckart (2008, p. 89):

O último aporte de nossas pesquisas a ser ressaltado é a elaboração de um modelo da arquitetura textual, que distingue três níveis. O mais profundo deles, a infraestrutura, comporta dois regimes de organização nitidamente diferentes. O primeiro é o da planificação geral do conteúdo temático, que é regida cognitivamente, no sentido de que essa planificação não mostra nenhuma formatação propriamente linguageira, uma vez que o plano geral de um texto depende da amplitude dos conhecimentos temáticos mobilizados pelo agir e dos mecanismos de transformação obrigatória de conhecimentos que são simultâneos para a ordem do sucessivo.

Os tipos de discurso advêm do que Bronckart denomina mundos discursivos que contribuem para colocar em interface representações individuais (em organismo-agente) e representações coletivas (em obras humanas). Esses mundos são virtuais, contrastando com o mundo ordinário; eles são considerados sistemas de coordenadas formais que devem mostrar o tipo de relação que mantém com o mundo da atividade humana, ou seja, o mundo ordinário. Conforme Bronckart (2006):

Esses tipos constituem-se, na realidade, como formatos obrigatórios dessa colocação em interface. Quando o agente (re)produz um tipo de discurso, ele deve proceder ao planejamento interno dos segmentos envolvidos, aprendendo, assim, a ativar esses processos, indissoluvelmente mentais e linguageiros, que são os raciocínios: raciocínios práticos implicados nas interações dialogais; raciocínios causais/ cronológicos implicados nos relatos e nas narrações; raciocínios de ordem lógica e/ou semilógica implicados nos discursos teóricos. (BRONCKART, 2006, p.155).

Essa mediação através dos tipos apresenta um caráter mais restritivo que a mediação por meio dos gêneros de textos, na medida em que a margem de adaptação dos agentes é fortemente limitada pelas propriedades do sistema da língua e/ou representações. Baltar (2008) afirma que:

[...] a decisão de Bronckart de colocar em relevo o que ele chama de tipos de discurso pode ser produtiva para a compreensão do folhado que configura os textos/ gêneros, visto que estes indicariam algumas regularidades que existem nas atividades e ações de linguagem próprias à configuração dos gêneros textuais, constituindo uma camada intermediária entre os gêneros e os mecanismos de textualização e de enunciação. (BALTAR, 2008, p. 151).

De acordo com Bronckart (2007), os mundos discursivos constroem-se com base em dois subconjuntos de operações não denominados pelo autor. As primeiras organizam o conteúdo temático de um texto e as coordenadas do mundo ordinário, explicitando a relação existente entre as coordenadas gerais. As segundas dizem respeito ao relacionamento entre as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal e, de outro lado, os parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor eventual e espaço tempo de produção). O autor faz o cruzamento entre tipos psicológicos e mundos discursivos permitindo a seguinte combinação:

	Coordenadas gerais dos mundos		
		Conjunção	Disjunção
		<b>EXPOR</b>	<b>NARRAR</b>
Relação ao ato	<u><b>Implicação</b></u>	<u><b>Discurso interativo</b></u>	<u><b>Relato interativo</b></u>
de produção	<u><b>Autonomia</b></u>	<u><b>Discurso teórico</b></u>	<u><b>Narração</b></u>

QUADRO 03: ESQUEMA DOS TIPOS DE DISCURSO (BRONCKART, 2007, p.157)

Como o próprio Bronckart (2007, p. 155) diz, “esses mundos assim como as operações em que se baseiam não são, entretanto, identificáveis, senão a partir das formas linguísticas que os semiotizam, sendo eles, portanto, dependentes dessas formas linguísticas.” Destacaremos, entretanto, o mundo do NARRAR que se divide em relato interativo e narração. O relato interativo, segundo Bronckart (2007), é um tipo de discurso que se desenvolve em uma situação de interação, podendo ser real (e originalmente oral) ou posta em cena, no quadro de um gênero escrito como o romance. Por apresentar um caráter monologado se traduz pela ausência de frases não declarativas. O relato interativo caracteriza-se também pela implicação dos parâmetros da interação verbal. As unidades linguísticas referem-se diretamente às personagens-agente dessa interação e outras unidades explicitam a relação existente entre o quadro espaço-temporal dos acontecimentos narrados e o da interação verbal.

A narração constitui-se em um tipo de discurso, geralmente, escrito e sempre monologado que comporta frases declarativas<sup>30</sup>. Caracteriza-se por verbos no pretérito perfeito e imperfeito, com a presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos, etc.)<sup>31</sup> e pela presença conjunta de anáforas pronominais e de anáforas nominais, apesar de estas serem comuns a outros tipos de discurso. Articula-se com um mundo cujas instâncias de agentividade são autônomas em relação a esses parâmetros.

Os acontecimentos ou ações constitutivas da história são simplesmente dispostos em ordem cronológica sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. Essa organização linear é denominada por Bronckart de *script* ou grau zero da planificação dos segmentos da ordem do NARRAR. O *script* organiza o conteúdo

<sup>30</sup> Segundo Bronckart (2007), o termo declarativo refere-se a uma acepção lógica ou cibernética: um conhecimento estabilizado (ordem do saber), por oposição a um conhecimento procedimental (ordem do saber-fazer).

<sup>31</sup> Bronckart apresenta essas categorias, porém nossa pesquisa contemplará três delas: tempos verbais, organizadores temporais (advérbios e conjunções temporais) e pronomes.

temático em uma ordem cronológica de acontecimentos narrados que são mais frequentes nos relatos. Nas palavras de Bronckart (2007):

[...] de nossa parte, chamamos de atividade narrativa o processo em funcionamento em todo discurso da ordem do NARRAR. Para designar os produtos dessa atividade, falamos de relato interativo, quando se constrói um mundo discursivo que implica os parâmetros da ação da linguagem, e de narração, quando se constrói um mundo autônomo em relação a esses mesmos parâmetros. (BRONCKART, 2007, p.182).

Salientamos que os tipos de discurso podem ser “puros” ou “ideais”, podendo se combinar ou interpenetrar em modalidades complexas. Uma hipótese levantada por Bronckart (2007) acerca do quadro da prática dos tipos/mundos discursivos supracitados é que eles se constroem e se desenvolvem em diversas formas de raciocínio humano – raciocínio causal/temporal nos mundos do NARRAR (relato e narração). Já o raciocínio de senso comum apresenta-se no discurso interativo e o raciocínio lógico-argumentativo, no discurso teórico.

Segundo Bronckart (2008, p. 89),

é no quadro desses tipos discursivos que se realizam os modos de planificação propriamente linguístico que são as sequências (cf. ADAM, 1992), que se organizam em orações ou cláusulas, descritas pelas teorias sintáticas.

Para nossa pesquisa, faz-se necessário o estudo da planificação, pois constitui a infraestrutura textual em paralelo com a concepção de Adam acerca da estrutura interna do texto, havendo em ambos os autores, neste aspecto, uma complementação apesar das diferenças existentes entre as teorias.

## Capítulo 2

---

### Categorias de Análise

Para compreensão das partes que constituem as categorias de análise de nossa pesquisa, deter-nos-emos em alguns aspectos relevantes, tais como: os tempos verbais, os organizadores temporais e os pronomes. Os itens serão distribuídos, conforme citado anteriormente, e os subitens apresentarão a seguinte ordenação: tempos verbais tratados por Benveniste e Weinrich, o tempo narrado em Adam, o tempo do Narrar em Bronckart e o aspecto verbal. Seguiremos com os organizadores temporais, destacando advérbios e conjunções, e os pronomes na visão de Adam e de Bronckart.

#### 2.1 Tempos verbais na narrativa

Os tempos verbais constituem um importante elemento na sequência narrativa, porque permitem ao produtor do texto construir uma história, com determinados tempos verbais, que conferem ao texto o caráter de um “mundo criado” ou de um acontecimento real. Baseamo-nos, para compreensão dos tempos da narrativa, nos estudos anteriores de dois importantes teóricos, Benveniste (2005)<sup>32</sup> e Weinrich (1968), na concepção de Adam (1997; 2008) e de Bronckart (2007), que também os tomam por base. Além disso, apresentaremos alguns pontos do aspecto verbal que foram abordados com os discentes nas oficinas que culminaram na construção do *corpus* de produções textuais desta pesquisa.

---

<sup>32</sup> A obra original tem como título *Problèmes de linguistique générale*, publicada em 1966, mas nos reportamos à edição de 2005, cujo título é *Problemas de linguística geral*.

### 2.1.1 A enunciação histórica e a enunciação do discurso

Segundo Benveniste (2005, p. 260), “o conjunto das formas pessoais do verbo francês é tradicionalmente distribuído entre certo número de paradigmas temporais denominados presente, imperfeito, passado definido, etc.”, que são distribuídos em três categorias de tempo: presente, passado e futuro. O paradigma gramatical, segundo o autor, é entendido, tradicionalmente, como pertencente à mesma conjugação por todas as formas verbais serem formadas por um mesmo tema, ou seja, por seu caráter morfológico. Porém, a organização dos tempos verbais depende de um sistema que se distribui em dois planos de enunciação distintos e cada um deles compreende apenas uma parte dos tempos do verbo, mas todos estão em uso concorrente e permanecem disponíveis para o locutor. O estudo sobre verbos em francês apresenta dois planos da enunciação denominados *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*.

A enunciação histórica caracteriza a narrativa dos acontecimentos passados e está reservada à língua escrita. Segundo Benveniste (2005, p. 262), “trata-se da apresentação dos fatos sobrevividos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor da narrativa.” O historiador não se utiliza das pessoas EU e TU, porque a narrativa histórica é, estritamente, desenvolvida sob as formas da terceira pessoa. No plano da enunciação histórica, admitem-se os seguintes tempos: o aoristo<sup>33</sup>, o imperfeito, o mais-que-perfeito e o prospectivo – um tempo perifrástico substituto do futuro. Benveniste (2005) afirma:

Os acontecimentos são apresentados como se produziram, à medida que aparecem no horizonte da história. Ninguém fala aqui; os acontecimentos parecem narrar-se a si mesmos. O tempo fundamental é o aoristo, que é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador. (BENVENISTE, 2005, p. 267).

Quando, em uma narrativa histórica, aparece um discurso ou o historiador reproduz as palavras de uma personagem e/ou ele próprio intervém para julgar os acontecimentos, passa a outro sistema temporal que é a enunciação do discurso. Emprega-se livremente no discurso todas as formas pessoais do verbo, de maneira explícita ou não, a relação de pessoa está presente em todo o texto. Como o narrador não intervém, a terceira pessoa não se opõe a nenhuma outra, ocorrendo, na realidade,

---

<sup>33</sup> Equivale, na língua portuguesa, ao pretérito perfeito e se apresenta na narrativa na terceira pessoa, segundo Benveniste (2005, p. 267), “é o tempo do acontecimento fora da pessoa de um narrador.”



uma ausência de pessoa, pois ela não apresenta o mesmo valor que a terceira pessoa da narrativa histórica. O registro dos tempos verbais é mais amplo no discurso com exceção do aoristo, que é uma forma típica da história, porém existem três tempos fundamentais do discurso – presente, futuro e perfeito. De acordo com Benveniste (2005, p. 270), “como o presente, o perfeito pertence ao sistema linguístico do discurso, pois a marca temporal do perfeito é o momento do discurso, enquanto a marca do aoristo é o momento do acontecimento.” O discurso exclui o aoristo, mas a narrativa histórica emprega-o, retendo as formas da terceira pessoa. Adam (2008) constrói um quadro-esquema que caracteriza esse terceiro subsistema enunciativo de base representado deste modo:

<b>Ordem do discurso</b>		
Enunciação “histórica” Narração histórica Diegetização autônoma	Narração de discurso Diegetização ligada	Enunciação de discurso Interação-discussão
<b>Ordem da narração (Diegetização)</b>		

QUADRO 04: ESQUEMA DE SUBSISTEMAS ENUNCIATIVOS DE BASE (ADAM, 2008, p.288)

Em algumas situações, a enunciação histórica e a do discurso podem conjugar-se num terceiro tipo de enunciação. Quando isso ocorre, o discurso é referido em termos de acontecimento e transposto para o plano histórico, comumente, é denominado de discurso indireto.

Todorov e Genette apresentam pontos de vista que podem contribuir para a compreensão das ideias de Benveniste. Todorov (2008)<sup>34</sup> apresenta dois aspectos que se assemelham aos de Benveniste: a história e o discurso, no entanto, esses aspectos podem aparecer ao mesmo tempo na obra literária. O primeiro com um sentido que evoca certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que lembrariam os da vida real. Conforme o autor, a história poderia ser relatada por outros meios, um filme, por exemplo, ou poderia ser ouvida pela narrativa oral. Porém, a obra é, ao mesmo tempo, discurso, porque há um narrador que relata a história e um leitor, que a percebe. Neste caso, de acordo com Todorov (2008, p. 221), “não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los.” Para ele, esses dois aspectos, a história e o discurso, são igualmente literários. A retórica clássica ter-se-ia ocupado da história originada da *inventio* e do discurso da *dispositio*, pois:

<sup>34</sup> Esta obra original (s/d) tem como título *L'Analyse structurale du récit*, mas nos reportamos à obra traduzida de 2008, cujo título é *Análise estrutural da narrativa*.

Não é necessário crer que a história corresponda a uma ordem cronológica ideal. É suficiente que haja mais de um personagem para que esta ordem ideal se torne extremamente afastada da história “natural”. A razão disto é que, para salvaguardar esta ordem, deveríamos saltar a cada frase de um personagem para outro para dizer o que este segundo personagem fazia “durante este tempo”. Pois a história raramente é simples: contém frequentemente muitos “fios” e é apenas a partir de um certo momento que estes se reúnem. (TODOROV, 2008, p. 222).

Além disso, existem dois modos mais concretos apresentados pelo autor acerca do que já foi citado anteriormente: a representação e a narração. Supõe-se que estes dois modos na narrativa contemporânea vêm de duas diferentes origens – a crônica e o drama. Segundo Todorov (2008), a crônica ou a história acredita-se ser pura narração, o autor simplesmente é testemunha que relata fatos, os personagens não falam e as regras são as do gênero histórico. Ao contrário, no drama, a história não é relatada, não há narração, porque segundo esse autor a narrativa está contida nas réplicas dos personagens.

Julgamos importante lembrarmos, sucintamente, desses aspectos tratados por Todorov, pois eles remetem a Escola de Narratologia que já demonstrava interesse em compreender a narrativa e o que a diferencia de outros textos. No entanto, percebemos que essas diferenças não atendem, prontamente, ao objetivo da pesquisa, apenas acrescentam as teorias-base aspectos do estudo da narrativa que ampliam nosso conhecimento acerca do assunto.

Genette (2008) acrescenta que as essências da narrativa e do discurso não se encontram quase nunca em estado puro em nenhum texto. A narrativa inserida no discurso se transforma em elemento do discurso, já o discurso inserido na narrativa permanece discurso. De acordo com o autor,

A razão desta dissimetria é de resto muito simples, mas nos designa um caráter decisivo da narrativa: na verdade, o discurso não tem nenhuma pureza a preservar, pois é o modo “natural” da linguagem, o mais aberto e o mais universal, acolhendo por definição todas as formas; ao contrário, é um modo particular, definido por um certo número de exclusões e de condições restritivas (recusa do presente, da primeira pessoa, etc.). O discurso pode “narrar” sem cessar de ser discurso, a narrativa não pode “discorrer” sem sair de si mesma. (GENETTE, 2008, p. 282).

O acréscimo de Genette, acerca do estudo da narrativa, retoma as sequências inseridas mencionadas por Canvat (1996) ao diferenciar os três tipos de tipologização textual: homogênea, intermediária e heterogênea. Genette explica que não há narrativa

em estado puro e concordamos, porque compreendermos que há uma sequência dominante, conforme Adam (2008), e essa sequência prevalece sobre as demais.

Desse modo, os autores citados contribuem para enriquecer os aspectos identificados na narrativa. Adam, no entanto, ao tratar das sequências, em especial a narrativa, acrescenta à estrutura-base elementos que visam assegurar o vínculo de proposições e seu “empacotamento” sob a forma de macroproposições constitutivas de uma dada sequência que compõe a infraestrutura de um texto.

### 2.1.2 O mundo narrado e o mundo comentado

Nos estudos de Weinrich (1968), os dois grupos de tempos verbais são denominados de grupo I e II. Segundo o autor, há uma “obstinação” da linguagem em colocar o morfema pessoal do verbo, porque assegura lógica ao verbo, à oração e à situação comunicativa, reproduzindo o modelo fundamental da comunicação. Weinrich (1968) posiciona-se a respeito disso afirmando que:

As situações comunicativas em que atualizamos a linguagem são tão diversas como podem ser as situações da vida e nenhuma é igual a outra, porém isto não exclui a possibilidade de tentar construir sua tipologia. Esta tentativa constitui, ao mesmo tempo, uma tarefa própria da linguística, já que na linguagem não se atualiza no vazio, mas sim em situações concretas que se encontram e condicionam mutuamente “comportamentos” linguísticos e extralinguísticos<sup>35</sup>. (WEINRICH, 1968, p. 62).

Essas situações comunicativas são exemplificadas pelo teórico como pedido de informação, relato de história, descrição de um objeto ou cena, a produção ou leitura de uma carta, um comentário, etc. Os exemplos aqui citados são, conforme o tipo de texto, inclinados para um dos grupos que são denominados de mundos<sup>36</sup> narrado e comentado. Para Weinrich (1968, p. 67), “o narrar é um comportamento característico do homem<sup>37</sup>”, quando um texto é narrado, empregamos parte da língua prevista para narrar e, em particular, os tempos do relato. Quanto ao mundo comentado, o falante está em tensão e seu discurso é dramático, porque trata de aspectos que lhe afetam diretamente. O

---

<sup>35</sup> Las situaciones comunicativas en las que actualizamos el lenguaje son tan diversas como puedan serlo las situaciones de la vida y ninguna es igual a otra, pero esto no excluye la posibilidad de intentar su topología. Este intento constituye al mismo tiempo una tarea propia de la linguística, ya que en el lenguaje no se encuentran y condicionan mutuamente “comportamientos” linguísticos y extralinguísticos. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

<sup>36</sup> Conforme o teórico, o “mundo”, do qual se trata, é um possível conteúdo de uma comunicação linguística.

<sup>37</sup> El narrar es un comportamiento característico del hombre. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

falante, nessa situação, está comprometido e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo, ou seja, a situação linguística.

O mundo narrado, que nos interessa particularmente, consiste em informar a quem escuta uma comunicação, que ela é um relato. Weinrich (1968) afirma que o texto narrado encontra-se também fora da literatura, ou seja, no texto não-literário. Segundo o autor, os tempos do presente (mundo comentado) e o imperfeito (mundo narrado) não têm a função de informar se os fatos ocorreram no presente ou no passado, mas sim demonstrar a maneira de como devemos escutar. O “cantar” conjugado no presente, por exemplo, exige uma determinada postura, atitude que pode apresentar-se sob a forma de: uma opinião, uma valoração, etc. Se o mesmo verbo estiver conjugado no pretérito imperfeito será do mundo narrado e não se impõe a ele que haja uma postura, conforme o anterior, sobre a história contada, pois é a situação comunicativa que a marca qualitativamente. Segundo o autor, isso ocorre, porque o mundo narrado é indiferente ao nosso tempo. Quanto à diferença entre as línguas, o espanhol e o francês, conforme o autor, elas apresentam variações nos tempos verbais da narração do imperfeito e do perfeito. Na nossa língua, essa variação não ocorre, porque nos utilizamos do pretérito perfeito e do imperfeito, com mais recorrência na narrativa, e do presente histórico dependendo da circunstância.

### 2.1.3 O tempo narrado em Jean-Michel Adam

Os estudos de Adam sobre os tempos verbais tomam por base Benveniste e Weinrich, que se dedicam mais ao assunto e, por isso, se complementam. Antes de tratarmos dos tempos verbais adequados à narrativa, propriamente dita, enfocaremos sobre a noção de universo diegético e de temporalidade na história narrada. Segundo Adam (1997), essa noção retoma os estudos de Platão e Aristóteles acerca da diegese (ou narrativa simples) e da mimese (ou imitação). A distinção move Platão a criar uma tripla categorização denominada de narrativo puro, de mimético puro (o teatro) e de gênero misto ou alternado (a epopeia). Aristóteles retoma essas noções e considera a representação teatral um gênero mimético e a noção de diegese é estendida aos fatos relatados pelo narrador. Adam (1997) afirma que há uma confusão terminológica, preferindo usar o termo diegese, porque mimese é, por vezes, ambíguo no sentido específico de “mundo representado” *pelo e no* texto. Ainda segundo Adam (1997):

Utilizar-se-á a noção de UNIVERSO DIEGÉTICO para designar o mundo singular construído por qualquer narrativa. A noção de HISTÓRIA parece próxima, porque corresponde ao conteúdo geral de uma narrativa, abrange, ao mesmo tempo, o universo diegético e a intriga no seu desenvolvimento. (ADAM, 1997, p. 38-39).

O universo diegético é construído pelo leitor/ouvinte a partir do que é dito, mas também do que é pressuposto no texto e, de acordo com o gênero, os universos diegéticos podem apresentar-se ou não no texto de forma explícita situados num tempo histórico. Conforme Adam (1997, p. 56), “distinguir-se-á, pois, um eixo do narrante (o TEXTO ou ENUNCIADO propriamente dito na sua linearidade oral ou escrito) e um eixo do narrado (a HISTÓRIA).”

Adam (2008), tomando por base Benveniste e Weinrich, desenvolve um aspecto de configurações preferenciais de paradigmas verbais divididos em quatro modos: a enunciação direta ou “enunciação de discurso”, a diegetização autônoma ou “enunciação histórica”, a diegetização ou narração de discurso e a enunciação de verdades gerais. Destacaremos o modo de diegetização autônoma – equivalente à enunciação histórica de Benveniste (2005) e ao mundo narrado de Weinrich (1968) – por tratarmos em nossa pesquisa de questões relativas a esse assunto. Nesse modo, a ancoragem dos acontecimentos é não-atualizada, isto é, a trama<sup>38</sup> temporal dos acontecimentos está afastada da situação de enunciação. O enunciado cria seus próprios pontos de referência internalizados ao mundo construído pelo texto e a referência temporal deve ser procurada numa dêixis classificada por Adam como secundária. O IMP, o OS<sup>39</sup> e seus correspondentes compostos (PqP1 e PA<sup>40</sup>) são tempos preferenciais desse modo de enunciação. Conforme Adam (2008), esses tempos verbais são complementados numa

[...] visada retrospectiva que se constrói, gradualmente, com a ajuda da forma perifrástica do *passé récent* formado com o IMP (*venait de* + INF); depois, com a ajuda do PqP2, cujo valor de encerrado se enfraquece em favor de um valor temporal. A visada prospectiva realiza-se com a ajuda dos verbos *aller* e *devoir* [ir e dever] no IMP e do COND<sup>41</sup>[...]. (ADAM, 2008, p. 293).

<sup>38</sup> Preferimos, no entanto, usar a expressão “intriga”, presente na maior parte das traduções pesquisadas por nós nesta pesquisa.

<sup>39</sup> Esses tempos, no português, correspondem ao pretérito imperfeito do indicativo e pretérito perfeito respectivamente.

<sup>40</sup> Correspondem ao mais-que-perfeito e o pretérito perfeito compostos respectivamente.

<sup>41</sup> Esse tempo em português corresponde ao futuro do pretérito.

Os tempos verbais são marcas linguísticas extremamente importantes na construção da narrativa e criam a possibilidade de “transportar” o leitor/ouvinte para um plano de enunciação diferente do tempo real. O aoristo – termo utilizado por Benveniste (2005) – é o tempo verbal do pretérito perfeito usado na narrativa em terceira pessoa como recurso para construir a ideia de que os fatos narram-se por si mesmos. Para cada autor citado acerca desse assunto, o tempo verbal tem um papel primordial na construção desse mundo narrativo autônomo, por essa razão, encontramos nesses autores e no próximo, que será comentado no item seguinte, respaldo para compreendermos porque determinados tempos verbais funcionam com um determinado valor semântico e para desenvolvimento dos acontecimentos na narrativa.

#### 2.1.4 O tempo do narrar em Jean-Paul Bronckart

Conforme Bronckart (2007), os tipos de discurso fazem parte da infraestrutura textual e são infraordenados relativamente à unidade comunicativa denominada de texto. Os tipos de discurso do mundo do NARRAR dividem-se em relato interativo e narração e este terá maior destaque na pesquisa por ser, em parte, nosso objetivo. Segundo Miranda (2008, p. 165-165), “os tipos de discurso traduzem operações cognitivas, mas são observáveis enquanto estruturas do material linguístico.” Isso nos chama atenção para fazermos uma leitura comparativa com Adam que trata, em parte, das sequências textuais também numa perspectiva cognitiva. Porém, vamos nos ater, neste item, em explanar os tempos verbais no tipo de discurso narração. Expomos dois exemplos retirados do próprio autor que ilustram o relato interativo e a narração esclarecendo a explicação, mas que não têm o caráter de uma análise profunda.

O relato interativo:

(04)

--É... então, eu vou te explicar por cima o que é minha vida.

--Tá.

--É... eu **nasci**<sup>42</sup> no correio de J.

--Em J.

--Em J. É, minha tia **era** cobradora dos correios, minha mãe era ajudante; então é, lá, bom, **tinha** um quadro de vida; meu pai **partiu** para a guerra, eu não o

---

<sup>42</sup> Grifos nossos.

**conheci** porque era muito pequena; mamãe **largou** os correios nesse momento [...].” (BRONCKART, 2007, p. 174).

Constitui-se este tipo de discurso em relato interativo por apresentar, em sua estrutura, verbos no pretérito perfeito e no imperfeito, organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais etc.) e anáforas (nominais e pronominais). No exemplo acima, identificamos os tempos verbais de um fato real (nasci, era, tinha, partiu, conheci, largou), ou seja, implicado em ações do mundo ordinário, e uma anáfora pronominal (pronome **o** referindo-se a pai).

A narração:

(05)

“**Um dia**<sup>43</sup>, um mágico **inventou** uma máquina de fabricar cometas. **Ela** se **parecia** um pouquinho com a máquina de cortar caldo<sup>44</sup>, mas, ao mesmo tempo, **era** diferente e **servia** para **fazer** todas as espécies de cometas à escolha: grandes ou pequenos, amarelos ou vermelhos, de cauda simples ou dupla, etc. [...].

Mas ninguém **queria** a máquina.

O pobre mágico jamais **ganhava** um centavo **sequer** e de, tanto pular refeições, era pele e osso. Um dia em que não **tinha** mais fome do que habitualmente, **ele transformou** a máquina de fazer cometas em um enorme pedaço de gorgonzola, que **devorou** imediatamente.” (BRONCKART, 2007, p.177).

Apresenta-se o tipo de discurso narração com os tempos verbais do pretérito perfeito e do imperfeito, tendo um papel específico na marcação de contrastes aspectuais. Além desses tempos de base, são acrescentadas formas compostas correspondentes ao mais-que-perfeito composto, futuro do pretérito e formas complexas<sup>45</sup>, organizadores temporais (advérbios e conjunções subordinativas que serão destacadas em nossa pesquisa), presença conjunta de anáforas pronominais e nominais, ausência de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural.

No texto em análise, identificamos os tempos verbais no pretérito perfeito e imperfeito (inventou, parecia, era, queria, tinha, transformou, devorou) seguido de formas complexas (**servia** para **fazer**, **ganhava** um centavo **sequer**) organizadores temporais (Um dia), anáforas pronominais (pronome **ela** referindo-se à máquina,

<sup>43</sup> Grifos nossos.

<sup>44</sup> Apesar de parecer estranho “máquina de cortar caldo” encontra-se assim na tradução feita por Anna Rachel Machado e Péricles Cunha na obra *Atividade de linguagem, textos e discursos*: por um interacionismo sociodiscursivo, por essa razão, manteremos a oração conforme escrito pelo tradutor.

<sup>45</sup> Apresentam-se como auxiliar no imperfeito mais infinitivo e marcam uma relação de projeção no curso da atividade narrativa.

pronome **ele** referindo-se ao mágico) todos destacados em negrito, quanto às anáforas nominais não foram encontradas neste exemplo. Além dos traços linguísticos, a narração é autônoma no sentido em que é um mundo a parte ao mundo ordinário e nesse exemplo com elementos de um mundo irreal (fantasioso).

O estudo dos elementos destacados acima são marcas linguísticas que demonstram, em parte, a estrutura estabilizada dos gêneros, em especial, dos gêneros do narrar. Alguns desses mecanismos de textualização, que destacamos no texto, referem-se à coesão verbal, servem para introduzir e retomar predicados ou sintagmas verbais, além de assegurar a organização temporal e/ou hierárquica dos processos. Os verbos (unidades lexicais de ação) e seus determinantes (auxiliares e flexões) contribuem, sobretudo, para a progressão do conteúdo temático. Assim se expressa Baltar (2004):

Esses mecanismos, atribuídos com características de temporalidade, aspectualidade e de modalidade, são responsáveis pela marcação das relações de continuidade e de descontinuidade interna dos textos. As duas primeiras características: temporalidade (simultaneidade, anterioridade, posterioridade) e aspectualidade (verbos de estado, de ação contínua, de ação acabada, de realização, etc.) têm a ver mais com a progressão do conteúdo temático do texto [...]. (BALTAR, 2008, p. 88).

Bronckart (2007) admite que os valores de temporalidade sejam expressos pelos determinantes dos verbos (ou tempos verbais presente, passado composto etc.) em interação com alguns subconjuntos de advérbios. Esses valores também devem ser analisados em termos de relações entre o momento da fala (ou momento de produção) e o momento do processo expresso pelo verbo em que podem ser identificadas as relações de simultaneidade entre os dois momentos (formas do presente), de anterioridade do momento do processo, em relação ao momento de produção (formas do passado) e posterioridade do processo, em relação ao momento de produção (formas do futuro). O autor reconhece o papel específico dos tempos verbais, mas contesta o caráter ao mesmo tempo binário e fisicalista desse tipo de abordagem. Este se refere às relações temporais estabelecidas apenas entre dois termos, aquele dois termos são definidos como momentos objetiváveis. As relações temporais devem ser consideradas sob três parâmetros: o momento da produção, o momento do processo e o momento psicológico da referência, que são reformulados por Bronckart (2007) como: processo, eixo de referência temporal e duração de produção. Para uma análise dos mecanismos de coesão verbal, consideram-se três categorias de parâmetros: os processos verbalizados com



suas propriedades aspectuais e sua propriedade temporal; os eixos de referência, podendo ser global ou local, e a duração psicológica associada ao ato de produção.

Com base nisso, Bronckart (2007) propõe também quatro funções de coesão verbal que estão relacionadas aos tipos de discurso: temporalidade primária e secundária; contraste global e local. Na temporalidade primária, distinguem-se localizações de simultaneidade, anterioridade e de posterioridade, associadas ao ato de produção verbal, além das localizações neutras de isocronia<sup>46</sup>, retroação e projeção, associada a um eixo global de referência temporal. Em francês, a isocronia apresenta-se sob a forma de passado simples<sup>47</sup> ou pelo imperfeito, a retroativa na forma de passado anterior ou pelo mais-que-perfeito<sup>48</sup> e a projetiva é marcada pelo imperfeito perifrástico ou pelo condicional<sup>49</sup>. Quanto à temporalidade secundária, relaciona-se uma ação a outra ação objeto de uma determinada localização na temporalidade primária. Dois planos de ação, com relação ao contraste global, são distinguidos em: primeiro e segundo planos. Conforme Bronckart (2007):

A função de contraste global consiste em marcar a oposição entre (ao menos) duas séries isotópicas<sup>50</sup> de processos denotados por sintagmas verbais: uma série de processos colocados em primeiro plano, uma outra (ou outras) série(s), em segundo plano. (BRONCKART, 2007, p. 290).

Essa função de contraste global, em francês, é marcada no processo de primeiro plano pelo passado simples ou pelo passado anterior, no processo de segundo plano pelo imperfeito ou pelo mais-que-perfeito, tendo esses tempos verbais também valor de temporalidade primária. Essa função pode também interagir com as sequências narrativas constituídas geralmente de cinco fases principais: situação inicial, nó, ação/avaliação, desenlace e situação final. Nas fases iniciais e finais, os processos geralmente são postos em segundo plano enquanto nas fases de ações e de desenlace são postas em primeiro plano, caracterizando a fase nó (complicação) por uma oposição entre esses dois planos. Um exemplo retirado de Baltar (2004) ilustra a ocorrência dos tempos verbais na narração.

---

<sup>46</sup> Segundo Bronckart (2007), o termo indica a progressão da atividade narrativa que se desenvolve paralelamente à progressão dos acontecimentos da diegese.

<sup>47</sup> Em português, corresponde ao pretérito perfeito.

<sup>48</sup> Em português, esses dois tempos correspondem ao mais-que-perfeito composto.

<sup>49</sup> Em português, corresponde ao futuro do pretérito.

<sup>50</sup> De acordo com Bonini (2005), são laços de sentido que ligam uma categoria a outra no decorrer de um enunciado (texto).

(06)

[...] **correu** até o bosque e não **encontrou** ninguém. O sol *estava* se pondo, *fazia* frio. Ao longe, *via* a fumaça de uma chaminé acesa. *Era* uma casinha modesta de madeira sem cercas, apenas com algumas árvores ao redor. **Seguiu** em direção do casebre. **Bateu** na porta, **entrou** e **encontrou** sua amiga preparando algo para comer. **Saiu** para buscar mais lenha [...]. (BALTAR, 2004, p. 90).

Destacamos, para efeito de sentido, os tempos do pretérito perfeito e pretérito imperfeito, ambos marcados de maneira diferenciada, para demonstrar o contraste através de formas distintas com relação à progressão temática do texto. O texto avança numa linha vertical, destacado pelos verbos no pretérito perfeito, e numa linha horizontal, expande-se com verbos no pretérito imperfeito. Quanto aos planos, os pretéritos perfeitos estariam no primeiro plano, enquanto os pretéritos imperfeitos estariam no segundo plano. Porém, isso não é regra geral porque existem situações em que a ordem é inversa por está atrelado a outras funções e processos.

Nossa observação acerca dos tempos verbais, que marcam a narrativa, o verbo é um mecanismo que faz progredir o conteúdo temático do texto bem como aquele que influencia no desenvolvimento dos acontecimentos e no provável gênero em que está inserido. Além disso, os verbos desempenham um papel importante na construção do tipo discurso narração do mundo do NARRAR, porque compõem a organização linguística do texto narrativo.

### 2.1.5 A noção de temporalidade e aspectualidade verbal

De acordo com Wachowicz (2008), o tempo é uma categoria semântica que se refere aos momentos do presente, do passado e do futuro. Ao tratar da aspectualidade, refere-se também a categoria semântica, porém de forma mais abstrata, demonstrando como esses momentos do tempo verbal estão organizados pelas ações. Conforme Duarte (2000, p. 97), “a categoria de tempo se refere ao momento da ocorrência do processo visto do momento da comunicação” e constitui-se em dois momentos: o momento da comunicação e o momento do processo. Em nossa língua, os tempos se dividem em oposições entre passado x presente x futuro. Cada um apresenta características diversas. O presente indica uma relação de simultaneidade entre o momento da comunicação e o momento de ocorrência do processo. O passado, denominado de pretérito, apresenta

relação de anterioridade entre o momento do processo e o momento da comunicação, e o futuro indica uma relação de posterioridade. No que se refere ao aspecto, assunto que destacamos neste momento da pesquisa, Travaglia (1991) afirma que:

entende-se aspecto como uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o da realização da situação, do seu desenvolvimento e o do seu completamento. Portanto o aspecto diz respeito ao tempo interno, de realização da situação. (TRAVAGLIA, 1991, p. 66).

Conforme o quadro a seguir, retirado de Travaglia (1991), observamos como se apresentam as noções aspectuais e os aspectos:

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	DURATIVO
			b. Ilimitada	INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada	ITERATIVO
			b. Ilimitada	HABITUAL
2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL	
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		NÃO-COMEÇADO
		A' Preste a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		
		B. Não-Acabado ou Começado		NÃO-ACABADO ou COMEÇADO
	C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		ACABADO	
	C. Acabado			
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B. Meio		CURSIVO
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO
	3. Completamento	A. Completo		PERFECTIVO
		B. Incompleto		IMPERFECTIVO
Ausência de noções aspectuais			Aspecto não atualizado	

QUADRO 05: CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTOS (TRAVAGLIA, 1991<sup>51</sup>, p. 66-67)

Destacaremos desse quadro apenas a noção de completamento acerca do perfectivo e imperfectivo, porque, no período das oficinas de produção textual para a coleta do *corpus*, construímos atividades que levassem o aluno a compreender esse aspecto e o uso do verbo no texto. Segundo Duarte (2000), o verbo, em seu aspecto perfectivo, apresenta a situação como completa, em sua totalidade; esse aspecto está presente em quase todas as situações, porque existem, basicamente, duas formas de expressar situações: uma em que não se atenta para as fases de desenvolvimento

<sup>51</sup> O quadro de caracterização de aspectos foi elaborado em 1981, mas nos reportamos à tese de Travaglia de 1991.

(perfectivo) e outras em que se atenta para as fases de desenvolvimento (imperfectivo). O aspecto imperfectivo, por sua vez, caracteriza-se por apresentar a situação como incompleta. Nesse aspecto, a situação parece ser vista de dentro. Em nossa língua, o imperfeito do indicativo é o tempo verbal mais utilizado para atualização do referido aspecto, mas o presente pode também assumi-lo. Wachowicz (2008, p. 594) afirma que:

no texto narrativo, há entre a situação inicial e as ações um movimento de aspectualização que vai do valor imperfectivo ao perfectivo, podendo esses valores serem sobrepostos por leituras estativas/iterativas e leituras episódicas/resultativas, respectivamente.

Observamos também, em Fiorin (2004), que o pretérito perfeito, tempo verbal trabalhado com os estudantes, de um modo geral, marca uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento da referência presente, primeira característica que o marca como enunciativo. Esse tempo verbal assume o aspecto de perfectivo e apresenta um caráter pragmático no texto, porém acumula duas funções: a de anterioridade em relação a um momento de referência presente e concomitância em relação a um momento de referência pretérito. Este pertencente ao sistema enuncivo<sup>52</sup> e aquele ao sistema enunciativo. O tempo verbal mais-que-perfeito é outro que indica uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência pretérito. Pode se apresentar sob duas formas: simples e composta. Conforme Fiorin (2004):

a forma analítica do pretérito mais que perfeito exprime, ao mesmo tempo, a relação de anterioridade e o aspecto perfectivo, enquanto a forma sintética apresenta apenas a relação de anterioridade. Como, no pretérito mais-que-perfeito, a anterioridade ao pretérito é, por definição, acabada, é natural que a forma sintética vá sendo menos usada. (FIORIN, 2004, p. 177).

Bronckart (2007) enfatiza que a aspectualidade também é destacada em dois tipos de processos denominados de aspecto lexical e aspecto morfológico. O primeiro refere-se às propriedades intrínsecas dos processos semiotizados pelo verbo e o segundo refere-se à tomada de um processo em sua realização total, numa fase de seu desenvolvimento ou em sua fase de acabamento. Conforme Bronckart (2007):

Os mecanismos de coesão verbal são, seguramente, do domínio da textualização, na medida em que organizam o conjunto dos processos semiotizados em um texto, seja situando-os em relação a um parâmetro de

---

<sup>52</sup> Segundo Fiorin (2004), refere-se aos sistemas temporais: um ordenado em função de momentos de referência passado ou futuro instalado no enunciado, denominado enuncivo, e outro relacionado ao momento de referência presente diretamente ao momento da enunciação, denominado enunciativo.

controle, seja distribuindo-os em níveis hierárquicos diferentes. (BRONCKART, 2007, p. 313).

De acordo com esses pesquisadores, fizemos uma triagem de assuntos que poderiam ser tratados com os alunos de 6º ano, a fim de compreenderem o sentido do uso do tempo verbal no texto. Destacamos os pretéritos e o presente histórico do qual trata Benveniste já citado e comentado e, conforme dito anteriormente, as oficinas que prepararam os alunos para a produção de textos contemplaram em parte esses tempos verbais.

## **2.2 Organizadores temporais e pronomes**

Além dos tempos verbais, apresentamos duas categorias que complementam à narrativa: os organizadores temporais, representados pelas conjunções e advérbios que auxiliam os verbos, e os pronomes que permitem reconhecer as anáforas pronominais no texto. A fim de auxiliar na construção do texto narrativo, as duas categorias são elencadas a seguir tomando por base os estudos de Adam e de Bronckart acerca do assunto conforme os itens anteriores.

### **2.2.1 Organizadores temporais: advérbios e conjunções**

De acordo com Adam (1997), qualquer narrativa que se constitui por uma sucessão de ações/acontecimentos, leva tempo e desenrola-se no tempo. Entretanto, isso não significa dizer que, necessariamente, todo texto que apresente ideia de temporalidade é uma narrativa. As receitas, os guias de montagem, os textos judiciais comportam uma dimensão temporal, mas isso não implica que sejam narrativas propriamente ditas. Segundo Adam (1997, p. 54), “o tempo é um constituinte necessário, mas não suficiente, para definir um texto (ou uma sequência) como uma narrativa.”

Fiorin (2004) afirma que há diferenças entre o tempo cronológico<sup>53</sup>, o tempo físico e o tempo linguístico. Destacamos este último por estar ligado ao exercício da fala e ter seu centro no presente da instância da fala. De acordo com Adam (1997), apóia-se em índices temporais de várias ordens: indicações temporais absolutas mais ou menos precisas, indicações relativas à situação de fala ou de escrita (“aqui” e “agora” contextuais) e indicações temporais relativas ao cotexto. Na narrativa, apresentam-se os tempos verbais, conforme comentamos anteriormente, mas também os organizadores temporais que seguem as classes de palavras: advérbios e conjunções, seguidos de suas respectivas locuções.

Adam (2008) também afirma que os organizadores temporais podem se combinar conforme uma ordem de informatividade crescente: *E + então + depois + após/em seguida/ mais tarde/ logo em seguida*. Apresentaremos um quadro retirado de Adam (1997) para exemplificar alguns organizadores temporais:

<b>REFERÊNCIA TEMPORAL ABSOLUTA:</b>	
a. “histórico”:	Quarta-feira à tarde 20 de julho (1993) Em 1515, no dia de Páscoa
b. vago:	Uma vez, no futuro, no passado
<b>REFERÊNCIA TEMPORAL RELATIVA:</b>	
a. no cotexto:	Na véspera, nessa manhã
(enunciado)	Imediatamente ... enquanto ... durante ... Pouco depois
b. no contexto:	Ontem, ao fim da tarde, esta manhã
(situação)	

QUADRO 06: ORGANIZADORES TEMPORAIS (ADAM, 1997, p. 58)

Segundo Weinrich (1968, p. 79), “os advérbios temporais, ou seja, os tempos, ordenam-se em dois grupos e nos informam, em primeiro lugar, se nos referimos ao mundo narrado ou ao mundo comentado”<sup>54</sup>. Conforme esse autor, existem tempos no mundo narrado e no mundo comentado, dessa forma, os advérbios seguiriam essa lógica havendo também advérbios pertencentes a cada mundo. Como defende Pinto (2004):

Outras formas, de variado perfil morfossintático, se prestam igualmente à mesma função, constituindo-se num quadro aberto. São os chamados marcadores ou organizadores temporais. Entretanto, a expressão da temporalidade pode por vezes não ser marcada linguisticamente, mas apenas contextualmente. (PINTO, 2004, p.44).

<sup>53</sup> Este se caracteriza pelo tempo marcado por acontecimentos, o tempo do calendário enquanto o tempo físico caracteriza-se pelo movimento dos astros, que determinam a existência de dias, anos, etc.

<sup>54</sup> Los adverbios temporales, lo mismo que los tiempos, se ordenan en dos grupos y nos informan, en primer lugar, si nos hallamos en el mundo narrado o en el mundo comentado. (Tradução sob nossa responsabilidade.)

Para Bronckart (2007), há três mecanismos de textualização denominados de conexão, coesão nominal e coesão verbal. Daremos ênfase somente à conexão que contribui para marcar as grandes articulações da progressão temática, sendo realizadas por um subconjunto de unidades chamadas de organizadores textuais. Elas garantem a transição entre os tipos de discurso constitutivos de um texto, entre fases de sequências ou outra forma de planificação, que podem, ainda, assinalar articulações entre frases.

Pinto (2004) afirma, em sua pesquisa, que a expressão da temporalidade nos enunciados/textos, através da coesão temporal, tanto na construção da temporalidade quanto na sua manifestação, são vistas na perspectiva do quadro do ISD. E nessa perspectiva, os fenômenos adquirem relevância especial, porque constituem parte de um processo mais amplo, de clarificação e de reconfiguração das ações humanas através dos discursos. Pinto (2004, p. 46) defende que

o mecanismo da coesão temporal pode ser visto como um princípio construtivo e constitutivo do discurso e nele aplicado, para expressar e atribuir coerência às relações de temporalidade intrínsecas e inerentes a toda atividade linguageira humana.

Os mecanismos de conexão explicitam as relações existentes entre os diferentes níveis de organização de um texto. No nível mais englobante, os mecanismos de conexão assumem a função de segmentação e, num nível inferior, esses mecanismos podem marcar pontos de articulação entre fases de uma sequência ou de outra forma de planificação. A função específica no nível inferior é denominada de demarcação ou balizamento. Em um nível mais inferior que o anterior, os mecanismos podem explicitar as modalidades de integração das frases sintáticas à estrutura que constitui a frase da sequência ou de outra forma de planificação e são denominadas de empacotamento. Assim se expressa Bronckart (2007, p. 264) a respeito da função do empacotamento: “por extensão, consideraremos que são esses mecanismos que articulam duas ou várias frases sintáticas em uma só frase gráfica, exercendo, assim, uma função de ligação (justaposição, coordenação) ou de encaixamento (subordinação).” A marcação da conexão em francês<sup>55</sup> pode ser reagrupada em quatro categorias principais: a) um subconjunto de advérbios ou de locuções advérbias com caráter transfrástico; b) um subconjunto de sintagmas preposicionais, que são regidos ou pela micro (assumindo a função de adjunto adverbial) ou pela macrossintaxe (estatuto de estrutura adjunta); c) as coordenativas (em sua forma simples ou mais complexa); d) as subordinativas. Essas

---

<sup>55</sup> Essas marcas de conexão em francês correspondem às mesmas em português.

marcas pertencem às categorias gramaticais diferentes e se organizam em sintagmas, assumindo funções específicas na micro e macrossintaxe. Como assevera Bronckart (2007, p. 267), “podemos observar, então, que os organizadores com valor temporal aparecem, de modo privilegiado, nos discursos da ordem do NARRAR.”

De acordo com essas considerações acerca dos mecanismos de conexão, especificamente, organizadores temporais, percebemos que essas marcas complementam-se com os tempos verbais; elas assumem a função peculiar de garantir a temporalidade, auxiliando os tempos verbais na construção desse processo na narrativa.

### 2.2.2 Pronomes

Essa categoria que tem como objetivo garantir a continuidade referencial é assegurada pelas retomadas de elementos introduzidos na memória. Conforme Adam (2004, p. 132), “essas retomadas textuais são possibilitadas por certas propriedades da língua: pronominalização, definitização, referenciação dêitica co-textual e co-referência lexical.”

Destacaremos neste item as anáforas pronominais que, de acordo com Adam, podem ser denominadas de fiel quando o mesmo lexema é retomado e infiel se não é exatamente o mesmo lexema. Nessa concepção, geralmente, as anáforas pronominais não indicam nenhuma nova propriedade do objeto e, por definição, é considerada fiel. As anáforas apresentam-se sob outra forma denominada de anáforas demonstrativas que indicam a identificação, relação de segmento posto na memória, mas o faz operando uma reclassificação do objeto do discurso. De acordo com Adam (2004, p. 142), “esse poder de reclassificação (que a anáfora definida não possui) é a característica maior da anáfora demonstrativa.” Assim se expressa Adam (2004) acerca do assunto:

Todas as formas de anáforas e de cadeias de co-referência visam, certamente, manter um *continuum* homogêneo de significação, uma isotopia mínima do discurso por retomadas-repetições, mas asseguram, ao mesmo tempo, a progressão por novas especificações e mobilização das referências virtuais dos lexemas utilizados. (ADAM, 2004, p. 145).

Há, porém, concepções, tais como Koch, Apothéloz e Reichler-Béguelin, mais recentes sobre os processos anafóricos que não serão discutidos aqui, pois não são de interesse desta pesquisa, que concebem a referenciação anafórica como um processo



bem mais amplo, abrangente cujos elementos referenciais apresentam um papel muito importante e variado na construção dos sentidos do texto e isso inclui a atuação pronominal. Essa constatação será mais bem explicitada por ocasião da análise de textos dos alunos.

Podemos observar que as ligações anafóricas exercem um importante papel não somente na coesão, mas na progressão do texto, por meio de modificações progressivas de um referente que não se limita a retornar, podendo constituir-se em padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos. Conforme Marcuschi (1983, p. 40), “não vemos o texto como uma sequência linear de unidades justapostas, mas sim como sequência de ações continuadas.” Ainda de acordo com esse autor, as formas pronominais no texto apresentam-se sob dois tipos básicos: a exófora<sup>56</sup> e a endófora. Este é um tipo de pronominalização textual que faz referência a entidades recobráveis no texto e subdividem-se em anáfora e catáfora. A primeira refere-se a entidades projetivamente, de maneira que sua ocorrência se dá antes da expressão correferente, a segunda, refere-se a entidades já introduzidas e vem depois das expressões correferentes. Esses conceitos complementam as colocações de Adam acerca das anáforas presentes também na obra de Marcuschi (2008), ele afirma que:

Embora as definições sejam claras e não haja como confundi-las, a realização textual da pronominalização é problemática. Muitas vezes, cria ambiguidades, principalmente quando há várias probabilidades de referenciação. O exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e a uma dificuldade crescente de processamento cognitivo. (MARCUSCHI, 2008, p. 111).

Segundo Bronckart (2007), os mecanismos de coesão nominal demonstram relações de dependência existentes entre argumentos que compartilham uma ou várias propriedades referenciais. A marcação dessas relações se dá através de sintagmas nominais ou pronomes, organizados em série, inseridos em estruturas oracionais e assumindo uma função sintática determinada. As funções podem ser de: introdução que consiste em marcar a inserção de uma unidade de significação nova; retomada que consiste em reformular essa unidade-fonte – antecedente. A marcação da coesão nominal pode ser feita por duas categorias de anáforas: a) a categoria de anáforas pronominais – composta de pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos – podendo se incluir a marca  $\emptyset$  que significa a transformação de apagamento

<sup>56</sup> Segundo Marcuschi (1983, p.41), “diz respeito a elementos situacionais, externos ao texto e recuperáveis na situação diretamente e não via de expressões correferentes dentro do texto.”

do pronome; b) a categoria de anáforas nominais – composta por sintagmas nominais de diversos tipos. De acordo com Bronckart (2007):

A escolha efetiva das unidades anafóricas, assim como a das unidades de conexão, pode ser dependente do tipo de discurso em que essas unidades aparecem. Na medida em que os tipos da ordem do NARRAR, normalmente, colocam em cena séries de personagens, encontraremos aí, mais frequentemente, anáforas pronominais de terceira pessoa, no âmbito das seqüências descritivas integradas a esses mesmos tipos, encontraremos, frequentemente, anáforas nominais com determinante possessivo. (BRONCKART, 2007, p. 271).

Os mecanismos de textualização são, conforme Bronckart, articulados à progressão do conteúdo temático. As cadeias de unidades linguísticas podem organizar os elementos constitutivos desse conteúdo em diversos percursos entrecruzados que explicitam ou marcam as relações de continuidade, de ruptura ou de contraste, contribuindo para o estabelecimento da coerência temática do texto. No tipo de discurso da ordem do NARRAR, frequentemente, as anáforas pronominais apresentam-se em terceira pessoa, porque colocam em cena séries de personagens. Portanto, podemos afirmar que ambas as posições de Adam e de Bronckart complementam-se e a coesão nominal auxilia na construção do processo narrativo. Essa coesão se faz necessária para explicitar as relações de dependência existentes em um texto.

## Capítulo 3

---

### Metodologia

O presente capítulo tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos desta pesquisa. Esclarecemos, inicialmente, que alguns procedimentos do projeto de pesquisa tiveram de ser alterados, adaptados ou abandonados dadas às circunstâncias da coleta do *corpus* e imprevistos que ocorreram durante o período em que se desenvolveu a pesquisa ora apresentada. Entendemos que esses ajustes fazem parte do processo de desenvolvimento da pesquisa.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa apresenta um caráter teórico-prático e utilizamos do método indutivo e dedutivo. Segundo Gil (1999, p. 28), o método indutivo “parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior ao trabalho de coleta de dados particulares.” A pesquisa também se delineou em um estudo quase-experimental. A análise ocorreu em um grupo (turma) de alunos de 6º ano de escola privada, localizada na periferia de Fortaleza no bairro Henrique Jorge. Ainda de acordo com Gil (1989, p. 75), esse tipo de pesquisa “é constituído por um grupo, geralmente reduzido, previamente definido quanto às suas características fundamentais.” A escolha desse grupo de alunos, em especial de 6º ano, deveu-se, primeiramente, à verificação de como o aluno dessa série constrói um texto narrativo. Uma segunda razão consistiu em fazer um levantamento das categorias utilizadas para a construção da sequência narrativa para analisar como os alunos constroem os textos com as categorias selecionadas.

A escola, onde realizamos a pesquisa, oferece ensino infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio, distribuídos em dois turnos: manhã e tarde. No entanto, levamos em consideração para a escolha dessa turma, o fato de ela apresentar

um número relativamente grande e significativos de vinte e oito alunos do que a de outro turno ofertado pela escola, tendo em vista a coleta do *corpus*.

A turma escolhida apresentava alunos na faixa etária entre dez e onze anos, idade esperada para o ingresso na série em estudo, com apenas dois alunos fora de faixa entre doze a quatorze anos. A preferência para realizar a pesquisa nesse local consiste em haver uma forte relação entre a pesquisadora e a escola já que a mesma foi professora deste estabelecimento de ensino durante dez anos, ministrando aulas para séries do fundamental II e médio, o que facilitou o acesso à escola.

Inicialmente, a pesquisa foi pensada para a escola pública, mas, em virtude de uma greve no período da coleta dos dados, inviabilizou-se a possibilidade de realizá-la em tal estabelecimento de ensino. Por essa razão, nossas categorias de análise direcionavam-se a dificuldades observadas num primeiro momento em uma pesquisa-piloto realizada no início de 2008, em duas escolas municipais de Fortaleza localizadas nos bairros Granja Portugal e São Gerardo. Essa pesquisa contou com a participação dos professores de Português dos estabelecimentos de ensino municipal e de quarenta e cinco alunos divididos em duas turmas de 6º ano. As turmas foram identificadas como turma A, formando um *corpus* de vinte e cinco produções textuais, e turma B, com vinte produções, compondo outro *corpus*.

Para a coleta dos dados, solicitamos aos professores da 6ª série que escolhessem qualquer gênero textual do narrar e orientassem os alunos na composição desse gênero sem a intervenção da pesquisadora. O critério de escolha foi somente dos professores e ambos escolheram o relato de experiência cuja análise, nessa primeira fase da pesquisa-piloto, deteve-se apenas na categoria tempo verbal, analisamos se os tempos verbais privilegiados pelos alunos nas produções pertenciam aos tempos do narrar. Outros objetivos foram estabelecidos, dentre eles se as produções apenas apresentavam acontecimentos sem desenvolver o processo de intriga e se o texto correspondia ao gênero solicitado pelo professor.

A partir da leitura dessas quarenta e cinco produções textuais, observamos as dificuldades na construção do texto em mais duas categorias escolhidas para o projeto de pesquisa: os organizadores temporais e os pronomes, confirmando assim nossas expectativas em relação à escolha das categorias de análise para os gêneros do narrar. Além disso, essas categorias fazem parte das propostas teóricas de Adam e de Bronckart, tomamos esses autores como nosso principal aporte para a pesquisa. O

gênero conto popular escolhido para esta etapa da pesquisa, deu-se a partir do levantamento em livros didáticos acerca dos gêneros trabalhados nesta série. Verificamos que muitos desses livros, inclusive o adotado pela escola onde ocorreu a coleta dos dados, apresentava o gênero conto popular. Logo, a escolha do gênero estaria adequada à série em questão e aos objetivos de nossa pesquisa. Adaptamos essas categorias de análise à realidade de uma escola privada de periferia para analisarmos a construção do texto desses alunos.

### 3.2 Delimitação do *corpus*

O *corpus* da pesquisa é constituído de quarenta e duas produções textuais<sup>57</sup> de alunos de 6º ano do ensino fundamental II, provenientes de uma escola privada de Fortaleza. Cada aluno participante da pesquisa produziu dois textos, uma produção inicial e uma produção final. A turma era formada num total de vinte e oito alunos, mas, ao término das sequências didáticas, contamos somente com os que estiveram presentes em todas as etapas das oficinas num total de vinte um alunos.

### 3.3 Amostra

A pesquisa realizou-se numa escola da rede privada, localizada num bairro de periferia, Henrique Jorge, na cidade de Fortaleza, com alunos provenientes, em sua grande maioria, do próprio bairro e adjacências. Como a escola oferece ensino infantil, alguns desses alunos estudam nela desde os primeiros anos escolares. As produções textuais analisadas são, num total, de quarenta e dois textos de alunos de 6º ano. Esses alunos foram submetidos a uma primeira produção textual denominada de produção inicial (doravante PI) e, após as oficinas, eles foram submetidos à produção de um segundo texto denominado produção final (doravante PF) para posterior análise e comparação dos dois momentos de produção textual. Durante as oficinas, os alunos produziram outros textos, mas foram levados em conta para análise a PI e a PF. Além disso, a contagem das produções textuais se fez, de acordo com a presença do aluno em

---

<sup>57</sup> O total exposto compõe-se da produção inicial (PI) e da produção final (PF) de cada grupo analisado, que poderá sofrer alteração ao final.

todas as atividades elaboradas no período das oficinas. Por essa razão, as produções de sete alunos não puderam ser analisadas, em decorrência desse fator, pois preferimos considerar para efeito de análise dos dados da pesquisa, os textos dos alunos cuja presença foi verificada em todas as etapas do processo. Ou seja, só foram consideradas as produções dos alunos que participaram de todas as oficinas.

### 3.4 Procedimentos de coleta de dados

Esta pesquisa constou, primeiramente, de uma PI para o levantamento das dificuldades dos alunos em produzir um gênero, cuja sequência dominante é a narrativa e, num segundo momento, a PF, que possibilitou a verificação da apreensão ou não das estratégias necessárias para a produção de uma narrativa. Para isso, seguimos meticulosamente esses aspectos:

1. Coleta de vinte e uma PI compostas sob a forma de narrativa do gênero conto popular como estímulo inicial para o trabalho de diferenciação entre narrativa e *script*.

2. Verificação na PI do uso das seguintes categorias: tempos verbais, organizadores temporais (advérbios, conjunções subordinativas) e pronomes, seguido de análise dessas produções a fim de preparar as atividades para as oficinas.

3. Preparação de oficinas com duração de aproximadamente cem minutos, ou seja, duas aulas geminadas<sup>58</sup>, organizadas durante três semanas, obedecendo à carga horária das aulas de língua portuguesa (quatro aulas semanais) e de redação (duas aulas semanais), totalizando dezesseis aulas ao final da atividade. Na primeira semana das oficinas, o trabalho foi realizado nas quatro aulas de língua portuguesa, somente nas duas semanas seguintes, utilizamos também a carga horária das duas aulas de redação para completarmos o tempo combinado, previamente, com a escola. Nessas oficinas, tomamos como base a sequência didática de Schneuwly; Dolz (2004), elaborando atividades que apresentaram as categorias de análise, citadas anteriormente, e a sequência narrativa.

---

<sup>58</sup> Somente as aulas de redação não foram trabalhadas com aulas geminadas, porque o horário da escola dividia-as em duas aulas de 50 minutos cada uma e em dias diferentes.

#### 4. Divisão das oficinas em três etapas:

a) na primeira oficina – com duração de 100 min, ou seja, duas aulas – o objetivo foi estimular os alunos a produzirem o gênero conto popular. Entretanto, antes da produção textual, os alunos tiveram contato com esse gênero através da leitura do texto “História de Trancoso”. Em seguida, o texto foi explorado através de uma leitura com a participação dos alunos que identificaram os personagens, a temática da história, além de comentários superficiais acerca do gênero conto popular de maneira informal. Para encerrarmos esse primeiro encontro, os alunos produziram um texto com uma proposta semelhante a do gênero lido em classe, denominada de PI;

b) nas oficinas seguintes, num total de doze aulas, executamos as atividades correspondentes a cada categoria, divididas em seis aulas (200 min) para a categoria tempos verbais, quatro aulas (200 min) para organizadores temporais, duas aulas (100 min) para pronomes;

c) na última oficina, contamos com a participação de quase todos os alunos da turma, levamos, porém, em consideração somente as produções textuais dos alunos que estiveram presentes em todas as oficinas, num total de vinte e um textos. Essa última produção, denominada de PF, foi realizada a partir da temática “Festa Junina” para produção do gênero conto popular.

5. As produções textuais (PI e PF) foram analisadas com base em três categorias apresentadas na sequência narrativa através da teoria de Adam (1992; 2008) e no tipo de discurso narração de Bronckart (2007), seguidas de comparação desses dois momentos de produção, com o objetivo de verificarmos o progresso na construção do texto da PI para a PF, bem como a utilização das categorias aprendidas nas oficinas.

### 3.5 Tratamento dos dados

Ao término das três semanas, selecionamos o *corpus* utilizando, como primeiro critério, a participação dos alunos em todas as etapas das oficinas realizadas nesse período, seguido de uma etiquetagem de cada uma delas. De acordo com a ordem alfabética da turma, as etiquetas constam de sigla PI ou PF (produção inicial/ produção final), as iniciais do nome completo do aluno participante da pesquisa e de um número

que segue a ordem alfabética conforme o exemplo a seguir: PIAMS01. Para facilitar a leitura, as produções textuais foram digitadas<sup>59</sup>, conforme o aluno escreveu, foram também fotocopiadas e anexadas para efeito de comparação.

Num segundo momento, a análise dos dados segue alguns objetivos específicos pontuados no projeto de pesquisa que são os seguintes:

a) identificar a construção do plano de texto das produções, seguindo a proposta dos autores;

b) analisar a categoria tempos verbais nas produções textuais dos alunos de 6º ano, comparando-a com a proposta dos autores;

c) verificar os organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas – e os pronomes nas produções textuais e analisar como eles auxiliam na construção da sequência narrativa.

d) diferenciar a narrativa e o *script*, como tipos distintos na construção do texto, como categorias, adequando-as ao gênero.

De acordo com cada objetivo, iniciamos o processo de análise pelo plano de texto de cada produção textual, em seguida, houve um levantamento dos dados verificando a quantidade de produções que apresentaram características semelhantes tais como o plano de texto completo; o plano de texto incompleto; a sequência narrativa e o *script*. Após essa análise, os dados foram elencados de acordo com as características anteriores em termos quantitativos, ainda que a pesquisa não apresente esse propósito, fez-se necessário as comparações entre cada etapa de produção pelo número de incidências que ocorreram nessas produções.

Esse procedimento repetiu-se em todas as categorias de análise, mas para cada categoria elencamos características diferentes. Na categoria tempo verbal, os textos foram analisados separadamente (PI e PF) e, em cada uma das etapas de produção, verificamos a incidência de pretéritos perfeitos e imperfeitos na construção do texto narrativo, verificamos também os eixos de referência temporal isocrônico, retroativo e projetivo, o presente histórico e os verbos estáticos. Na categoria dos organizadores temporais, a análise deteve-se no levantamento de produções textuais verificando a

---

<sup>59</sup> Consideramos importantes essas produções textuais serem digitadas, visto que muitos alunos não escrevem de forma legível e, dessa maneira, facilitou-nos a leitura bem como retomarmos ao texto original.



referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e fórmula convencional, referência temporal relativa no cotexto e balizamento, referência temporal relativa no contexto e balizamento, referência temporal relativa no cotexto e encaixamento e referência temporal relativa no contexto e encaixamento. Assim como a categoria anterior, todas foram elencadas de acordo com a incidência no texto. Na categoria pronomes, verificamos a incidência de anáforas com pronomes pessoais retos e oblíquos no texto, a marca zero, as anáforas de pronomes relativos e de demonstrativos. Em cada etapa analisamos esses critérios e organizamos por incidência para verificação das possíveis alterações entre PI e PF.

### **3.6 A sequência didática: teoria-base para a produção das oficinas**

De acordo com Schneuwly; Dolz (2004) comunicar-se oralmente ou por escrito deve ser ensinado sistematicamente. Assim se expressam os autores:

[...] se articula por meio de uma estratégia, válida tanto para a produção oral como para a escrita, chamada sequência didática, a saber, uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 51).

As sequências didáticas são instauradas através de uma relação entre um projeto de apropriação de uma prática de linguagem e os instrumentos que facilitam essa apropriação. A sequência, neste ponto de vista, leva o aluno a confrontar-se com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros propriamente ditos, possibilitando a esse aluno reconstruí-los e deles se apropriar. As sequências didáticas apresentam-se sob a forma de três fatores relevantes: as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pelo orientador da sequência.

Segundo Schneuwly; Dolz (2004), as práticas de linguagem concernem às dimensões particulares do funcionamento da linguagem em relação às práticas sociais, ou seja, elas são consideradas aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história, devido a essas mediações comunicativas, cristalizam-se na forma de gêneros. Eles se constituem como um instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, cuja análise de suas características orienta para uma primeira base de modelização instrumental que organizará as atividades de ensino.

A noção de capacidade de linguagem retoma aptidões adquiridas pelo aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada. Schneuwly; Dolz (2004) apresentam alguns elementos que caracterizam essa capacidade de linguagem: adaptação das características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilização de modelos discursivos (capacidades discursivas), domínio de operações psicolinguísticas e unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas). Conforme os autores:

a capacidade de linguagem constitui-se, sempre, parcialmente, num mecanismo de reprodução, no sentido de que os modelos de práticas de linguagem estão disponíveis no ambiente social e de que os membros da sociedade que os dominam têm a possibilidade de adotar estratégias explícitas para que os aprendizes possam se apropriar deles. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 52).

As sequências didáticas têm como objetivo fazer intervenções no meio escolar que favoreçam à mudança e à promoção dos alunos, conforme os autores, a uma melhor “mestria” dos gêneros e das situações comunicativas. Essas intervenções, no meio escolar, somadas às intervenções sociais são necessárias para a organização das aprendizagens em geral e para o processo de apropriação de gêneros em particular, as sequências didáticas, neste sentido, são instrumentos que guiam as intervenções dos professores. A sequência didática nas palavras de Machado (2006) é:

[...]definida como uma abordagem que unifica os estudos de discurso e a abordagem dos textos, implicando uma lógica de descompartmentalização dos conteúdos e das capacidades: elas deveriam englobar as práticas de escrita, de leitura e as práticas orais, organizadas no quadro de sequências didáticas. Observe-se que, nessas instruções para o ensino francês, não se tratava ainda de sequências “didáticas de gêneros”, mas sim, de sequências abertas a diferentes objetos de conhecimentos. (MACHADO, 2006, p. 554).

Para trabalhar a sequência didática, geralmente, parte-se de um gênero que o aluno não domina ou produz de maneira insuficiente; gêneros dificilmente acessíveis pela maioria dos alunos, gêneros públicos e não privados. As sequências servem para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem e sua estrutura, apresenta-se sob a forma de um esquema que se compõe de apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. A apresentação da situação tem por objetivo expor os alunos a um projeto de comunicação e os preparar para a produção inicial que pode ser considerada como uma primeira tentativa de produção do gênero em questão. A apresentação constitui-se em um momento muito importante, porque os alunos constroem uma

representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada. Duas dimensões principais podem ser destacadas: apresentar um problema de comunicação bem definido e preparar os conteúdos dos textos a serem produzidos.

A primeira produção leva o aluno a elaborar um texto oral ou escrito e tem como finalidade revelar ao aluno e ao professor as representações que ambos têm dessa atividade, ou seja, verificar como o gênero trabalhado é compreendido pelo aluno e permitir ao professor refinar, modular e adaptar a sequência à capacidade desse aluno. Schneuwly; Dolz (1999)<sup>60</sup> partem da hipótese “de que é através dos gêneros que as práticas de linguagem encarnam-se nas atividades dos aprendizes.” Através desse primeiro contato, no que diz respeito à sequência didática, a apropriação do gênero prepara os alunos para a produção final.

Os módulos são produzidos para trabalhar os problemas que se apresentam na primeira produção textual e dão ao aluno as condições necessárias para superá-los, as sequências didáticas, neste sentido, vão, portanto, do complexo para o simples. Quatro níveis principais destacam-se na produção de textos que respaldam o professor para orientar o aluno na solução de alguns problemas relativos a vários níveis de funcionamento. Esses níveis apresentam-se como: representação da situação inicial, elaboração dos conteúdos, planejamento do texto e realização do texto; esse esquema inspira-se nas abordagens da psicologia da linguagem. Além das informações citadas anteriormente, é necessário que as atividades sejam variadas para oportunizar os alunos a diversas vias, noções e instrumentos para que eles alcancem o sucesso em sua produção final. A esse respeito Guimarães (2006, s/p) afirma que:

Essa relação estará na base de um modelo didático de gêneros que definirá os princípios (por exemplo, o plano geral do gênero de texto escolhido), os mecanismos de textualização que devem constituir os objetos de aprendizagem do aluno. Três são os aspectos a serem considerados nesta elaboração: os conhecimentos existentes sobre gêneros de texto (teoricamente variados e heterogêneos); as capacidades observadas dos aprendizes e os objetivos de ensino.

A produção final é a última etapa da sequência didática que possibilita ao aluno pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante o trabalho com os módulos. Além de possibilitar ao aluno um maior contato com o gênero, permite também ao professor

---

<sup>60</sup> O artigo original (1997) tem como título *Les genres scolaires: des pratiques langagières*. Todavia, reportamo-nos ao artigo traduzido de 1999, cujo título é Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino.

realizar uma avaliação somativa. Segundo Schneuwly; Dolz (2004, p. 107), o documento de síntese (a produção final) tem maior importância quando:

- indica-lhe os objetivos a serem atingidos dá-lhe, portanto, um controle sobre seu próprio processo de aprendizagem (O que aprendi? O que resta a fazer?);
- serve de instrumento para regular e controlar seu próprio comportamento de produtor de textos, durante a revisão e a reescrita;
- permite-lhe avaliar os progressos realizados no domínio trabalhado.

O professor possibilita ao aluno vivenciar o processo e, ao mesmo tempo, faz uma avaliação somativa da produção final com critérios elaborados durante a sequência didática, transformando a avaliação num momento de troca e comunicação com o aluno, cujo trabalho é visto sobre outro prisma, tendo a possibilidade de avançar neste processo de construção do gênero. Por essa razão, tomamos como teoria-base para orientarmos por ela durante todo o desenvolvimento de nossas oficinas com os alunos, tornando a experiência com o texto mais prazerosa e significativa.

### **3.7 Encaminhamentos didáticos**

Os encaminhamentos didáticos para a construção das oficinas foram dados à luz das sequências didáticas organizadas de acordo com o desenvolvimento das aulas ministradas à turma escolhida. No primeiro dia de oficina, lemos um texto do gênero – conto popular – e observamos que os alunos interessaram-se pela história bem como participaram da atividade de predição e de perguntas acerca do gênero, a continuidade dessa oficina culminou na construção da primeira produção.

Partindo dessa primeira produção, verificamos que os alunos construíam suas histórias utilizando-se dos tempos verbais direcionados ao narrar, mas não havia consciência do uso desses tempos na construção do texto, demonstrando ser intuitivo. Para auxiliá-los na compreensão do tempo verbal na narrativa, enveredamos pelo estudo do aspecto do verbo que daria respaldo aos alunos a diferenciarem no texto o uso dos tempos do pretérito perfeito e imperfeito. Nas oficinas seguintes, o tempo verbal trabalhado foi o pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples e composta. As atividades causaram certa motivação no grupo, mas nessa etapa percebemos que alguns

alunos apresentavam dificuldades para compreenderem as diferenças. O conhecimento desses alunos, até então, concentrara-se no reconhecimento dos tempos verbais, o aspecto verbal constituía-se em uma novidade que provocou muitas dúvidas. Para contornar a situação, a pesquisadora incentivava-os a continuarem tentando fazer as atividades bem como parava em algumas dessas atividades e discutia com a classe, dando pistas para que conseguissem chegar à resposta acerca do que estavam trabalhando no momento.

Uma das maiores dificuldades encontradas pela pesquisadora estava no barulho que a turma fazia, esse problema interferiu na concentração e aprendizagem, necessitando de muitas paradas para conversas, explicações e até brincadeiras relacionadas ao conteúdo para que as oficinas acontecessem a contento. Encerramos essa etapa com os tempos do presente do indicativo (presente histórico), orientando-os que o tempo verbal não se refere somente a situações vivenciadas no momento do enunciado, mas podem aparecer na construção da história.

Os organizadores temporais – advérbios e conjunções temporais – reforçaram o conhecimento anterior acerca dos tempos verbais. Para uma compreensão acerca disso, os alunos trabalharam com outro conto popular intitulado “A Rainha Quiximbi” que apresentava os organizadores temporais destacados em negrito. A leitura desse texto foi participada pelos alunos e relida algumas vezes com pausas para verificação dos elementos estudados. Nesse mesmo texto, apresentamos as conjunções destacadas em itálico para diferenciarmos dos advérbios, ambas cumprem o papel no texto de demonstrar o tempo na narrativa, mas apresentam estrutura e classe gramatical diferentes. Esse destaque em ambos os organizadores temporais facilitou a visualização e compreensão da função que cumprem no texto. No entanto, observamos que ao iniciarem as atividades, alguns alunos apresentaram dificuldades em identificá-la em outro texto. Por essa razão, uma das oficinas contou com uma atividade lúdica de um bilhete que estava com as frases fragmentadas e seria montado pelos alunos. Isso os motivou a compreenderem as relações lógicas estabelecidas pelas conjunções. A pesquisadora interveio nos momentos de dúvida sempre auxiliando a chegarem às respostas de acordo com a dificuldade apresentada, principalmente, na escolha do fragmento mais adequado para montagem do bilhete.

Na última etapa da oficina, trabalhamos com o pronome anafórico na construção do texto. Alguns trechos do texto “A Rainha Quiximbi” foram selecionados para

exemplificar situações do uso do pronome no texto. Antes disso, foram recapituladas as classificações de pronomes para direcionarmos ao uso do pronome anafórico. Percebemos que alguns alunos faziam as substituições de acordo com a norma padrão da língua enquanto outros as substituíam pelas formas mais comuns na oralidade. Alguns desses casos foram discutidos em sala para a percepção desse uso na escrita e transformados em atividades nessa etapa da oficina.

Nessa oficina, reservamos um momento para recapitulação das oficinas anteriores a fim de trazer à tona o conhecimento repassado durante o período. Escolhemos outro conto popular “Cururu virou pajé” para destacar todas as categorias trabalhadas bem como a sequência narrativa de um texto. As intervenções foram feitas no momento em que os alunos apresentavam perguntas e dúvidas sobre as categorias outrora trabalhadas. Na atividade final da oficina, os alunos produziram um texto incentivado pela temática “festas juninas”, vivenciadas no período, sem intervenções da pesquisadora.

## Capítulo 4

---

### **Análise da Infraestrutura do Texto Narrativo**

Este capítulo é destinado às análises do *corpus* de produções textuais, verificando nelas se a construção do texto de alunos de 6º ano corresponde à sequência narrativa de Adam (2008) e à organização linguística presente no tipo de discurso narração de Bronckart (2007). Além disso, observamos também se as construções desses textos são narrativas, tomando por base Adam (1992, 2008), ou *scripts* conforme Bronckart (2007). Para complementar as análises, demonstramos os planos de texto, destas produções, construídos de acordo com o exemplo do texto “O cativo”, mencionado em nossa fundamentação teórica e a análise das categorias: tempos verbais, organizadores temporais e pronomes.

#### **4.1 Um paralelo acerca das teorias**

Apesar de Adam e de Bronckart apresentarem bases epistemológicas em alguns aspectos diferentes, propomo-nos, também neste capítulo, identificar os elementos/traços linguísticos semelhantes que complementaram e auxiliaram na análise das produções textuais. Destacamos que, um desses pontos, constitui-se no conceito de formação discursiva (cf. FOUCAULT, 2008) cuja definição é de mecanismos que moldam os conhecimentos dos membros de uma mesma formação social, de forma particular, que incide sobre as condições históricas do aparecimento de enunciados efetivos. O propósito do autor é tomar os acontecimentos discursivos, ou seja, acontecimentos que consistem em relacionamentos entre si que se façam presentes em relações entre grupos de enunciados estabelecidos, relações entre enunciados e grupos de enunciados e acontecimento de uma ordem diferente (técnica, econômica, social política).

Esse conceito, segundo Adam (2008), até então com uma noção imprecisa, é redefinido por Pêcheux, que o toma como conceito importante para a escola francesa de

Análise do Discurso, compreendido como o estabelecimento de uma ligação entre os gêneros e as formações sociodiscursivas (esse conceito também é um dos avanços recentes da análise do discurso). Adam apropria-se desse conceito redefinido para inseri-lo em sua teoria dos protótipos, conforme palavras do autor: “é nos gêneros do discurso que localizaremos essa ‘estabilização pública e normativa’ que opera no quadro do sistema de gêneros de cada formação discursiva.” (ADAM, 2008, p.45).

Já em Bronckart (2007), o conceito é compreendido numa dimensão mais ampla, referindo-se a questões essenciais de estatuto e metodologia das ciências humanas, mas que se inclui no projeto ao qual o autor adere. Ele observa que o conceito de formação discursiva designa, em alguns casos, unidades da ordem da frase, produções verbais acabadas da ordem do texto, formas específicas de semiotização em funcionamento nas formações sociais e aos produtos observáveis em diferentes níveis de arquitetura textual. Ainda segundo o autor, a vertente processual das formações discursivas pode ser denominada de formações sociodiscursivas, porque ele designa à expressão as diferentes formas que toma o trabalho de semiotização em funcionamento nas formações sociais. Ao referir-se à vertente do produto, Bronckart (2007, p. 141) afirma que “ela transcende claramente as diferenciações entre gêneros de textos, ela pode ser reanalisada nos diversos níveis dos tipos de discurso e dos mecanismos enunciativos.”

O conceito de formação discursiva em Foucault é redimensionado nas teorias de Adam e de Bronckart; compreendemos, contudo, que o texto nas duas vertentes teóricas não é visto como unidade isolada. Ele está inserido numa formação sociodiscursiva em que a língua é atravessada pelos valores e ecos de outros usos de palavras em um texto, a língua por si só não forma enunciados, mas estes são formados num contexto.

Um segundo ponto de semelhança que destacamos, consiste em observar a sequência narrativa atravessando o tipo de discurso narração. De acordo com Bronckart (2007) os tipos de discurso constituem-se em formas de organização linguística, em número limitado, em que se compõem todos os gêneros textuais em diferentes modalidades. O autor define também atividade narrativa como o processo em funcionamento em todo discurso da ordem do NARRAR no tipo de discurso narração, constrói-se um mundo autônomo em relação a esses mesmos parâmetros. Já as sequências, segundo o mesmo autor, são formas de planificação convencional, também em número limitado, que podem ser observadas no interior dos tipos de discurso.



Acerca disso, para os relatos interativos e as narrações, este último objeto de nosso interesse para a pesquisa, a planificação do conteúdo temático pode apresentar-se em três modalidades alternadas ou combinadas de múltiplas formas: o *script*, a sequência narrativa e a sequência descritiva. Enquanto o *script* organiza o conteúdo temático em uma ordem que reflete a cronologia efetiva dos acontecimentos narrados, a sequência narrativa e a sequência descritiva constituem formas de planificação convencionais em que os acontecimentos são organizados em fases e sustentáveis por uma operação de caráter dialógico. Segundo Bronckart (2007), a sequência narrativa sobrepõe à cronologia dos acontecimentos em uma dimensão causal ou interpretativa; esses acontecimentos encontram-se organizados em um todo coerente, reconfigurados ou clarificados, e essa proposição de clarificação originada do texto constitui a base que o destinatário é capaz de empreender uma tentativa de compreensão das questões da atividade humana.

Enfatizamos que a teoria de protótipo narrativo de Adam, que tomamos como base, será complementada pelo tipo de discurso narração de Bronckart. Essa complementação é base para a análise das produções textuais construídas por alunos de 6º ano, porque, apesar de algumas diferenças em ambos os autores, identificamos aspectos que nos auxiliaram nessas análises.

#### **4.2 As categorias de análise - Adam vs Bronckart**

As teorias de Adam e de Bronckart, ao tratarem dos tempos verbais, o primeiro na sequência narrativa e o segundo no tipo de discurso narração, tomam por base Benveniste e Weinrich. Bronckart (2007) afirma que sua abordagem dá continuidade aos trabalhos dos autores já citados, que tratam acerca dos tempos verbais nos mundos ou planificações das enunciações. Os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito do indicativo são enfatizados por Adam e por Bronckart como tempos característicos do universo diegético; esses tempos marcam contrastes aspectuais que apresentam maior destaque em Bronckart. Além dos tempos já citados, reconhecemos outros tempos verbais, destacado por ambos os autores, o pretérito composto e o mais-que-perfeito simples e composto.

Os tempos verbais apresentam-se em Adam na diegetização autônoma, que é equivalente à enunciação histórica de Benveniste, como a ancoragem de acontecimentos em que a trama temporal está afastada da situação de enunciação. Dessa forma, o enunciado apresenta seus pontos de referência internalizados no mundo construído pelo texto. Em Bronckart o tipo de discurso narração apresenta-se como autônomo em um mundo a parte do mundo ordinário. Essa construção de mundos permite que determinados tempos verbais, como os já citados, caracterizem as estruturas apresentadas sob a forma de sequência narrativa e de narração. Destacamos, porém, o tempo verbal pretérito perfeito, que Benveniste denomina de aoristo quando o mesmo se apresenta na terceira pessoa do singular, como recurso em que os fatos narram-se por si. Esse tempo verbal caracteriza um texto como pertencente ao mundo do NARRAR. Bronckart, ao trata do tempo verbal no texto, denomina de primeiro plano a construção textual do mundo do narrar, em que o pretérito perfeito é ressaltado, e de segundo plano o pretérito imperfeito do indicativo. Esse contraste em ambos os planos consiste em colocar um processo como quadro de fundo do qual emerge uma figura, outro processo. Além disso, destacamos a função de temporalidade primária denominada de referência temporal e classificada em isocrônica, retroativa e projetiva.

Para efeito de organização, traçamos um paralelo entre Adam e Bronckart, identificando semelhanças em ambos e a complementação de alguns aspectos da teoria de Bronckart para a análise da categoria tempos verbais. Vejamos no quadro a seguir:

<b>ADAM</b>	<b>BRONCKART</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Universo diegético</li> <li>▪ Diegetização autônoma ou enunciação histórica</li> <li>▪ Tempos verbais da narrativa: pretérito perfeito simples e composto, imperfeito, mais-que-perfeito simples e composto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Diegese</li> <li>▪ Narração</li> <li>▪ Tempos verbais da narração: pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito simples e composto</li> <li>▪ Contraste global: primeiro plano e segundo plano</li> <li>▪ Referência temporal: isocrônica, retroativa e projetiva</li> </ul>

QUADRO 07: COMPARATIVO DA CATEGORIA TEMPOS VERBAIS

A nomenclatura é diferente, remete, no entanto, aos mesmos aspectos estudados, conforme podemos observar no universo diegético vs diegese, diegetização autônoma vs narração e os tempos verbais da narrativa. Acrescentamos apenas como

complementação à categoria: o contraste global (primeiro plano e segundo plano) e a referência temporal (isocrônica, retroativa e projetiva) que auxiliam na análise do significado do tempo verbal no texto narrativo. Segundo Bronckart (2007):

A função de contraste global pode interagir com as sequências narrativas [...] constituídas geralmente pelas cinco fases principais: situação inicial, complicação, ação, resolução e situação final. Por definição, a fase de situação inicial e a de situação final apresentam e organizam processos relativamente estáveis ou equilibrados (estado de coisas anterior e posterior às peripécias da história), enquanto as fases de ação e de resolução, ao contrário articulam processos são dinâmicos, de movimento ou de progresso. Decorre daí que, nas fases iniciais e finais os processos são quase que, de facto, postos em segundo plano, enquanto as fases de ação e de resolução são quase, de facto, postas em primeiro plano, caracterizando-se a fase de complicação, frequentemente, por uma oposição entre dois planos. (BRONCKART, 2007, p. 293-294).

Os organizadores temporais assim como os tempos verbais assumem uma função na construção temporal do texto. Porém, Adam (1997) afirma que nem todo texto que há uma sucessão de acontecimentos a desenrolar-se no tempo é, necessariamente, uma narrativa. Apesar dessa observação, os organizadores temporais complementam os tempos verbais e caracterizam o texto narrativo. Para Adam, há uma variação entre os índices temporais que podem se apresentar como indicações temporais absolutas (precisas ou imprecisas), indicações relativas à situação de fala ou de escrita e indicações relativas ao cotexto. Elas constituem-se em marcas linguísticas, conforme observamos, que fazem o texto progredir e caracterizam melhor a temporalidade juntamente com os tempos verbais.

De acordo com as teorias utilizadas na pesquisa, compreendemos que a teoria de Bronckart complementa as colocações de Adam, situando os advérbios e as conjunções como mecanismos de textualização denominados de conexão que se apresentam de modo privilegiado no mundo do NARRAR. Esses mecanismos de conexão explicitam-se em relações entre diferentes níveis de organização textual que se dividem de acordo com o nível em: segmentação, demarcação ou balizamento, empacotamento, ligação e encaixamento. Destacaremos, entretanto, para nossa análise o balizamento que está num nível englobante inferior e constitui estrutura pertencente ao discurso teórico e à narração, este objeto de nosso interesse, bem como encaixamento que são mecanismos que articulam duas ou várias frases sintáticas subordinadas em uma só frase gráfica. Neste mecanismo, as estruturas subordinadas que estão relacionadas à temporalidade, bem como advérbios que assumam o mesmo valor temporal serão destacados em nossa

análise. Além disso, Bronckart classifica algumas expressões iniciais no tipo de discurso narração que são denominadas de fórmulas convencionais como “Era uma vez, um dia etc.” Conforme o quadro anterior, faremos um paralelo dessa categoria. Vejamos a seguir:

<b>ADAM</b>	<b>BRONCKART</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Referência temporal absoluta (histórica/ vago)</li> <li>▪ Referência temporal relativa (no cotexto – enunciado, no contexto – situação)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conexão</li> <li>▪ Balizamento</li> <li>▪ Encaixamento (subordinação)</li> <li>▪ Fórmula convencional (Era uma vez, um dia)</li> </ul>

QUADRO 08: COMPARATIVO DA CATEGORIA ORGANIZADORES TEMPORAIS

A última categoria a ser contemplada na análise são os pronomes que têm como objetivo dar continuidade referencial e assegurar retomadas de elementos introduzidos na memória. Conforme Adam (2008), os pronomes são lexemas que podem ser denominados de fiel e de infiel. Em nossa pesquisa, faremos uso da denominação de anáforas pronominais fiéis por não indicarem nenhuma nova propriedade do objeto e anáforas demonstrativas que indicam a identificação, operando uma reclassificação do objeto. Já em Bronckart, o mecanismo nominal trata dessa questão pronominal e complementa a proposta de Adam com as funções de introdução e retomada. Bronckart também apresenta duas categorias pronominais, mas destacaremos somente as anáforas pronominais que são compostas de pronomes pessoais, relativos, possessivos e reflexivos, além da inclusão da marca  $\emptyset$  (zero) que significa a transformação de apagamento. Podemos compreender assim que as definições de anáfora pronominal em Adam e Bronckart respaldam à análise desses elementos que estarão ligados as categorias mencionadas anteriormente. Vejamos o quadro que traça um paralelo em ambos:

<b>ADAM</b>	<b>BRONCKART</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Anáforas pronominais (reto/oblíquo)</li> <li>▪ Anáfora fiel e infiel</li> <li>▪ Anáforas demonstrativas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Anáforas pronominais: pronomes pessoais, relativos, possessivos, demonstrativos e reflexivos.</li> <li>▪ Marca <math>\emptyset</math> (zero)</li> </ul>

QUADRO 09: COMPARATIVO DA CATEGORIA PRONOMES

Algumas categorias mencionadas como tempos verbais, organizadores temporais e pronomes, são complementadas pela teoria de Bronckart que contribui para as análises das produções textuais nos dois momentos da construção dos textos (PI e PF). Consideramos que a complementação, entre ambos os autores, enriquecem as análises no sentido de ampliar e conciliar as duas abordagens.

### **4.3 Produções textuais iniciais**

Trataremos neste item da sequência narrativa nas produções textuais iniciais e da análise das categorias aqui elencadas: tempos verbais, organizadores temporais e pronomes. Utilizaremos nas explicações excertos e/ou textos completos a fim de demonstrar, através de marcas linguísticas, como cada categoria apresentou-se nessas produções.

#### **4.3.1 Sequência Narrativa**

Na análise das primeiras produções textuais desenvolvidas pela classe escolhida para a pesquisa, tivemos como objetivo fazer um levantamento de como são estruturados textos do gênero do narrar e como os alunos se utilizam de algumas marcas linguísticas tais como tempos verbais, organizadores temporais e pronomes. Daremos destaque, neste item – a análise da sequência narrativa – o enfoque será sobre as marcas linguísticas das categorias já citadas. Esclarecemos, desde já, que o objetivo não é enquadrar em uma justa medida o protótipo narrativo de Adam (1992; 2008), ao contrário, o objetivo desta análise é verificar a estrutura de um gênero do narrar e ampliar o conhecimento acerca do texto narrativo em sala de aula.

Conforme as orientações de Schneuwly e Dolz (2004) acerca das sequências didáticas, as produções textuais foram feitas em dois momentos PI e PF. Tomamos, inicialmente, para esta análise, as produções iniciais que não tiveram orientações específicas acerca dos assuntos que foram abordados durante as oficinas; após a leitura de um texto do gênero conto popular seguido de comentário, os alunos foram estimulados a produzir esse gênero.

Identificamos que algumas dessas produções textuais apresentavam a sequência narrativa com todas as proposições, conforme Adam (1992; 2008), e aparecem sob a forma de [Pn1] Situação inicial, [Pn2] Nó, [Pn3] (Re)ações ou Avaliação, [Pn4] Desenlace e [Pn5] Situação final. Segundo Canvat (1996), as tipologias textuais apóiam o leitor no sentido de que este apresenta, intuitivamente, uma coerência a uma série textual e que a partir de alguns esquemas globais há o processamento cognitivo. Confirmamos que os alunos produtores desses textos utilizaram-se de todas as proposições, talvez isso possa ter ocorrido a partir da leitura do texto que foi trabalhado como estímulo para a produção ou pelo contato com outras histórias a partir de leitura e audição. Nessas produções, havia o processo de intriga que caracteriza o texto do gênero do narrar sob a forma de narrativa. De um total de vinte uma (21) produções textuais, onze (11) apresentavam todas as proposições elencadas anteriormente.

Observamos nessa produção que, apesar de apresentarem problemas ortográficos e de outra ordem linguística, há uma sequência lógica de acontecimentos apresentando o processo de intriga formado pelo Nó, (Re)ações ou avaliação e Desenlace que sustenta um texto narrativo. Apesar de o gênero ser um conto popular, observamos um elemento de contos de fadas [Pn4][e4e] com a presença da fada, havendo uma “mistura” de personagens de gêneros textuais diferentes. Vejamos na íntegra uma dessas produções com a sequência narrativa completa.

#### (07) O LOBISOMEM

[Pn1][e1a]Era uma vez um homem grande e forte chamado João, [e1b] ele era muito conhecido na cidade que vivia. [Pn2] Um dia ele estava indo trabalhar na roça. Quando ele estava chegando ele viu um homem sendo atacado por vários lobos. [Pn3][e3a]João pegou umas pedras e jogou nos lobos, [e3b] os lobos correram para cima dele, [e3c] João pegou um galho e começou a bater nos lobos. [e3d] O homem que estava caído começou a ajudar João a bater nos lobos, [e3e] os lobos correram mas de repente apareceu um lobo atrás de João e mordeu o braço dele [e3f] mas ele se soltou e bateu no lobo e ele correu. [e3g] O homem disse muito obrigado a João e disse que se chamava Miguel, [e3h] João se apresentou e depois eles foram para a roça.

[Pn4][e4a]Quando eles saíram da roça já era meia noite, [e4b] João se transformou e um lobisOMEM por causa da mordida do bolo. [e4c] O lobisOMEM tentou matar Miguel [e4d] mas ele correu mas ele caiu e o lobisOMEM ia matar ele [e4e] mas apareceu uma fada e lançou um raio no lobisOMEM [e4f] que fez ele viver João denovo [Pn5] e depois disso João e Miguel se tornaram amigos inseparáveis. (PIJAOP09).

De acordo com Adam (2008), há um plano de texto que confere ao protótipo narrativo uma estrutura que se assemelha, em parte, às regras da retórica. Essa estrutura baseia-se na macrossegmentação formada por alíneas, separações marcadas e dados

peritextuais, que se referem aos entretítulos, mudanças de partes e de capítulos. Identificamos em duas produções textuais iniciais que havia essa mudança de partes com a introdução de [Pn0] e [PnΩ] que complementam a sequência narrativa. Compreendemos, contudo, que o excerto de [PnΩ] pode ser considerado fragmento de diálogo do personagem, visto que muitas produções apresentavam esses fragmentos de maneira mais evidenciada. Apresentamos a seguir cada excerto de acordo com as proposições citadas anteriormente.

(08)

[Pn0][e0a] Quando um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho [e0b] esse filho se vise a lua cheia começava sua transformação: ficava com pelos sua boca e orelha crescia suas unhas ficavam grandes e afiadas [e0c] ele se transformava o lobisomem [Pn1][e1a] e foi isso que aconteceu com um menino chamado Marcos e seu pai ficou com os olhos arregalados. (PIMSS16).

(09)

[Pn5][e5a] Quando o cavalo se acalmou [e5b] o doido trancadão cuidou de seus ferimentos e disse. [PnΩ] Aprendi que devo ser mais trancadão e [e5c] subi em seu cavalo e seguiu viagem. (PIJLN08).

As sequências narrativas são, conforme dito, estruturadas a partir de proposições que apresentam o processo de intriga, dentre as produções analisadas, algumas delas não apresentavam uma das proposições, dentre elas, [Pn4] Desenlace. Consideramos que o excerto se constitui em um texto que apresenta uma sequência de ações, visto que a sequência narrativa compõem-se de proposições e, nessa situação, não apresentou o [Pn4] Desenlace. Quando isso ocorre, o texto apresenta uma baixa narrativização, segundo Adam (2008), que o descaracteriza de determinados gêneros de discurso ou implica na ausência de proposição que, para nós, compromete o processo de intriga. Isso nos permite compreender que o aluno ao produzir o texto, suprimiu a proposição em questão, mas não implica dizer que não seja uma sequência narrativa. A orientação do professor e a revisão do texto permitirão ao aluno corrigir a “falha”. Observamos que isso ocorreu em quatro (04) produções analisadas que apresentaram o baixo grau de narrativização. O texto a seguir demonstra que há ausência da proposição [Pn4] Desenlace.

(10) **OS POBRES QUE QUERIAM IR PARA SOBRAL**

[Pn1] [e1a] Era uma vez um senhor muito pobre que se chamava Ronaldo, Ronaldo tinha um filho.

[e1b] Ele se chamava Mario.

[Pn2] [e2a] Um dia eles resolveram que queriam ir para Sobral, [e2b] mas queriam achar um companheiro de viagem, e acharam seu nome era Adriano [e2c] e ele era um pouco surdo.

[Pn3] [e3a] Adriano estava de limusine, Ronaldo e seu filho estavam “a pé”, [e3b] Adriano não ofereceu a limusine [e3c] por que ele estava muito apressado para ir se arrumar para viajar para Sobral com a família deles e alguns amigos deles e foram [Pn5] [e5a] quando chegaram foram logo para o hotel para aproveitar o resto do dia [e5b] e eles foram para a pousada e lá eles fizeram muitas amizades. (PIBGA02).

Algumas produções textuais apresentam uma estrutura que compreendemos como incompleta quanto à estrutura narrativa, porque há ausência de proposições, além disso, essas produções diferenciam-se dos textos analisados anteriormente. Das duas (02) produções (PIHMS07; PIPBTCF17) que não apresentam as proposições completas, identificamos uma em que não aparece [Pn5] Situação final. Esta situação não implica dizer que se trata de uma sequência narrativa com alto grau de narrativização, porque as proposições que formam o processo de intriga estão presentes nessa produção conforme observamos a seguir:

#### (11) O AZALADO QUE FICOU RICO

[Pn1][e1] Era uma vez um homem andando pela estrada de caminha(ao), na carga havia muitos ovos [Pn2][e2a] e um certo dia um homem pediu carona [e2b] esse homem que pediu carona era ladrão ele levou todos os ovos [Pn3][e3a] e depois o homem com seu caminhão seguiu o ladrão [e3b] e na verdade esse ladrão só queria ajudar sua família pobre [e3c] e o homem deixou com eles os ovos e seguiu a viagem [e3d] ele parou para comer e pediu um suco [e3e] e outra pessoa pediu carona e ele desconfiou mas primeiro vou lhe revistar [e3f] e ele tinha os pés ao contrário e ele pensou deve ser o curupira eu vou vendelo para comprar mais comida [Pn4] [e4a] e o curupira olhando para a cara do homem ele se desconfiou e pediu para ir no mato para fazer uma coisa [e 4b] o homem achando que ele ia fugir mas não o curupira trouxe um saco cheio de pedras de ouro. (PIPBTCF17).

A produção seguinte, no entanto, diferencia-se das demais, porque sua estrutura se compõe apenas de uma proposição [Pn1] Situação inicial e de diálogo entre personagens. Dentre as analisadas, essa produção não apresenta características da sequência narrativa nem de um *script* pertencente ao tipo de discurso relato interativo, propriamente dito; compreendemos como um texto que apresenta predominância de uma sequência dialógica que não contemplamos em nossa análise, porque consideramos demasiadamente profunda e complexa para destacá-la como categoria de análise nesta pesquisa. Isso não implica dizer que se faz desnecessária já que as sequências podem se mesclar, porém deixamos a lacuna para eventuais pesquisas sobre o tema. No entanto, esse texto assume outras características que serão analisadas no decorrer do capítulo.



## (12) A NOVATA FANIQUITA

[Pn1][e1a]Era uma vez uma menina que se chamava Faniquita [e1b]ela era uma formiguinha [e1c]ela era uma formiga tímida um dia na escola.

Oi, oi, oi a Faniquita [e1d] disse e um menino que era de muito tempo la disse: Oi meu nome é SMILIGUIDO falou. Oi meu nome é Faniquita eu sou novata aqui você pode me amostra o colégio porque eu estou com vergonha. A não preşiça disso ta bom.

Aqui é minha sala que eu vou estudar e aprender.

É isso mesmo é minha também.

A vamos entrar para asisti A muito obrigado De nada

A devo ir chau foi um pra ser ti conhecer a amanha eu vou te ver dinovo aran chau. chau. (PIHMS07).

Identificamos duas (02) produções textuais que apresentam sequências narrativas inseridas uma na outra. Acerca disso, Canvat (1996) afirma que há sequências inserentes ou dominantes e inseridas ou dominadas. Essa distinção permite alcançar o objetivo da ação de comunicação. O autor cita um exemplo bem pertinente para nossa análise, afirmando que uma história pode ser um pretexto para convencer conforme podemos observar no gênero fábula. Nessa produção, identificamos duas histórias envolvendo a personagem com a sequência narrativa completa: a primeira que expõe o desejo da personagem; e a segunda, um acontecimento trágico que desencadeia os fatos finais da narrativa. Compreendemos que essa produção estabelece uma relação lógica entre os fatos e o propósito de comunicar algo acerca da força de um sentimento ainda que isso possa não ter sido intencional.

## (13) CHANEL

[Pn1][e1a] Era uma vez uma garota chamada Chanel, [e1b] ela viajava pelas cidades a procura de um companheiro (para ter felicidades).

[e1c] Ela já estava a 5 anos procurando, [e1d] pois ela tinha 20 anos, [e1e] os pais dela já tinham morrido e mandou ela para avo e a avo dela morreu [e1f] já ia fazer 5 anos da morte da avó dela pois os pais dela morreram quanto ela tinha 10 anos.

[Pn2][e2a] Por isso ela vive só a procura de um companheiro para ela.

[Pn3][e3a] Ela procurou tando que achou um namorado, [e3b] eles estavam retornando a cidade Natal dela [Pn1]<sup>61</sup> e eles passando por uma floresta escura [Pn2][e2a] eles viraram um ladrão que mandou eles darem o dinheiro [e2b] mais o marido dela e muito valente e não deu [Pn3] o ladrão matou o marido dela.

[Pn4][e4a] Ela chorando foi atrás do ladrão mas ele atirou nela e a matou, [Pn5][e5] o espírito dela virou uma lenda urbana muito conhecida, [Pn2][e2a] mas um dia ela foi assustar uma cidade que as pessoas morriam de medo dela [e2b] não deixava as crianças saírem de casa.

<sup>61</sup> Destacamos por apresentar uma sequência narrativa inserida em outra, preferimos a cor vermelha para melhor visualização e separação das sequências.

[Pn3][e3a] Um dia um grupo de pessoas fizeram um círculo de invocação e trouxe a alma do seu amado [e3b] por que esse grupo sabia que ela estava sofrendo.

[Pn4][e4] Quando ela viu o seu amado o abraçou e o beijou e eles foram para o céu [Pn5] e aquela cidade viveu em paz e a alma dela também. (PIMMS12).

De acordo com Adam (1994, p.114), “um texto narrativo é uma estrutura hierárquica complexa compreendendo “n” sequências – elípticas ou completas – do mesmo tipo ou de tipos diferentes”<sup>62</sup>. Essa afirmação respalda nossas considerações acerca da análise dessas produções textuais, compreendendo que há uma estrutura internalizada no falante acerca da narrativa. Nas produções analisadas, identificamos essa organização interna presente nos textos, porque, apesar do desconhecimento de pormenores acerca da sequência narrativa, os alunos já possuem um conhecimento internalizado da estrutura de uma história por ouvi-las em casa ou na escola desde os primeiros anos de vida. No entanto, isso não implica dizer que seja desnecessário o aprendizado na escola da infraestrutura. O conhecimento da sequência narrativa contribui para que ele perceba que existem gêneros em que se faz presente a sequência narrativa com alto grau de narrativização e gêneros em que essa sequência apresenta um baixo grau de narrativização.

#### 4.3.2 Tempos verbais

O tempo verbal constitui-se uma marca linguística importante na construção da narrativa, porque, através da escolha de determinados tempos verbais, os acontecimentos desenvolvem-se. Ao analisarmos as produções, verificamos algumas dessas marcas de tempos verbais através dos textos. Respaldamo-nos para essa análise nos estudos de Benveniste (2005), de Adam (2008) e de Bronckart (2007); estes se baseiam no primeiro autor ao tratar do assunto.

De acordo com Benveniste (2005), o historiador utiliza-se da forma da terceira pessoa do pretérito perfeito para desenvolver a narrativa, tempo verbal denominado de aoristo que constitui o momento do acontecimento. No plano de enunciação histórica, admitem-se os tempos do aoristo, do imperfeito, do mais-que-perfeito e do prospectivo. De acordo com Adam (2008), que toma por base Benveniste, os tempos que marcam a

---

<sup>62</sup> Ver nota de rodapé número 09.

diegetização autônoma ou enunciação histórica são, preferencialmente, o imperfeito e o pretérito perfeito e seus correspondentes mais-que-perfeito e pretérito perfeito composto. Já em Bronckart (2007), o discurso narração é formado com os tempos verbais do pretérito perfeito e do imperfeito que tem papel específico de marcação de contrastes aspectuais. A fim de demonstrarmos isso, observamos que a análise das produções textuais apresentava os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito como tempo mais relevante na narrativa e a incidência desses tempos foram verificados em dezoito (18) produções. Vejamos na íntegra uma dessas produções, em que destacamos os tempos verbais de maior incidência no texto: o pretérito perfeito e o imperfeito.

(14) A CINDERELA

[Pn1][e1a] Era uma vez uma menina chamada cinderela. [e1b] Ela **vivia** com sua madrasta e suas duas irmãs, [e1c] elas três **eram** más e **faziam** de cinderela uma criada doméstica.

[Pn2][e2a] No dia seguinte, **chegou** uma mensagem do palácio pra madrasta, [e2b] cinderela **recebeu** e **perguntou** se podia ir e suas irmãs **disseram**:

--- Se você for vai passar vergonha.

--- Você não tem o que vestir.

--- Mas na carta diz: toda moça deve comparecer. Disse a Cinderela!

--- É você tem razão, você pode ir para o baile.

--- Muito obrigado. Disse cinderela.

[Pn3][e3a] No outro dia, cinderela **estava** triste porque não **tinha** o que vesti(r), [e3b] só que quando **viu** seus ratinhos **fizeram** um vestido [e3c] e quando ela **desceu** as suas irmãs **rasgaram** o vestido e cinderela **começou a chorar** [e3d] e **apareceu** uma fada madrinha e **transformou** seu vestido em lindo vestido de baile e cinderela **foi** ao palácio numa linda carruagem.

[Pn4][e4a] Quando a cinderela **chegou** o príncipe a **viu** e eles **começaram a dançar**. [e4b] Mas **deu** doze horas e Cinderela **fugiu**.

[e4c] No dia seguinte, o grantuque **foi** ver qual das meninas da casa **cabia** o sapatinho, mais nenhuma delas **coube** a única que **coube foi** cinderela, [Pn5][e5a] e ela príncipe se **casaram** e **viveram** felizes para sempre. (PITFU20).

Além disso, identificamos a presença do aoristo (pretérito perfeito), conforme afirma Benveniste (2005), esse tempo verbal assume a função de narrar os acontecimentos por si mesmo. Verificamos também a presença de ações dinâmicas na história, no pretérito perfeito, que constituem o primeiro plano da narrativa e o pretérito imperfeito que constitui o segundo plano, ambos os planos denominados por Bronckart de contraste global, que foi verificado nas dezoito produções textuais. Segundo

Bronckart, a progressão é que faz avançar a narrativa interagindo com a sequência narrativa:

nas fases iniciais e finais, os processos são quase que, de facto, postos em segundo plano, enquanto as fases de ação e de resolução são quase, de facto, posta em primeiro plano, caracterizando-se a fase de complicação, frequentemente, por uma oposição entre esses dois planos. (BRONCKART, 2007, p. 294).

Vejamos um excerto de uma produção textual, em que verificamos o aoristo e o contraste global presente na narrativa através dos verbos destacados. Conforme a citação anterior, esse excerto refere-se às ações da Situação inicial [Pn1] e do Nó [Pn2]. A Situação inicial é marcada com verbos no segundo plano e o Nó com verbos no primeiro plano.

(15)

[Pn1][e1a]Era uma vez um homem que se **chamava** doido trancadão, [e1b] ele se **chamava** assim porque todas as viagens que ele **fazia** com seu cavalo, [e1c] **trancava** o seu cavalo nele e **iam dormir**. (PIJLN08).

(16)

[Pn2][e2a]Um dia o doido trancadão com seu cavalo **fizeram** um viagem, [e2b] Quando **escureceu** ele **trancou** seu cavalo nele e **dormiram**. (PIJLN08).

A narrativa apresenta-se sob a forma de referência temporal isocrônica que desenvolve o processo da diegese numa ordem de sucessão objetiva. Assim diz Bronckart: “os processos são efetivamente apresentados em uma ordem que parece reproduzir a dos acontecimentos da diegese; consideramos, então, que o decorrer do processo narrativo e a ordem de sucessão dos processos se desenvolvem em paralelo.” (BRONCKART, 2007, p. 286).

No decorrer da análise, observamos que algumas das produções apresentavam a localização pertencente ao eixo de referência temporal retroativa e projetiva. Esse eixo de referência, de acordo com Bronckart, consiste em processos apresentados em uma ordem deslocada em relação à diegese:

ou eles são apresentados como anteriores à fase atual do curso do processo narrativo e, então, são objeto de uma localização retroativa, ou são apresentados como posteriores à fase atual desse processo e, então, são objeto de uma localização projetiva. (BRONCKART, 2007, p. 287).

A localização retroativa é marcada pelo emprego de verbos no passado anterior ou no mais-que-perfeito, e no projetivo os verbos apresentam-se sob a forma de

imperfeito perifrástico ou condicional. Nas produções analisadas, identificamos quatro (04) que apresentavam a referência temporal retroativa e doze (12), com referência temporal projetiva. Os excertos, que apresentamos a seguir, correspondem à referência retroativa e à projetiva que estão presentes nas produções textuais analisadas de acordo com a ordem aqui exposta.

(17)

[Pn1][e1a] Um dia numa escola quatro alunos, quase 9h da noite, eles curiosos como era o andar e eles aproveitaram, que os professores **tínham saído** de sala. (PIVHFO21).

(18)

[Pn5][e5a] E as meninas **conseguiram sair** [e5b] e fizeram uma promessa nunca mais **vam passar** pela casa. (PIELSA05).

Apesar de não nos aprofundarmos em outros tempos da narrativa, identificamos o tempo verbal do presente, com uma incidência pequena, apresentando-se apenas em quatro (04) produções textuais, conforme observamos a seguir nos excertos retirados dos textos originais. No primeiro excerto, pudemos observar que o tempo verbal parece ser um “deslize” do aluno no momento da produção, porque no decorrer do texto prevalece o pretérito perfeito e, pela análise, compreendemos que ele ao escrever no tempo verbal presente tinha a intenção de narrar no pretérito perfeito. No segundo excerto, ao contrário, pareceu-nos intencional, pois se apresenta na voz do narrador, demonstrando uma interação entre narrador e leitor, esse trecho reforça o já dito em [Pn1]. No terceiro excerto, compreendemos como o discurso indireto livre, o texto é narrado em primeira pessoa e há a presença do tempo verbal presente em meio a outros do pretérito perfeito como uma voz da personagem no momento da enunciação. No quarto excerto, observamos que o presente é utilizado para introduzir a sequência narrativa seguinte. Vejamos a seguir:

(19)

[Pn3][e3a] ai **sai** um roceiro montado no burro. (PIEGP04).

(20)

[Pn2][e2a] Por isso ela **vive** só a procura de um companheiro para ela. (PIMMS12).

(21)

[e3f] Quando fui jogar no campo e vi ela dinovo lá, então tive uma idéia de chamar meus treinados para falar com ela e **convida**-lá para jogar com a gente no campo. (PIPITAP19).

(22)

[Pn2][e2a] As meninas aceitaram, [e2b] mas sem saber o resto da lenda, [e2c] e o resto é que: [Pn1][e1a] Era uma menina morreu [...]. (PIELSA05).

Outros verbos foram identificados por apresentarem um caráter de ações estáticas, presentes em cinco (05) produções analisadas. Em uma produção, essas ações estáticas apresentaram-se em construções com contraste global, compondo o segundo plano nos textos analisados, conforme observamos no excerto a seguir.

(23)

[Pn1][e1a] Era uma vez um garotão que **era** podre de rico [e1b] mais **era** muito solitário ninguém queria ser seu amigo [Pn2][e2a] mas um dia Ele amdando Ele **emcontrou** um menino. (PIDRH03).

Observamos que as demais produções com a incidência de ações estáticas faziam parte do desenvolvimento da diegese, apresentando-se nas formas dos verbos SER e ESTAR nas produções analisadas. Além disso, observamos que há uma tentativa, no decorrer dos textos, de o aluno utilizar-se dos tempos verbais da narrativa. Em algumas situações, conforme observado anteriormente, esse uso está adequado; prevalecendo os tempos do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito, em outras, o aluno equivoca-se quanto ao uso. Acreditamos que a intervenção do professor, nesse momento, pode auxiliar na reestruturação do conhecimento intuitivo que cada aluno tem acerca da escolha dos tempos verbais adequados à narrativa.

#### 4.3.3 Organizadores temporais

A presença de organizadores temporais na produção textual é marcada por algumas classes de palavras tais como advérbios e conjunções. Esses termos contribuem para fazer referência a situações temporais no texto e, juntamente, com os tempos verbais auxiliam na construção da temporalidade textual. Acerca disso, Adam (1997) organiza índices temporais dividindo-os em duas classificações: referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e referência temporal relativa (no cotexto – enunciado; no contexto – situação). Tomamos como base para nossa análise esses índices temporais de Adam, complementados com alguns mecanismos de coesão nominal defendidos por Bronckart (2007).

Acerca dos índices temporais, a referência temporal relativa no cotexto são marcas que se referem a situações internas no texto e a referência temporal relativa de contexto são marcas que se referem a situações externas no texto. Na primeira etapa

desta análise, verificamos textos que apresentavam a referência temporal absoluta vaga ou, conforme Bronckart, a fórmula convencional. Como a produção inicial foi incentivada a partir de uma história do gênero conto popular, verificamos que houve influência desse gênero no processo de escrita do texto pelos alunos, além do fato de que a narrativa ainda está atrelada ao gênero contos de fadas. Isso nos leva a crer que algumas marcas linguísticas são memorizadas pelos alunos a partir da leitura/audição dos contos de fadas e apresentam-se no texto por meio de locuções adverbiais tais como “Era uma vez...” e “Um dia...”, principalmente aquelas, que iniciam gêneros desse tipo. A incidência maior desses elementos, no início dos textos, ocorreu com a locução adverbial “Era uma vez...”, em dezoito (18) produções textuais, seguida por “Um dia...” em três (03) produções e, por último, em apenas uma (01) o texto iniciava-se com uma conjunção temporal, diferenciando-se das demais produções que seguem os contos de fadas, porque o início é uma explicação para dar continuidade à história propriamente dita. Conforme a ordem das ocorrências, vejamos excertos de cada uma, respectivamente:

(24)

[Pn1][e1a] **Era uma vez** um fazendero rico que tinha um cavalo bem bonito [e1b] que a cabeça dele parecia um fogo [e1c] aí ele seguindo em viagem com um revolve um facão quase do tamanho da mãe dele. (PIEGP04).

(25)

[Pn1] [e1a] **Um dia** estava brincando com minhas amigas. (PITAP19).

(26)

[Pn0][e0a] **Quando** um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho [e0b] esse filho se vise a lua cheia começava sua transformação: ficava com pelos sua boca e orelha crecia suas unhas ficavam grandes e afiadas [e0c] ele se transformava o lobisomem. (PIMSS16).

Além dos excertos acima, consideramos como referência temporal absoluta e/ou fórmula convencional o termo “viveram felizes”, apesar de apresentar em sua estrutura um verbo e não o advérbio temporal “sempre”. Essa junção que formou o termo permitiu-nos analisá-lo dessa forma, porque o encontramos, geralmente, no final dos contos de fadas sob a forma de “viveram felizes para sempre” sem especificar um tempo exato, ou melhor, expressando um tempo de felicidade infinita. Entretanto, essa segunda “fórmula convencional” ocorreu somente em um (01) texto analisado, conforme excerto a seguir, e apresenta-se com a marca linguística que caracteriza as narrativas de contos de fadas, esse excerto apresenta um acontecimento que situa o leitor num mundo real.

Apesar de “viverem felizes”, há um fato no texto acerca de um ferimento no pai, este fato contrasta com a ideia de felicidade atemporal dos contos de fadas.

(27)

[Pn5][e5] e **viveram felizes** e o pai ficou com um ferimento por causa do lobisomem. (PIMSS16).

No decorrer dos textos, outras locuções adverbiais apresentavam-se, dentre elas, identificamos “um dia” com três (03) ocorrências em outros parágrafos do texto; “(um) certo dia” com duas (02) ocorrências; “em um belo dia”, “muitos anos atrás” e “uma noite” com apenas uma (01) ocorrência nas produções textuais. A segunda classificação analisada refere-se à referência temporal relativa no cotexto e/ou balizamento que “podem marcar os pontos de articulação entre as fases de uma sequência ou de outra forma de planificação.” (BRONCKART, 2007, p. 264). Essas marcas linguísticas representadas pelos termos “Quando...”, “Depois...”, “Em um belo dia...”, “Então...”, “No outro dia...” e “No dia seguinte...”; apresentaram-se em quinze (15) produções textuais em que observamos a ocorrência de ambas às classificações. Nas demais que totalizaram quatro (04), identificamos termos como “Um dia...”, no decorrer da produção, e “No outro dia...” que se diferenciam da análise anterior, porque estas não são fórmulas convencionais, mas sim elos coesivos entre parágrafos, que podem ser tomados como balizamento. Esses termos classificam-se somente como balizamento por apresentarem-se no texto apenas como ponto de articulação entre segmentos da sequência e fazerem parte da referência temporal absoluta vaga conforme visto anteriormente.

Uma terceira classificação, a referência temporal relativa no contexto e/ou balizamento foi identificada em duas (02) produções textuais com os seguintes termos “Desde esse dia...” e “quando” que articulam segmentos da sequência. No entanto, a conjunção “quando” é uma marca linguística dupla, porque assume a função de balizamento e de encaixamento a ser exemplificado no decorrer do item. Vejamos excerto da segunda e terceira classificação conforme exposto:

(28) Referência temporal relativa no cotexto e/ou balizamento

[e2b] esse homen que pediu carona era ladrão ele levou todos os ovos [Pn3][e3a] e **depois** o homen com seu caminhão seguiu o ladrão. (PIPBTCF17).

(29) Referência temporal relativa no contexto e/ou balizamento

[e1c] Estava muito cansado [Pn2][e2a] **quando** viu uma venda e [e2b] parou para descansar. (PIFMAT06).



Identificamos a incidência em quatorze (14) produções textuais com termos em que se apresentam a classificação de referência temporal relativa no contexto e encaixamento. Segundo Bronckart (2007, p. 264) o termo encaixamento apresenta-se:

Em um nível mais inferior ainda, esses mecanismos podem explicitar as modalidades de integração das frases sintáticas à estrutura que constitui a fase de uma sequência ou de uma outra forma de planificação; sua função então é chamada de **empacotamento**<sup>63</sup>. Por extensão, consideraremos que esses mecanismos que articulam duas ou várias frases sintáticas em uma só frase gráfica, exercendo, assim, uma função de **ligação** (justaposição, coordenação) ou de **encaixamento** (subordinação).

Nos excertos retirados das produções, verificamos que esses termos apresentam-se na produção do aluno através da presença de termos “de repente” e “até que”, ambos utilizados como encadeamentos para completar o sentido da sentença anterior e ao introduzirem-no na sentença seguinte criam a ideia de expectativa no primeiro excerto e, no segundo, relevância a algo que está para acontecer. Na construção do texto, o aluno, utilizando-se desses termos, constrói o sentido do verbo relacionando-o a conjunção que se apresenta na sentença seguinte conforme abaixo:

(30)

[e3d] O homem que estava caído começou a ajudar João a bater nos lobos, [e3e] os lobos correram mas **derepente** apareceu um lobo atrás de João e mordeu o braço dele. (PIJAO09).

(31)

[e3f] Eles continuavam viajando, [Pn4][e4a] **até que** eles encontraram uma pousada que podiam dormir lá. (PIMVL14).

A última referência temporal analisada refere-se à relativa do contexto e encaixamento; esta como parte da coesão nominal em Bronckart. Identificamos a incidência em quatro (04) produções textuais analisadas com a conjunção temporal “quando” e a locução adverbial “no outro dia” nesta apresentou-se em uma (01), aquela em três (03) produções textuais. Atribuímos a esses excertos a referência analisada anteriormente, porque ela se refere à situação escrita que é manifestada através de indicações do “aqui” e “agora” presentes no contexto em que está inserido o advérbio e a locução adverbial destacados. A seguir apresentamos os termos conforme a ordem de maior incidência na produção do aluno.

---

<sup>63</sup> Grifos do autor.

(32)

[e2d] Ele caminhava [e2e] **quando** Ele escutou uma voz sombria. (PIDRH03).

(33)

[e3d] a noite foram dormir **no outro dia** o filho disse que teve um sonho. (PIMALG15).

Verificamos com a análise que o aluno já faz uso de muitos desses organizadores temporais em suas produções textuais, dado ao fato de conhecerem a estrutura dos contos de fadas e outros textos narrativos semelhantes lidos, de um modo geral, na escola ou mesmo no ambiente doméstico. Esses termos são expressos de maneira coerente mesmo nas produções que apresentaram problemas na organização dos parágrafos. No entanto, a questão que desejamos responder é como eles auxiliam na construção da sequência narrativa que identificaremos nas produções finais. Como há uma complementaridade entre os verbos e os organizadores temporais, o aluno ao estudar tais termos, poderá compreendê-los e produzir os textos consciente de seu valor.

#### 4.3.4 Pronomes

Nossa última categoria de análise contempla os termos que servem para retomar informações no texto denominado de anáforas pronominais, esses termos apresentaram-se com maior incidência nas produções iniciais analisadas. Percebemos que, de um modo geral, os alunos já se utilizam deles para substituir nomes de pessoas ou de personagens. Os pronomes pessoais do caso reto, nessas produções, apresentaram-se na primeira pessoa (eu) e na terceira pessoa (ele/ela), havendo maior incidência desse último termo. Conforme Bronckart (2007, p. 271), “na medida em que os tipos do discurso da ordem do NARRAR, normalmente, colocam em cena séries de personagens, encontraremos aí, mais frequentemente, anáforas pronominais de terceira pessoa.” Houve também muitas dessas retomadas que se apresentaram através da marca zero Ø em algumas produções textuais analisadas. Em termos quantitativos, dezessete (17) produções apresentaram pronomes pessoais, dentre elas, dezesseis (16) em terceira pessoa e uma (01) em primeira pessoa, além de quatro (04) produções textuais que apresentaram somente a marca zero Ø. O excerto abaixo (35) mostra-nos uma situação de anáfora pronominal em terceira pessoa e a marca zero Ø. Numa segunda produção

textual, que está na íntegra, percebemos que o aluno constrói o texto sem nenhuma anáfora pronominal pessoal do caso reto e as retomadas foram realizadas com marca zero conforme dito anteriormente.

(34)

[Pn1] [e1a] Era uma vez um rapaz chamado Ronaldo que estava a pé querendo ir para Sobral, [e1b] e nesse caminho **ele** encontrou uma moça chamada **Amy**, Ø ficaram amigos e Ø continuar(am), a viagem. (PIAMS01).

(35)

[Pn1][e1a] Era uma vez um caçador que gostava muito de matar animais e tirar suas peles para vender para o senhor Mauricio, um fazendeiro podre de rico, [Pn2][e2a] mais em uma noite escura uma coisa estranha aconteceu, [e2b] **o caçador** saiu com sua espingarda e sua garrafa d'água [e2c] quando Ø saiu do seu barraco [e2d] **o padre** estava em sua porta e Ø pergunto:

--- Posso saber onde vai meu filho.

--- Vou para a floresta padre o senhor Mauricio que coro de jacare. Responde o caçador.

--- Não vá meu filho o curupira estar a soute...

--- Oxe padre eu sou homem feito o curupira não vai ter corage de mexer com migo ate padre.

[Pn3][e3a] E assim Ø seguiu em seu cavalo a floresta, [e3b] assim quando Ø chegou logo Ø viu o jacaré [Pn4][e4a] e quando Ø preparava a espigada, [e4b] uma pessoa vermelha e com olhos fundos e fala:

--- Vá embora e não voute mais... va!

[Pn5][e5a] E assim o caçador foi embora assustada... [e5b] e niguem. Niguem vai mais nessa floresta se chama (O curupira). (PIMSH13).

Acerca disso, identificamos na produção trinta e cinco a anáfora pronominal demonstrativa “NESSA floresta”<sup>64</sup>, retomando o termo floresta, que aparece no diálogo entre o caçador e o padre conforme podemos observar nesse fragmento: “[e5b] e niguem. Niguem vai mais *nessa floresta se chama (O curupira)*” (PIMSH13). Segundo Adam (2008), a anáfora pronominal pode ser por definição fiel quando se refere a um termo que não indica nova propriedade do objeto. Já a anáfora pronominal demonstrativa apresenta como característica maior o “poder” de reclassificação. De acordo com nossas observações, os alunos ao produzirem seus textos utilizam-se mais desse tipo de anáfora que auxiliam na retomada de termos do texto. Houve a incidência em nove (09) produções textuais de anáforas desse tipo conforme observamos no excerto retirado da produção analisada anteriormente.

Além do já exposto, há outros tipos de anáforas pronominais que se apresentam sob a forma de pronomes pessoais do caso oblíquo ou pronome relativo. A incidência

<sup>64</sup> Não consideramos nesta pesquisa os valores dêiticos.

das que se apresentam como pronomes oblíquos foram observados em seis (06) produções textuais. Em uma das produções, o pronome tem valor de oblíquo, mas pertence ao caso reto, naturalmente, a inversão aconteceu porque na fala é comum o uso do pronome reto pelo oblíquo, principalmente, na faixa etária em que os informantes (alunos) se encontram. O que interessa para análise é o contexto de uso; logo, trata-se de anáfora com pronome oblíquo. O uso de pronome relativo construindo orações adjetivas restritivas ocorreu em quinze (15) produções textuais com o pronome “que”. Isso confirma e é reforçado, também, pelo uso da oralidade. Em geral, construímos frases com o pronome que, muito raramente com “qual” e “cujo” é impraticável nessa faixa etária. Os dados apenas confirmaram nossas suposições acerca disso. Observemos alguns excertos que ilustram os usos por retomadas pronominais.

(36)

[e3b] e o pai que pegou o humano Marcos e levou **ele** para casa. (PIMSS16).

(37)

[Pn2][e2a] Quando o lobisomem ouviu isso **o** atacou. (PIMSS16).

(38)

[Pn2][e2a] Quando o lobisomem ouviu isso o atacou e o pai **que** se chamava José correu. (PIMSS16).

A construção do texto com essas marcas linguísticas será analisada, mais detidamente, nas produções textuais finais. Observamos nessa primeira parte da pesquisa com base na amostra das produções textuais que os alunos fazem uso dessas categorias, de uma forma intuitiva, pois elas pertencem à estrutura do texto narrativo, que faz parte de seu conhecimento de mundo. Como aplicamos uma metodologia voltada para o processo ensino-aprendizagem que se desenvolveu em sala de aula durante um período, mostraremos como o conhecimento dessas categorias auxilia na construção do sentido e na estrutura textual dos gêneros narrativos.

#### 4.4 Produções textuais finais

As produções finais constituem a segunda parte da análise em que apresentamos as mesmas categorias, observando, porém, como os textos foram construídos após as oficinas. Essas produções destacam-se pela tentativa de os alunos usarem algumas das categorias de forma mais adequada, porque eles já detêm alguns conhecimentos acerca

do assunto adquiridos no decorrer das oficinas; que são percebidos, claramente, em algumas situações ou tentativas de “acerto” conforme dito.

#### 4.4.1 Sequência narrativa

As produções textuais analisadas foram produzidas na última oficina e tiveram como estímulo as festas juninas que estavam para acontecer naquele período. Os alunos tomaram por base para as produções iniciais a leitura de um texto. Num segundo momento, a produção final foi realizada apenas com o estímulo, conforme dito, de uma temática que estava próxima da realidade dos alunos naquele período. Por essa razão, eles produziram textos que tratavam da temática, mas nem todos esses textos pertenciam ao gênero do narrar; alguns inseriam a sequência narrativa em outras sequências, que não foram analisadas em nossa pesquisa. Compreendemos, no entanto, que um aluno produtor de um texto com uma organização argumentativa que apresenta coerência na ideias expostas, conforme observado nessas produções, provavelmente, produzirá um texto do gênero do narrar.

De um total de vinte e um textos, podemos afirmar que, segundo os critérios aqui observados, narrativos foram produzidos quatorze (14). A sequência narrativa que observamos apresenta [Pn1] Situação inicial, [Pn2] Nó, [Pn3] Re(ação), [Pn4] Desenlace e [Pn5] Situação final; além de [Pn0] Entrada-prefácio, Simples período e [PnΩ] Avaliação-final. O texto analisado demonstra que há a sequência, apesar de apresentar problemas de outra ordem que não serão contemplados na pesquisa tais como: ortográficos, gramaticais etc. A tríade; [Pn2] Nó, [Pn3] Re(ação) e [Pn4] Desenlace; apresenta-se no decorrer da produção com marcas linguísticas que contribuem para a organização do tipo de discurso narração. Conforme Bronckart (2007, p. 89) “é no quadro desses tipos discursivos que se realizam os modos de planificação propriamente linguísticos que são as sequências (cf. ADAM, 1992), que se organizam em orações ou cláusulas, descritas pelas teorias sintáticas.” O texto é construído através das marcas linguísticas e a organização, cuja sequência narrativa faz parte, compõe a infraestrutura de gêneros do narrar.

O texto a seguir apresenta a sequência narrativa que se faz presente também em outros textos analisados, alguns apresentam o plano de texto completo a ser apresentado

no decorrer da análise, outros apenas a sequência. Essa estrutura-base é internalizada pelo aluno, podendo ser percebida na construção do texto, principalmente, nas produções finais. No entanto, há textos que apresentam diferenciação de uma sequência narrativa com alto grau de narrativização de outra com baixo grau de narrativização. Além disso, identificamos textos com a estrutura de *script* pertencente ao tipo de discurso relato interativo. Essa diferenciação permite ao aluno produzir gêneros textuais que ora apresentam à sequência narrativa ora a estrutura de *script*. Enfatizamos que utilizamos as nomenclaturas de ambos os autores, porque auxiliam na compreensão dessas diferenças presentes na construção dos textos do gênero do narrar.

### (39) A FESTA MAIS RUIM

[Pn1][e1a] Era uma ves uma menina que gostava muito de festa junina [e1b] no dia ela foi aluga o vestido para ir [Pn2][e2a] eu aluguei qando gego o dia e a hora da da festa o meu par fautro [Pn3][e3a] quando eu sobe dessa coisa eu chorei muito [e3b] porque eu alugei de beija (besta) pois ele fato [e3c] amenhada eu vo fala com ele [Pn4][e4a] eu fui quando eu chegei La eu toquei a companhia blim blom [e4b] ele abrio a porta e dis **OI com vai eu vôo muito rui eu esto doente estou cripada com do de graganta e com febre e não pode ir da mas descupa minha querida e porque não deu para eu quero ser o par favor não escolhe outro par por favo – Eu espero que você melhore ta bom ei eu trose augumas fotos da festa junina ei eu vo aqui no computado para acessa para passa as foto são mais o menos 43 eu também tirei umas fotos com animais e amigos minhas mais ele, fiserão uma festinha ea no quintal. la eles tinha foguera e milho para pode não fica com fome ta aí [Pn5] foram felises para sempre!!! (PFBGA02).**

Verificamos que num total de quatorze (14) produções, alguns textos apresentam somente a sequência narrativa, apresentando-se em cinco (05) produções textuais, conforme demonstramos no exemplo (39). Além disso, há sequências narrativas, como a do exemplo (40), que são introduzidas por [Pn0] e finalizadas por [PnΩ], as primeiras apresentam-se em quatro (04) produções textuais e as segundas em duas (02) produções. Observamos textos em que além da sequência narrativa também apresentou o plano de texto com Simples período num total de duas (02) produções. Em apenas uma (01) das produções textuais, identificamos o plano de texto com [Pn0], Simples período, Sequência narrativa e [PnΩ]. A seguir, observaremos um exemplo a fim de destacar que os alunos constroem produções com essas proposições e acréscimos do plano de texto, que contribuem para o desenvolvimento da narrativa, por já terem um esquema mental que lhes possibilitam (re)produzir outros textos dessa mesma natureza. A contribuição do professor é ensiná-los que essa sequência deve estar de acordo com o gênero que se pretende produzir. De acordo com Canvat (1996, s/p), “o leitor confere intuitivamente uma coerência a uma série textual a partir de certos esquemas globais cujo

reconhecimento e o domínio facilitam o processamento cognitivo.” Conforme observamos a seguir, essa produção é uma narrativa e nela apresenta-se o alto grau de narrativização, que envolve o processo de intriga.

(40) **FESTA JUNINA**

[Pn0][e0a] A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, [e0b] mais para algumas não é. Sp Como o que aconteceu [Pn1][e1a] as meninas estavam ensaiando para a festa, [Pn2][e2a] mais so que uma menina não tinha pá. [e2b] Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, [e2c] mais só que ele disse que tinha vergonha.

[Pn3][e3a] Quando chegou o outro dia ela foi tentar dinovo com o mesmo menino, [e3b] dessa vez ela convenceu o menino a dançar com ela.

[e3c] Então chegou o dia o outro dia da festa, a menina tinha chegado lá, na festa tinha muitas barracas de comida e etc. [e3d] Quando ela viu aquelas comidas ela ficou com desejo de comer. [e3e] Tinha tanto, comida gostosa lá, [e3f] algumas delas eram muito conhecidos, como: pé-de-moleque, bolo, pratinho e etc.

[Pn4][e4a] Chegou a hora de dançar e era tão engraçado, [e4b] a menina fazendo o maior esforço pára se apresentar bem [e4c] e o menino lá, dançando todo duro.

[Pn5] Por causa disso a festa terminou toda ruim e isso prejudicou muito. [PnΩ] E foi assim que terminou a festa, todos ficaram muito tristes como o que aconteceu e etc. (PFTAP19).

Segundo Canvat (1996), ao trata da tipologização homogênea, ele distingue duas formas principais de diferentes sequências em um texto e as classifica em: inserção de sequências e sequência dominante. Observamos em nossa análise que algumas produções textuais apresentaram uma dessas duas classificações, destacamos, porém, a inserção de sequências marcadas pela sequência narrativa. Em duas (02) das produções analisadas (PFLMR11, PFMSH13), identificamos a sequência narrativa que se apresenta inserida em outra sequência narrativa. Observemos a seguir uma dessas produções textuais.

(41) **SÃO JOÃO DAS TRADIÇÕES**

[Pn1][e1a] Era dia 13 de junho festa junina, quando todos os jovens estavam em volta de uma fogueira contando supertições como: a loira do banheiro, lobisomem e etc.

[Pn2][e2a] Mas teve uma lenda que assustou Fernanda [e2b] foi a lenda da menina de ferro.

Sp Dá medo por causa do escuro e que faz muito frio.

Sp Era assim: [Pn1][e1a] uma menina que os pais tinham morrido quando ela tinha 3 anos.

[Pn2][e2a] Então ela se mudou para um orfanato, devido seu problema ela era muito dura.

**[Pn3][e3a]** As crianças do orfanato chamavam ela de menina de ferro **[e3b]** até as professora chamavam.

**[Pn4][e4a]** Um dia de sábado ela teve uma crise e morreu.

**[Pn5] [e5a]** Ainda hoje ninguém mas entrou no quarto dela.

**[Pn5][e5a]** Agora toda noite ela vem para assustar as crianças que magavam dela e os adultos. (PFLMR11).

O texto apresenta a sequência narrativa com o processo de intriga, conforme podemos observar na produção (41). Compreendemos, no entanto, que a sequência inserida apresenta-se na função de uma proposição [Pn4] Desenlace, já que essa inserção constrói o sentido da primeira sequência, principalmente, com a presença de [Pn5] Situação final. Acerca disso, percebemos que três (03) produções textuais (PFHM07, PFMVL14, PFPBTCTF17) são construídas sem a presença de [Pn4] Desenlace. Essas produções não desenvolvem a sequência narrativa de forma completa, mas são consideradas narrativas, porque apresentam outras proposições e o grau de narrativização. Além disso, observamos também uma (01) produção textual (PFKFA10) com a sequência narrativa incompleta sem a presença de [Pn5] Situação final que não compromete a compreensão do texto, mas causa uma expectativa de que será acrescentada uma complementação de [Pn4] Desenlace para finalizar o texto. Acerca das produções textuais, que não estão estruturadas, conforme a sequência narrativa analisada, observamos quatro (04) produções (PFEGPO04, PFELSA05, PFJAOP09, PFMALG15) construídas com outras sequências narrativas que não estão sendo analisadas nesta pesquisa. Compreendemos, no entanto, que produções desse tipo apresentam uma organização linguística e uma estruturação do pensamento e isso nos permite concluir que há possibilidade de esses alunos terem se desviado da proposta, mas poderem construir textos com a sequência narrativa. Duas (02) dessas produções apresentam o *script* conforme podemos observar no excerto a seguir.

(42)

**[Pn1][e1a]**Meu pai tem um terreno la em pacatuba **[e1b]** e o aniverssarie da minha mãe é no dia do Festas Juninas **[e1c]** ai vai ter o aniverssaril dela e uma parte da Festa Junina. (PFEGPO04).

Segundo observamos, a estrutura apresenta a inserção de outra sequência e a continuidade apresenta-se sob a forma de *script*, pois as ações são enumeradas sem que se desenvolva um processo de intriga, porque o texto não tem como objetivo ser uma narrativa, mas tão-somente descrever a temática abordada na oficina.



Podemos compreender que as produções textuais, apesar de apresentarem essas variações entre narrativa e *script*, oportunizam ao professor trabalhar as diferenças na construção de gêneros do narrar. A presença da intriga é o diferencial para que o aluno participante das oficinas compreendesse o que é uma narrativa, pois, até então, ele enumerava fatos que poderiam vir a ser ou não uma narrativa.

#### 4.4.2 Tempos verbais

Durante as oficinas, os alunos foram orientados acerca da importância do tempo verbal na narrativa, em uma das etapas, desenvolvemos atividades que se voltavam para o aspecto verbal. Na análise, observamos a incidência dos tempos do pretérito perfeito e imperfeito em dezessete (17) produções textuais. Ao escrever gêneros do narrar é esperado o uso desses tempos verbais, destacamos, no entanto, que havia um conhecimento prévio acerca desse assunto que contribuiu para a produção final. Também identificamos o pretérito perfeito na terceira pessoa que demonstra a presença do aoristo, a incidência ocorreu em dezesseis (16) produções analisadas, apenas uma (01) apresentou verbos na primeira pessoa. Além disso, essas produções apresentaram a referência temporal isocrônica, que contribui para o desenvolvimento da narrativa. Identificamos também nas produções analisadas a presença do primeiro plano com verbos no pretérito perfeito e do segundo plano no pretérito imperfeito, que marcam o contraste global no texto e contribui conforme, já dito, para o desenvolvimento da diegese no texto. No entanto, Bronckart afirma que:

a narração baseia-se na criação de um mundo discursivo disjuncto do mundo ordinário, que, além disso, pode ser completamente fictício; portanto a história contada não é nunca objetiva e por isso, não dispomos de nenhum critério que permita estabelecer, a priori, uma hierarquia de importância humana dos acontecimentos que nela estão presentes. As análises, na verdade, mostram que acontecimentos aparentemente decisivos para a progressão da história podem ser relegados ao segundo plano, enquanto acontecimentos de importância aparentemente secundária são alçados ao primeiro. (BRONCKART, 2007, p. 291).

Observamos também que a localização pertencente ao eixo de referência temporal retroativa teve incidência em quatro (04) produções textuais (PFLMR11, PFMMS12, PFMVL14, PFVHFO21). Além disso, tempos verbais que apresentavam localização pertencente ao eixo de referência temporal projetiva apresentaram

incidência em oito (08) produções textuais<sup>65</sup> (PFDRH03, PFKFA10, PFMSH13, PFMVL14, PFMALG15, PFTAP19, PFTUF20, PFVHFO21), apenas uma (01) apareceu em um texto com outro tipo de sequência seguido de *script*. Observemos três excertos das produções textuais com referência temporal retroativa, com um pretérito imperfeito perifrástico, e a referência temporal projetiva, com o tempo verbal no pretérito imperfeito perifrástico e no condicional, retirados de uma das produções textuais do gênero do narrar.

(43)

Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, esse cimiterio **era abandonado** não era visitado por parentes. (PFVHFO21).

(44)

**[e1f]** e se eles estivessem presso o curupira **ia** lá **temtar** salvar Ele. (PFDRH03).

(45)

**[Pn3][e3a]** Chorou e jurou que **irria** sim vingar de todos que matam ou machuquem os animais. (PFMSH13).

De acordo com Bronckart (2007, p. 287), “a localização retroativa é marcada, por sua vez, ou pelo emprego do passado anterior<sup>66</sup>, ou pelo do mais-que-perfeito”, compreendemos que o excerto (43) encontra-se nessa classificação temporal, porque marca um fato ocorrido anteriormente em relação aos fatos da narrativa, a construção, seguida do verbo *ser* mais participio, é sintática com voz passiva, convencionalmente, os pretéritos mais-que-perfeitos são estruturados com verbo auxiliar *ter* ou *haver*. Compreendemos, no entanto, que esse excerto em seu sentido lógico indica para o leitor um passado anterior a outro passado mesmo não estando, necessariamente, nos padrões convencionais. Nos demais excertos, segue a classificação de acordo com a denominação dada por Bronckart.

No decorrer da análise, identificamos o presente como tempo verbal que apresentou incidência em nove (09) produções textuais. Esse tempo não apresentou sentido de presente histórico conforme Benveniste (2005), mas tão-somente em situações que se apresentam outras sequências ou apenas como equívocos considerados por nós como desvios. Observemos o excerto seguinte com uma dessas situações, o presente nessa produção parece-nos um desvio, porque, no decorrer do texto, prevalece

<sup>65</sup> Enfatizamos que, se comparada à primeira produção, esses números são menores dado ao fato de que essas produções, em sua grande maioria, foram do gênero do narrar diferente da segunda produção que apresentou textos com outras sequências textuais alterando o resultado final.

<sup>66</sup> Corresponde em português ao pretérito mais-que-perfeito composto.

o pretérito e o tempo do presente aparece sem, necessariamente, indicar situação de presente histórico ou de tempo presente do enunciado, equivale a “tinha” ou “estava havendo”.

(46)

[Pn2][e2a] E no seu colégio ia ter festa junina, [e2b] como ela gostava muito, ela ia dança só que tem um problema, não **tem** menino para dançar [e2c]e ela ficou muito triste... (PFMATO06).

Acerca da categoria tempos verbais, identificamos verbos estáticos em duas (02) produções textuais (PFJLN08, PFMMS12) e um (01) verbo no imperativo (PFPBTCF17) que não correspondem a sequência analisada na pesquisa. Percebemos nessas produções sequências de outro tipo que, apesar de não fazerem parte da análise, não descaracterizaram de todo os textos do gênero do narrar. Já a produção que apresentou verbo no imperativo foi classificada como uma narrativa de baixo grau de narrativização, apresentando outra sequência que não corresponde ao objetivo de nossa pesquisa.

#### 4.4.3 Organizadores temporais

Conforme as produções iniciais, tomamos como parâmetro para a análise as mesmas classificações dos elementos da categoria. Verificamos que as produções apresentam um número considerável de locuções adverbiais que exprimem a referência temporal absoluta vaga, de acordo com Adam, ou a fórmula convencional, segundo Bronckart. Compreendemos que não se faz necessário maiores explicações acerca das classificações aqui colocadas visto que já demos respaldo nos capítulos teóricos e nos subitens que tratam do assunto. Em termos numéricos, observamos a incidência em dez (10) produções textuais com locuções adverbiais temporais, dentre essas dez, identificamos algumas bem corriqueiras nas produções infantis que se assemelham às escritas em contos de fadas conforme expomos no subitem das produções textuais iniciais. A primeira locução adverbial identificada foi “Era uma vez...” com incidência em cinco (05) produções (PFBGA02, PFDRH03, PFMAT06, PFMSH13, PFSBA18), a segunda “(Era) um dia...” também em cinco (05) produções (PFHMS07, PFJLN08, PFMVL14, PFMSS16, PFVHFO21), as demais aparecem em número reduzido como podemos observar na locução adverbial “Em um certo dia...” presente em uma (01)

produção, “Para sempre...” finalizando o texto em apenas uma (01) produção, “Nunca” presente em duas (02) e “Alguns anos...” em apenas uma (01) produção. Alguns organizadores iniciavam as produções, outros apareciam no decorrer do texto, geralmente, nos primeiros parágrafos. Por essa razão, no levantamento dos dados, verificamos a incidência de cada locução no total de produções textuais finais. Verificamos, contudo, que as ocorrências nas produções finais foram menores que as primeiras produções. Atribuímos essa redução ao fato de que o texto do gênero trabalhado em sala de aula apresentava termos mais específicos que se diferenciavam dessas fórmulas convencionais. As atividades acerca dos organizadores temporais permitiam o reconhecimento desses elementos, mas muitos alunos continuaram a utilizar-se das fórmulas convencionais.

Acerca da referência temporal absoluta histórica, identificamos a presença de termos com essa classificação que não apareceu em nenhuma das primeiras produções. A incidência ocorreu em três (03) produções textuais (PFAMS01, PFKFA10, PFLMR11) com as seguintes locuções adverbiais “Era um belo dia de junho”, “Dois dias”, “No dia de Santo Antônio”, “No dia da festa” e “Era dia 13 de junho festa junina”. No entanto, identificamos no termo “No dia de Santo Antônio” a função dupla que além de classificar-se como referência temporal absoluta histórica também assume função de balizamento, pois o termo une duas proposições [Pn0] e [Pn1]. Vejamos a seguir o excerto dessa produção com dupla função.

(47)

[Pn0][e0a] No período dos festejos juninos muitas pessoas fazem simpatias, geralmente para se casar com a pessoa amada. [e0b] Maria é uma dessas pessoas que faz simpatias para casar.

[Pn1][e1a] **No dia de Santo Antônio**, Maria fez uma simpatia para saber qual o nome do homem com quem ela se casaria. [e1b] Essa simpatia foi Francisca que falou para Maria, que daria certo. (PFKFA10).

As funções seguintes referem-se à referência temporal relativa no contexto e balizamento. Identificamos em oito (08) produções (PFAMS01, PFMATO06, PFJLN08, PFLMR11, PFSBA18, PFTAP19, PFTFU20, PFVHFO21) ambas as funções e em duas (02) (PFAMS01, PFVHFO21) somente a primeira função. Alguns dos termos mais recorrentes nessas produções são as locuções adverbiais, principalmente, nas produções que apresentam somente uma função. Verificamos também que na referência temporal relativa no contexto e balizamento não houve ocorrências acerca dessa função

nas produções textuais analisadas. Observemos excertos que demonstram a dupla função (48) e outro com somente uma função (49).

(48)

[Pn0][e0a] A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, [e0b] mais para algumas não é. Sp Como o que aconteceu [Pn1][e1a] as meninas estavam ensaiando para a festa, [Pn2][e2a] mais so que uma menina não tinha pá. [e2b] Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, [e2c] mais só que ele disse que tinha vergonha.

[Pn3][e3a] Quando chegou o outro dia ela foi tentar dinovo com o mesmo menino, [e3b] dessa vez ela convenceu o menino a dançar com ela (PFTAP19).

(49)

[e2b] esse cimitério era abandonado não era visitado por parentes, [e2c] pois cada noite que o parente ia visitar, morria **no dia seguinte**. (PFVHFO21).

A classificação apresenta a referência temporal relativa no contexto e encaixamento com incidência em quatorze (14) produções textuais, dentre elas, treze (13) ocorrências com a conjunção “quando” e uma (01) oração com valor temporal. Verificamos que esses organizadores temporais aparecem em igual quantidade em ambas as etapas das produções textuais. Esses termos contribuem para a progressão temporal da narrativa nos textos conforme o gênero do narrar. Acerca da referência temporal relativa no contexto e encaixamento, identificamos apenas uma (01) produção textual (PFMSH13) com o termo “até hoje”, que apresentou tal classificação. Além disso, consideramos em nossa classificação a oração adverbial reduzida, em virtude de estar subentendida a conjunção temporal, mas também em se constituir numa construção mais complexa para um aluno de 6º ano. Vejamos como se apresentou no texto essa construção temporal seguida de uma conjunção “e”, mas com caráter enfático:

(50)

E **chegando a cozinha** disse isso tudo que aconteceu para a mamãe dele a Dona Coruja. (PFMMS12).

Compreendemos que os organizadores temporais constituem-se em termos tão importantes quanto os tempos verbais e os alunos já fazem uso desses termos nas produções, ainda que o uso de alguns, principalmente conjunções, seja feito de forma intuitiva. Observamos que, em sua grande maioria, a ocorrência da conjunção “quando”, que apareceu em diversos textos, foi usado de forma adequada pelos alunos

estabelecendo uma relação de sentido e de encaixamento e/ou balizamento. Conforme defende Pinto (2004):

o mecanismo de coesão temporal pode ser visto como um princípio construtivo e constitutivo do discurso e nele aplicado, para expressar e atribuir coerência às relações de temporalidade intrínsecas e inerentes a toda atividade linguageira humana. (PINTO, 2004, p. 46).

No entanto, essas marcas linguísticas precisam ser mais exploradas em sala de aula e compreendidas dentro do texto como uma complementação do tempo verbal. Apesar de não estarmos estudando outros gêneros textuais, consideramos que alguns dos organizadores temporais estão mais adequados para o gênero do narrar, conforme pudemos verificar no trabalho com o gênero desenvolvido pelos alunos na pesquisa.

#### 4.4.4 Pronomes

A última categoria a ser analisada são os pronomes pessoais, demonstrativos e relativos na função de anafóricos. Além disso, verificamos a marca zero presente em algumas das produções textuais analisadas em nossa pesquisa, que se constitui para nós um dado muito relevante visto que o aluno já apresenta essa compreensão e avança na construção da produção textual utilizando-se dessa marca linguística. Identificamos anáforas em pronomes pessoais do caso reto com variações entre “ele”, “ela” e de preposição mais o pronome “ela” formando “dela” em dezesseis produções textuais. Essas anáforas foram as mais usadas pelos alunos por se constituírem nas formas mais simples de retomada de termos na construção do texto. Observamos, no entanto, que foram menos usadas que as das produções iniciais o que constitui menos repetição. No decorrer da análise, verificamos que quinze (15) produções apresentavam o pronome pessoal e a marca zero que, nesse caso, evita a repetição de um mesmo pronome já que há possibilidade de marcarmos com um verbo essa posição da marca zero. Essas construções realizadas pelos alunos foram relevantes para nossa pesquisa, porque demonstraram a evolução da produção textual que, anteriormente, apresentava marcas pronominais desnecessárias e, nas produções finais, utilizaram-se da marca zero. Vejamos como se apresentaram na construção do texto através de excerto:

(51)

[e4c] e ela ficou muito feliz. [e4d] Assim que Ø chegou dá escola Ø foi logo chama seu primo. (PFMATO06).

Além desse excerto, identificamos uma (01) produção textual (PFVHFO21) cuja construção do texto apresentou marca zero sem a presença de nenhum pronome pessoal do caso reto com função anafórica. Essa construção demonstra certa maturidade linguística do produtor que evitou repetições de pronomes ao se utilizar desse recurso. Conforme Bronckart (2007, p. 270), a respeito da marca zero, “podemos considerar como produto de uma transformação de apagamento de um pronome.” Isso não significa dizer que o pronome não apresenta sua importância, porque podem existir situações em que seja necessária a repetição esse apagamento exprime, no entanto, progresso na construção do texto de um aluno de 6º ano, principalmente, quando comparada à primeira produção. Vejamos a seguir o texto que não apresentou nenhum pronome pessoal:

(52) **NOITE DE LUA CHEIA**

[Pn1][e1a] Num dia bem animado, estava avendo uma festa Junina, [e1b] várias pessoas dançando, pulando, brincando e etc. Três crianças Gabriel de 11 anos, Letícia de 9 anos e Manu de 10. [e1c] A festa estava se passando perto do cemitério, pois era o salão mais proximo.

[Pn2][e2a] Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, [e2b] esse cimitério era abandonado não Ø era visitado por parentes, [e2c] pois cada noite que o parente ia visitar, Ø morria no dia seguinte, [e2d] por isso que os parentes e os corveiros pararam de ir lá.

[Pn3][e3a] Os três foram entrando devagarinho, [e3b] porém Ø estavam com medo mas curiosos, [e3c] Gabriel foi na frente pois Ø é o maior e o único homem entre as duas, [e3d] depois foi Manu, [e3e] Letícia estava um pouco de medo, então Ø ficou lá fora esperando.

[e3f] Gabriel tinha visto, uma sombra de um olho todo amarelo atrás de um túmulo, [e3g] o alívio dele foi que os olhos era de um gato, [e3h] mas depois que Manu viu que era um gato preto. [Pn4][e4a] Depois de uns minutos Gabriel foi puxado para dentro de um túmulo. [e4b] Assustada Letícia correu para o cimitério.

Ø Chamaram a perícia para ratrear o corpo do menino. [e4d] Depois de umas horas era o corveiro. Ø [e4e] Passou preso por alguns anos.

[Pn5][e5a] E as crianças passaram a não acreditar em supertições. (PFVHFO21).

Em construção semelhante, mas que apresentou o pronome pessoal do caso oblíquo, verificamos a presença de cinco (05) produções textuais (PFAS01, PFMATO06, PFLMR11, PFMSH13, PFSBA18) marcadas pelos pronomes “lhe”, “o”, “com ela” e “ela” este com função de oblíquo ainda que gramaticalmente esteja inadequado, porque o pronome reto apresenta como função substituir sujeitos da oração, no entanto, é comum em construções orais a troca das funções e o pronome reto substituir termos com função de objeto. Levamos em consideração o último por compreendermos que houve a substituição do termo por pronome pessoal ainda que não seja, conforme já dito, o mais adequado para a situação. A tentativa de substituição indica que o aluno percebe que existem termos na língua que retomam outros termos.

A questão da adequação pode ser ensinada com atividades específicas de diferenciação dos pronomes e de suas funções na construção do texto. Algumas produções apresentaram uma incidência considerável de pronomes relativos em construções de orações complexas. A ocorrência apareceu em doze (12) produções textuais sempre com o pronome relativo “que”. Essas produções apresentaram-se sob a forma de orações subordinadas adjetivas restritivas e substituíam termos com funções de objeto e adjunto adverbial sempre retomando termos anafóricos. No entanto, consideramos essas orações com pronomes relativos, principalmente, o pronome “que” usuais, porque os alunos já as utilizam nas construções orais. Outros pronomes como “o qual” e “cujos”, seguidos de variações, são mais complexos e exigem um amadurecimento linguístico para serem utilizados pelos alunos. O excerto a seguir demonstra uma dessas produções com o termo em destaque o pronome relativo:

(53)

[Pn0][e0a] O conto popular **que** eu vou contar é do Saci [e0b] ele é muito popular em festa junina. (PFMVL14).

Além disso, identificamos os pronomes demonstrativos que são termos que conferem ao texto a função de retomada. Identificamos a ocorrência desses termos em seis (06) produções textuais (PFAMS01, PFKFA, PFMVL14, PFMS16, PFPBTCTF17, PFVHFO21) com os pronomes “naquela” e “esse” com suas variações. Identificamos, no entanto, um termo com dupla função na produção que pode ser classificado como retomada anafórica ou, conforme o subitem anterior, referência temporal relativa no cotexto. Vejamos o excerto a seguir:



(54)

[e4d] Uma senhora e uma garotinha que se chamavam Joséfina e GreyciKellen pediram a pedra uma casa, roupa, e alimentos, [e4f] **nesse mesmo momento** a pessoa (Joséfina e GreyciKellen) apareceram vestidos em uma casa e com vários alimento. (PFAMS01).

Compreendemos esse excerto como uma retomada da situação colocada no texto acerca da “pedra” e, nesse ínterim, funciona como elemento temporal e, por essa razão, classificamos como dupla função o termo “nesse mesmo momento”. As alterações percebidas em nossa análise acerca do quantitativo da produção inicial para a produção final foi à escrita de produções que fugiram do gênero desenvolvido na pesquisa, acreditamos que esse desvio de gênero alterou alguns dados, pois de acordo com o gênero a construção sofre modificações de variação verbal, organizadores temporais e pronomes.

Consideramos que houve desenvolvimento nas produções textuais finais, pois apresentaram as marcas linguísticas que definimos como as categorias analisadas e, em muitas dessas marcas, percebemos que o aluno tentou utilizar-se desses conhecimentos adquiridos e/ou complementados durante as oficinas. Acreditamos que, para obter melhores resultados, far-se-ia necessário um período maior de tempo para que o gênero fosse compreendido pelo aluno e, dessa forma, eles se apropriassem do conhecimento. Isso implica dizer que a metodologia utilizada auxilia o aluno na construção de produções com avanços mais consideráveis e que essas categorias contribuem para a compreensão das formas linguísticas presentes em determinados gêneros. A diferença estabelecida entre narrativa e *script*, compreendendo que este pertence ao tipo de discurso relato interativo, também contribuiu para a um aprendizado de que uma narrativa não é um “amontoado” de fatos, mas que existe uma estrutura para que os acontecimentos formem uma narrativa.

#### 4.5 Comparações: progressos nas PI e PF?

A fim de concluirmos a análise, expomos o último subitem para comparações acerca de avanços no desempenho dos alunos nas etapas das oficinas. Compreendemos que se fazem importantes esses esclarecimentos para verificarmos se nossos objetivos foram atingidos e se a intervenção do professor no processo de escrita implica alguma

mudança na construção do texto. Tomamos para isso uma amostra de textos com algumas produções que apresentam as categorias analisadas anteriormente. Um dos pontos da análise deteve-se na diferença entre a sequência narrativa com alto grau de narrativização e o *script*.

Na produção textual a seguir perceberemos que a PI constituiu-se de um texto com apenas [Pn1], seguido de outra sequência (sequência dialogal) que não é nosso objeto de análise nesta pesquisa. Na construção da PF desse mesmo produtor, houve a presença de outras proposições, mas, ainda assim, classificamos como sequência narrativa de baixo grau de narrativização. Consideramos um avanço no sentido de que a PF apresentou mais proposições que a anterior, constituindo-se em uma narrativa com alto grau de narrativização e adequando-se mais ao gênero proposto para a atividade. Observamos, no entanto, que a produção (PFHMS07) necessita de mais intervenção do professor para obter um resultado satisfatório, além de haver a presença de diálogo na construção do texto. Na PI, essa construção com diálogo estendeu-se na maior parte do texto, na PF esse diálogo mescla-se com a sequência narrativa que pouco apareceu na primeira produção. Para efeito de comparação, as duas produções analisadas estão postas a seguir.

#### (55) NOVATA FANIQUITA

[Pn1][e1a] Era uma vez uma menina que se **jamava** Faniquita [e1b]ela **era** uma formiguinha [e1c]ela **era** uma formiga tímida um dia na escola.

Oi, oi, oi a Faniquita [e1d] **disse** e um menino que **era** de muito tempo la **disse**: Oi meu nome é SMILIGUIDO falou. Oi meu nome é Faniquita eu sou novata aqui você pode me mostra o colégio porque eu estou com vergonha. A não presija disso ta bom.

Aqui é minha sala que eu vou estudar e aprender.

É isso mesmo é minha também.

A vamos entrar para asisti A muito obrigado De nada

A devo ir chau foi um pra ser ti conhecer a amanha eu vou te ver dinovo aran chau. chau. (PIHMS07).

#### (56) FESTA JUNINA

[Pn1][e1a] Era um dia que **era** festa junina que os dançarinos **eram**: João, Maria, Marcos, Tetê, Marli, Macelo, Maressa, Mateos, Ricardo e Ruth [e1b] o novio **era** Marcos e a noiva era Tetê a rainha **era** Ruth e o rei **era** Ricardo [Pn2][e2a] e eles **começaram** a inçaia [e2b] **dançaram, dançaram** até que Marissa **disse**: Olha uma pausa ta porque é a manha nossa grande festa é temos que suar muito, muito mesmo cinco minutos nos volta para insaio. [Pn3][e3a] O Mateus **disse** gente hoje e dia treze dinoite nos vamos para daquela velha cabana as doze horas todas venha com lampada ou lamparina com cabana ou com coichão, ta Maressa, [e3b] **disse** gente ta bom de ençαιο [e3c] cando **foi** dinoite jeite **tava brincando** cando **foi** na festa **teve** pipoca, bombom.

[Pn5][e5a] Eles **dançaram** e todos **aplaudiram** [e5b] é todos **diceram** muito obrigado, [e5c] eles **comeram**, **comeram** e **foi** para a casa é **domiram**. (PFHMS07).

Conforme podemos observar, o texto em questão pertence ao mundo do NARRAR, sua infraestrutura compõe-se de uma organização linguística do tipo de discurso narração e de uma estrutura interna denominada de sequência narrativa. Identificamos em outras produções dentre elas: PFAMS01, PFBGA02, PFDRH03, para exemplificarmos algumas; a presença da estrutura interna do plano de texto, segundo Adam (2008), mas destacamos a produção PFHMS07 que demonstra a tentativa de construir um texto narrativo. Apontamos como característica as proposições, especialmente, [Pn2] Nó e [Pn3] Re(ação), observamos que não houve Desenlace, mas o aluno iniciou a sequência narrativa.

Acerca dessas produções (PIHMS07, PFHMS07), anteriormente citadas, identificamos alguns avanços na construção do texto, dentre eles, os tempos verbais que prevalecem na narrativa: o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito. Esses tempos apareceram na extensão de toda a estrutura da sequência narrativa. Enfatizamos que, na PI, [Pn1] apresentou um tempo verbal do imperfeito seguido de dois verbos “era” classificados como estáticos. Em decorrência do diálogo nessa produção textual, as proposições não puderam ser identificadas no texto. Somente foram destacados, nesse diálogo, os verbos “disse” e “falou” que marcam o início da fala do personagem e estão no pretérito perfeito. Na PF, [Pn1] apresenta-se com verbos no pretérito imperfeito que caracterizam o segundo plano. Em [Pn2], os verbos apresentam-se no primeiro plano com o pretérito perfeito “começaram a ensaiar”, “dançaram” e “disse”. Na proposição [Pn3], os tempos verbais encontram-se no pretérito perfeito sob a forma de “disse”, “foi” e “teve”; alguns como, por exemplo, “(es)tava brincando” é classificado como pretérito imperfeito perifrástico. Em [Pn5], os tempos que prevalecem são os do pretérito perfeito e, apesar de problemas de outra ordem, observamos que há a referência temporal isocrônica.

Além da categoria tempo verbal, identificamos avanços em outro par de produções textuais acerca dos organizadores temporais e pronomes. Observemos as duas produções PI e PF a seguir.

## (57) O INCREQUEIRO

[Pn1] [e1a] Era uma vez um rapaz chamado Ronaldo *que* Ø estava a pé querendo ir para Sobral, [e1b] e nesse caminho *ele* encontrou uma moça chamada Amy, Ø ficaram amigos e Ø continuar(am), a viagem.

[Pn2] [e2a] Quando foi de madrugada, Ø escutaram um barulho e Ø foram ver o que era e Ø acharam outro rapaz *que* se chamava Adriano, [e2b] *ele* se juntou aos dois e assim Ø continuaram a viagem.

[Pn3] [e3a] Ronaldo e Amy estavam morrendo de sede e suas águas já Ø tinham acabado, [e3b] mas Adriano ainda tinha uma garrafa cheia de água, mas não Ø oferecia para eles e nem eles pediam. [e3c] Certo dia *ela* não estava aguentando a se sede, e Ø falou:

--- Adriano, nos de um pouco de água por favor.

--- Essa água é minha, mas vamos fazer uma coisa: quem subir no topo da árvore primeiro fica com a água. [e3d] Disse Adriano:

[Pn4] [e4a] Ronaldo foi o primeiro a subir e Ø disse que então a água deveria ser dele, [e4b] quando *ele* desceu a garrafa d'água estava vazia e Ø perguntou quem fez aquilo. [e4c] Adriano respondeu:

--- fui eu que bebi, como vocês estavam no topo da árvore, não teria como beber a água, então eu bebir por vocês.

[Pn5] [e5] Desde essa dia Adriano ganhou o apelido de increqueiro. (PIAMS01).

Acerca dos organizadores temporais da PI, observamos que [Pn1] é iniciado com a referência temporal absoluta vaga e/ou fórmula convencional “Era uma vez...”, seguido de [Pn2] que se apresenta com a conjunção “quando” classificada, segundo Adam (1997), de referência temporal relativa de cotexto e, conforme Bronckart (2007), conexão de balizamento por ser um ponto de articulação entre uma fase e outra. Nessa mesma proposição, identificamos a locução adverbial “de madrugada” que também compreendemos como referência temporal relativa de cotexto, mas assumiu a função de encaixamento nessa situação. Em [Pn3], identificamos outra referência temporal absoluta vaga e/ou fórmula convencional na expressão “Certo dia...”. Na proposição [Pn4], o advérbio “então” é uma referência temporal relativa no cotexto, seguido de uma conjunção “quando” que assumiu a função nessa situação também de conexão de encaixamento. Na última proposição [Pn5], identificamos a locução adverbial “desde esse dia” como referência temporal relativa no contexto e/ou balizamento entre [Pn4] e [Pn5].

Quanto aos pronomes na PI, identificamos em [Pn1] o pronome pessoal do caso reto “ele”, referindo-se a “um rapaz” (Ronaldo), observamos também a marca zero Ø nos verbos “ficaram” e “continuaram”. Em [Pn2], a marca zero é identificada nos verbos “escutaram”, “foram ver” e “acharam”. Identificamos também o pronome “ele”,

referindo-se ao nome Adriano. Essa proposição encerra-se com a marca zero em “continuaram”. Todas essas marcas zero correspondem à correferência aos nomes no texto Adriano, Amy e Ronaldo.

Em [Pn3], continuamos a observar a incidência de marca zero em “tinham acabado”, “oferecia” referindo-se a Adriano. O pronome “ele” também substituiu os nomes Ronaldo e Amy no texto. À frente, identificamos o pronome reto “ela” substituindo Amy, seguido de marca zero no verbo “falou”, referindo-se ao mesmo correferente Amy. Nessa produção, a anáfora pronominal é marcada por pronomes do caso reto. Além dessa marca, observamos a marca zero com verbos de terceira pessoa que marcam a ordem do narrar. Para finalizar essa análise da produção inicial, identificamos o pronome demonstrativo “nesse” que, de acordo com a classificação, não está referindo-se exatamente a um correferente. Na produção final, vejamos como se apresentou o texto do mesmo produtor:

(58) **A PEDRA DE DESEJOS DO SÃO JOÃO**

[Pn1][e1a] Era um belo dia de junho, faltava apenas 2 dias para o São João, [e1b] e todas as pessoas da cidade de Veridiana acreditavam que quando faltasse 2 dias, aparecia uma grande pedra *que* realizava desejos.

[Pn2] [e2a] Nesse ano as pessoas de Veridiana resolveram fazer a festa de São João para  $\emptyset$  receberem a pedra. [Pn3][e3a] A noite já estava, tudo pronto, [e3b] tinha várias comidas como: pé-de-moleque, canjica, tapioca...

[e3c] Fizeram uma fogueira e ficaram ao redor *dela*, cantando músicas juninas esperando dar a hora da pedra chegar. [Pn4][e4a] Deu meia-noite e apareceu uma luz cinza muito brilhosa [e4b] e o padre *que* estava entre as pessoas, começou a cantar uma música religiosa, [e4c] e apareceu a pedra *que* concedeu os desejos. [e4d] Uma senhora e uma garotinha *que* se chamavam Joséfina e GreyciKellen pediram a pedra uma casa, roupa, e alimentos, [e4e] nesse mesmo momento a pessoa (Joséfina e GreyciKellen) apareceram vestidos em uma casa e com vários alimento.

[Pn5][e5a] *Elas* ficaram muito felizes [e5b] e  $\emptyset$  prometeram sempre participar da festas para receber a pedra e sempre *lhe* agradecer. (PFAMS01).

Na PF, identificamos em [Pn1] a referência temporal absoluta histórica em “Era um belo dia de junho” que se apresenta com início da fórmula convencional, uma segunda referência temporal absoluta histórica em “2 dias”. Já a conjunção “quando”, que expressa uma referência temporal relativa no cotexto, com função de encaixamento. Em [Pn2], a locução adverbial “nesse ano” classifica-se como referência temporal relativa de cotexto e/ou balizamento. Na proposição [Pn4], identificamos a referência temporal relativa de cotexto e/ou balizamento apesar de não estar unindo uma

proposição à outra. Além disso, o advérbio “sempre” concluiu nossa análise acerca da produção final, uma referência temporal relativa de cotexto.

Na PF, aparece o pronome relativo “que” substituindo o termo “uma pedra”, uma anáfora pronominal. Observamos também a presença de um pronome demonstrativo “nesse”, retomando um termo que não se encontra especificado no texto, o pronome mais adequado deveria ser “naquele”. Em [Pn2], identificamos a anáfora de marca zero no verbo “receberam”. Na mesma proposição, observamos o pronome “dela”, retomando o termo “fogueira”. Na proposição [Pn4], identificamos outra anáfora pronominal “que” retomou o termo “o padre”. Além disso, há duas outras situações conforme a análise do pronome anterior que não iremos repetir. A expressão seguinte “nesse mesmo momento” classifica-se como locução adverbial. O pronome demonstrativo retoma, no entanto, a situação expressa nas orações anteriores da proposição [Pn4]. Em [Pn5], o pronome pessoal “elas” retomou os nomes Josefina e GreyciKellen. Ainda identificamos a marca zero, retomando o pronome “elas”, o pronome oblíquo “lhe” retomou o termo “a pedra”, porém a intenção de usar como anáfora, na estrutura da língua, apresenta-se como desvio, porque a escolha do pronome, do ponto de vista gramatical, não foi a mais adequada para a retomada. Apesar desse equívoco, demonstrou que houve a percepção de que havia um nome a ser substituído por um pronome.

Algumas produções finais apresentaram-se em forma de *script* mescladas a outras sequências, compreendemos que os alunos fizeram escolhas diferentes de nosso objetivo, tratando da mesma temática “Festa Junina” e construíram outros gêneros textuais que se afastaram de nosso propósito inicial. Essas construções não implicam dizer que esses alunos não soubessem produzir uma narrativa, houve apenas um desvio na construção do gênero, isso não demonstra incapacidade de responderem positivamente às orientações em sala de aula em outra situação.

As intervenções em sala de aula e o direcionamento para uma compreensão de estruturas da língua auxiliaram o aluno a desenvolver a produção textual narrativa. Acreditamos que alguns de nossos resultados apresentam avanços significativos no processo de escrita desses alunos, porém, o estudo aqui realizado acerca da sequência narrativa, demandaria mais tempo para que obtivéssemos resultados mais satisfatórios. No entanto, nosso objetivo foi atingido quando, através de comparações entre as duas etapas de produção, pudemos perceber as tentativas dos alunos em estruturar o texto de

acordo com as categorias que foram ensinadas nas oficinas. Os conhecimentos adquiridos, ainda que não tenham sido completamente utilizados pelos alunos em suas produções, foram mediados pelo conflito entre o conhecimento adquirido e o desconhecimento parcial das diferenças aqui estabelecidas.

## Considerações finais

---

Neste segmento, temos o propósito de encerrar a dissertação com os resultados percebidos através da análise das produções textuais acerca das questões levantadas na introdução desta pesquisa. Tomaremos como ponto de partida, responder as questões que a motivaram, comprovar as hipóteses, retomar algumas implicações teóricas e aplicadas provenientes, essa última, das análises das produções textuais. Em função do que propõe este trabalho de pesquisa, cujo objetivo é analisar a sequência narrativa em produções textuais de 6º ano, verificando a infraestrutura, bem como as categorias tempos verbais, organizadores temporais e pronomes; desenvolvemos a pesquisa a partir dos seguintes objetivos específicos: (a) identificar, nas duas propostas, os elementos traços linguísticos semelhantes, que possam se complementar e auxiliar na observação das produções textuais analisadas; (b) analisar a categoria tempos verbais nas produções textuais dos alunos de 6º ano, comparando com as propostas dos autores; (c) verificar os organizadores temporais – advérbios e conjunções subordinativas – e os pronomes nas produções textuais, analisando como eles auxiliam na construção da sequência narrativa; (d) diferenciar a narrativa e o *script*, como tipos distintos na construção do texto.

Quanto às categorias, em especial, a categoria tempo verbal, elencamos os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito predominantes no texto narrativo, bem como a incidência das referências temporais: isocrônica, retroativa e projetiva; verificando como se apresentam nas produções analisadas. Na categoria organizadores temporais, o levantamento deteve-se na referência temporal absoluta (histórica/ vaga) e fórmula convencional, referências relativas de cotexto e contexto, balizamento e encaixamento. Na categoria pronomes, identificamos a incidência de anáforas com pronomes pessoais, relativos e demonstrativos, além da marca zero presente em algumas das produções textuais. Por último, analisamos as sequências narrativas nessas produções que são, para nós, o ponto central da pesquisa e, juntamente com as marcas linguísticas, compõem essa organização interna do texto.



Acerca dos objetivos, três questões foram geradas, sendo a primeira delas a seguinte: (01) A utilização de categorias pertinentes à sequência narrativa contribuirá para a estruturação do texto de alunos de 6º ano? Sabemos que essas categorias estão ligadas, intrinsecamente, ao texto narrativo, nosso interesse, no entanto, consiste em analisar como um aluno de 6º ano utiliza-se delas e como elas contribuem para a construção do texto, pois elas compõem a infraestrutura que é o “alicerce” para a construção do plano de texto. Os alunos, ao construírem a PI, utilizavam-se dessas categorias, intuitivamente, sem compreenderem o valor semântico que aquelas categorias inseridas num texto podem ter, nossa afirmação, provém da observação dessas produções textuais e das oficinas. Ao produzirem a PF, houve variações da sequência em função da escolha do gênero textual. Essas variações mostraram que a mudança do gênero acarretou alterações significativas na infraestrutura de organização linguística.

No entanto, as produções que seguiram, criteriosamente, a escolha do gênero que motivou a produção, mostraram avanços. Ao apresentarem a sequência narrativa, foi verificado que quatorze (14) produções textuais mostraram todas as proposições necessárias para a construção narrativa que nos propomos realizar com eles. Além disso, houve uma (01) produção que extrapolou nossas expectativas não só utilizando-se da sequência, mas também do plano de texto com Entrada-prefácio, Simples período e Avaliação final. Quanto às categorias, observamos que os organizadores temporais apresentaram maior relevância e variação que as primeiras produções textuais. Essa categoria auxilia os tempos verbais do pretérito perfeito e imperfeito nas narrativas, os quais, como já era de se esperar, mostraram maior incidência. A última categoria, pronomes, apresentou o recurso da marca zero que constitui um avanço na repetição desnecessária do pronome anafórico, identificamos em quinze (15) produções esse recurso. E verificando os tempos verbais, categoria que consideramos a mais importante, por compreendermos que o tempo verbal é o eixo na estrutura interna para compor a narrativa. A maior predominância é dos tempos do pretérito perfeito e imperfeito que apresentaram as referências de eixo temporal isocrônico além de apresentarem esses tempos com o contraste global.

Acerca dessas considerações, mostraram-nos que, em parte, nossa hipótese básica que consiste em os alunos de 6º ano produzirem textos, na etapa final, utilizando-se das categorias tempos verbais, organizadores temporais e pronomes, de acordo com a

proposta teórica de Adam e de Bronckart, foi comprovada. Compreendemos que esse conhecimento teórico auxilia a orientação dada pelo professor para a construção de textos narrativos em sala de aula. Não desconhecemos, no entanto, que o aluno já apresenta uma “bagagem” construída através da leitura e audição de textos narrativos que permite uma melhor assimilação das orientações dadas pelo professor.

A segunda questão refere-se à relevância das propostas dos autores formulada da seguinte forma: (02) Qual a relação entre as propostas teóricas de Adam e de Bronckart, acerca das categorias pertinentes à sequência narrativa? Compreendemos que ambas são importantes, porém alguns aspectos em Adam, tais como a explanação acerca das categorias precisa ser complementada pelo posicionamento de Bronckart, que aprofunda essas questões e, conforme compreendemos, este toma a teoria de Adam como parte de um construto teórico que atravessa o tipo de discurso narração. Além disso, os tipos de discursos constituem-se em uma organização linguística em que os gêneros do narrar estão entre o tipo de discurso narração e o tipo de discurso relato interativo que, geralmente, apresenta o *script*, sendo este considerado o grau zero de planificação. A diferença entre ambos os discursos consiste na organização linguística. Acerca disso, nossa hipótese secundária afirmava que Adam e Bronckart apresentam categorias semelhantes por meio das quais as propostas se complementam e auxiliam o aluno na construção da sequência narrativa, sendo confirmada no momento que analisamos as produções textuais.

A terceira questão foi formulada da seguinte maneira: (03) Na produção textual, os alunos produzem e (con)fundem a narrativa e o *script*? Compreendemos que confundem, porque não lhes é ensinada a estrutura de um texto narrativo. O aluno, intuitivamente, constrói o texto por já haver tido contato com outras narrativas, mas desconhece que há uma estrutura interna, produzindo, por vezes, ora textos narrativos ora *scripts* que pertencem ao discurso relato interativo. A diferença entre ambos completa o trabalho do professor para possibilitar ao aluno o conhecimento de gêneros que necessitem de uma das estruturas mencionadas anteriormente. Isso reforça a hipótese de que há diferença entre narrativa e *script* como tipos distintos que contribui para a estruturação adequada da narrativa de acordo com o gênero.

Conforme já dissemos outrora, a relevância desta pesquisa consiste em dar uma contribuição ao ensino, no sentido de ampliar a compreensão do aluno acerca da infraestrutura do texto narrativo e possibilitar ao professor uma discussão teórica,

respaldada em propostas que apresentam suportes teóricos capazes de elucidar questões que vêm confundindo alunos e professores do ensino fundamental na composição do texto. Observamos, no entanto, que os alunos poderiam ter se apropriado mais rapidamente e/ou facilmente dos esquemas narrativos, se o tempo de permanência com esses alunos fosse maior. Consideramos que as semanas em que estivemos com eles foram restritas para possibilitar-lhes maiores avanços na apropriação do gênero conto popular, notadamente com a sequência narrativa. Nossa última hipótese não foi de todo comprovada, pois não houve a apropriação das categorias que promovessem os alunos a se apoderarem também da estrutura da sequência narrativa. Dessa forma, consideramos que essa pesquisa não se encerra aqui, mas abre um “leque” de possibilidades para outros estudos a fim de aprofundar o tema aqui desenvolvido.

## Referências

---

ADAM, Jean-Michel. Le prototype de la séquence narrative. In: \_\_\_\_\_. **Le textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992. p. 45-74.

\_\_\_\_\_. **Le texte narratif**. Paris: Edições Nathan, 1994.

\_\_\_\_\_; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. Tradução Maria Adelaide Coelho da Silva, Maria de Fátima Aguiar. Lisboa: Gradiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Edições Nathan, 1999.

\_\_\_\_\_. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul – RS: Educs, 2004. p. 43-94.

\_\_\_\_\_. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia. **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2008. p. 145-160.

BENVENISTE, Émile. As relações de tempo no verbo francês. In: **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria Glória Novak, Maria Luisa Neri. 5 ed. Campinas – SP: Pontes, 2005. p. 260-276.

BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 208-236.

BRONCKART, Jean-Paul. Teorias da ação, da fala, da linguagem natural e do discurso. In: WERTSCH, James V.; DEL RÍO, Pablo; ALVAREZ, Amelia. **Estudos socioculturais da mente**. São Paulo: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_; STROUMZA, K. Les types de discours comme traces cristallisées de l'action du langage. In: ROULET, E.; BURGE, M. (org.) **Les analyses de discours au défi d'un dialogue romanesque**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Faculdade de Letras de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 49-69, jan/jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Os gêneros de texto e tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (org.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 121-160.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2007.

\_\_\_\_\_. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2008.

CANVAT, Karl. Types de textes et genres textuels: problématique et enjeux. **Enjeux revue de didactique du français**, Facultés Universitaires de Namur, Paris, n. 37/38, mar./jun. 1996.

CIAPUSCIO, Guiomar Elena. **Tipos textuales**. Argentina: Oficina de Publicações, 1994.

COLASANTI, Marina . **Uma ideia toda azul**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s/d.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

DIAS, Luciana C. Ferreira. No jogo entre a Linguística Textual e a Análise do Discurso: (em)bates e (de)bates de visões. **Revista Letra Magna**. São Paulo, ano 4, n. 7, p. 1-20, jul./dez. 2007. Disponível em: <[http://www.letramagna.com/discurso\\_textual.pdf](http://www.letramagna.com/discurso_textual.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2009.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1999.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. **Classes e categorias em português**. Fortaleza: EUFC, 2000.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: \_\_\_\_ (org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2004, p.161-185.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. **Análise estrutural da narrativa**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 265-248.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas , 1999.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. Reflexões sobre didatização de gênero. **UNirevista**. Rio Grande do Sul, v. 1, n. 2, s/p, abr. 2006. Disponível em: <<http://rlc.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n2/08campani.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 11-19.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem e (dis)curso**. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

\_\_\_\_.A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart . In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 237-259.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj/matraca20/arqs/matraca20a01.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE, 1983. p. 31-46. (Série Debates 1).

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 99-119.

MIRANDA, Florência. Os tipos de discurso em debate. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia. **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 161-166.

PINTO, Rosalvo. Temporalidade discursiva e coesão temporal à luz do interacionismo sociodiscursivo. **Calidoscópio**. Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, p. 41- 48, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/imagens/stories/pdfs\\_calidoscopiov](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/imagens/stories/pdfs_calidoscopiov)>. Acesso em: 15 jul. 2009.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n 11, p. 05-16, mai/ jun/ jul/ ago. 1999.

\_\_\_\_\_. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo, Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Aurenívea Ferreira da. **Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia**. 2007. 80 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2007.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2005.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland et al. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. **Análise estrutural da narrativa**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 218-264.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. 1991. 330 f. + 124 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991.

VIGOSTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Quando a semântica entra nos textos. **Revista Online de Literatura e Linguística**. Pernambuco, ano 1, n. 01, p. 585-608. 2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/revistaautonomia/pdfnew/artigo45.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2009.

WEINRICH, Harald. Mundo comentado e mundo narrado. In: **Estructura y función de los tiempos en lenguaje**. Madrid: Gredos, 1968. p. 61-94.

XAVIER, Marcelo. **Crendices e superstições**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.



# Apêndice

# **Planos de aula**

**1ª OFICINA – INFORMAÇÕES GERAIS E LEITURA****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 18/ 05/ 2009**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introduzir com a leitura de um texto do gênero conto popular.</li> <li>• Fazer uma predição com o título do texto, anotando os comentários dos alunos no quadro.</li> <li>• Instigar a curiosidade para fazer a leitura.</li> <li>• Ler em voz alta o texto e, em seguida, uma leitura dramatizada com alguns alunos da classe.</li> <li>• Fazer com que os alunos percebam a estrutura do texto através da linguagem usada pelo personagem principal, os tipos de personagens e o ambiente onde se passa a narrativa.</li> <li>• Solicitar da classe uma produção textual, denominada de PI.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura de uma história do gênero conto popular, intitulada História de Trancoso.</li> <li>• Produção Inicial (PI)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da pesquisadora.</li> <li>• Motivação para a leitura através da predição do título do texto.</li> <li>• Perguntas acerca da história conforme os objetivos.</li> <li>• Motivação, através da leitura, para a produção do texto (PI).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• Leitura do conto popular com textos individuais para a leitura da história.</li> <li>• Atividade: produção textual inicial</li> </ul>

**2ª OFICINA – O ASPECTO VERBAL****TURMA:** 6º ANO**DATA:** 22/ 05/ 2009**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA**TURNO:** MANHÃ**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar ações verbais num trecho da História de Trancoso previamente destacado.</li> <li>• Refletir com os alunos acerca do uso do verbo na construção do texto, em especial, na narrativa.</li> <li>• Diferenciar os aspectos verbais (perfeito/ imperfeito) na construção do texto narrativo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O aspecto verbal presente no texto narrativo.</li> <li>• O aspecto perfectivo e imperfectivo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura de um trecho da narrativa trabalhada na aula anterior.</li> <li>• Explicações e comentários com a turma sobre os tempos verbais do modo Indicativo.</li> <li>• Recapitulação do paradigma verbal, destacando os tempos do narrar.</li> <li>• Audição de uma história, intitulada O galo de Marquinho.</li> <li>• Paradas para percepção do uso do verbo na história.</li> <li>• Explicações acerca das atividades escritas.</li> <li>• Atividades desenvolvidas em duplas.</li> <li>• Comentários sobre as dificuldades na atividade e correção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• CD de histórias infantis – contos populares.</li> <li>• Atividades</li> </ul>

**3ª OFICINA – O ASPECTO VERBAL (CONTINUAÇÃO)****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 25/ 05/ 2009**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apropriar-se do uso do pretérito mais-que-perfeito em sua forma simples e composta no texto narrativo.</li> <li>• Perceber o uso do verbo e a mudança do mundo ordinário para o Mundo do Narrar, através de uma história em áudio (CD de Histórias Infantis – contos populares), conforme Bronckart.</li> <li>• Produzir texto narrativo do gênero conto popular, atentando para a colocação adequada do aspecto verbal no texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O pretérito mais-que-perfeito (simples e composto).</li> <li>• O tempo verbal na narrativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recapitulação da aula anterior.</li> <li>• Audição de uma história, intitulada Giroflê, Giroflá</li> <li>• Paradas para percepção do uso do verbo na história.</li> <li>• Motivação com a história para exploração do uso do verbo no pretérito mais-que-perfeito.</li> <li>• Atividades escritas em dupla sobre esse tempo verbal.</li> <li>• Transcrição, no quadro, de um pequeno texto criado por uma dupla para trabalhar com a classe o uso do tempo e do aspecto verbal na narrativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• CD de histórias infantis – contos populares.</li> <li>• Atividades</li> </ul>

**4ª OFICINA – O USO DO TEMPO VERBAL NA NARRATIVA****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 27 e 28/ 05/ 2009**CARGA HORÁRIA:** 50 min (em cada uma)**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Explorar os tempos verbais do pretérito (perfeito e imperfeito) como tempos da narrativa em exercícios.</li> <li>• Reconhecer o tempo verbal Presente, observando como se apresenta no texto e sua denominação de presente histórico ou narrativo.</li> <li>• Perceber o uso do verbo e a mudança do mundo ordinário para o Mundo do Narrar, através de uma história em áudio (CD de Histórias Infantis – contos populares), conforme Bronckart.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempos verbais do Indicativo: presente histórico ou narrativo; pretérito perfeito e imperfeito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recapitulação da oficina anterior.</li> <li>• Motivação para as atividades através de brincadeiras de perguntas e resposta acerca do que já foi visto.</li> <li>• Comentários sobre dúvidas acerca do assunto.</li> <li>• Atividades em dupla sobre os tempos verbais.</li> <li>• Correções da atividade com a classe.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• Atividades</li> </ul>

**6ª OFICINA – OS ORGANIZADORES TEMPORAIS - ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 29/05/2009**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os advérbios e locuções adverbiais de tempo no texto lido em sala.</li> <li>• Apropriar-se do uso dos advérbios e locuções adverbiais na construção do texto.</li> <li>• Reescrever uma produção textual fazendo as alterações necessárias de acordo com as orientações das oficinas anteriores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Advérbios de tempo</li> <li>• Locuções adverbiais de tempo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivação através da leitura do conto popular, intitulado Rainha Quiximbi.</li> <li>• Exploração dos advérbios trabalhando as atividades propostas para a oficina.</li> <li>• Correção e comentários sobre as atividades.</li> <li>• Reescrita de um texto, produzido um dos alunos, atentando para o uso dos tempos verbais, dos advérbios e locuções adverbiais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• Atividades</li> </ul>

**7ª OFICINA – OS ORGANIZADORES TEMPORAIS - CONJUNÇÕES****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 01/06/2009**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Compreender a conjunção e a locução conjuntiva como um elemento do texto que tem a função de ligar/ unir.</li> <li>• Reconhecer algumas conjunções e locuções conjuntivas, com valor de tempo, na construção do texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjunções temporais</li> <li>• Locuções conjuntivas temporais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade lúdica, em trios, para motivação e compreensão das conjunções no texto.</li> <li>• Leitura dos textos, em voz alta para a classe, segundo a formação feita pelos alunos.</li> <li>• Exploração do uso da conjunção através de questionamentos orais acerca da função dessas palavras no texto, especialmente, os de tempo.</li> <li>• Atividades xerocopiadas em dupla.</li> <li>• Correção e comentários sobre a importância dos organizadores temporais no texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Folha de ofício avulsa</li> <li>• Material para colagem</li> <li>• Atividades</li> </ul>



**8ª E 9ª OFICINA –OS PRONOMES****TURMA:** 6º ANO**DATA:** 03 E 04/06/2009**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA**TURNO:** MANHÃ**CARGA HORÁRIA:** 50 min (em cada aula)

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a importância dos pronomes no texto através da função de referência.</li> <li>• Fazer uso dos pronomes no texto, atentando para o uso dessas palavras no texto.</li> <li>• Retomar conhecimentos anteriores acerca da classificação dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo.</li> <li>• Recapitular os assuntos discutidos nas oficinas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pronomes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recapitulação da aula anterior.</li> <li>• Motivação através de perguntas e respostas acerca dos pronomes, lembrando no quadro-branco algumas classificações.</li> <li>• Atividades acerca do uso no texto dos pronomes.</li> <li>• Correção e comentários.</li> <li>• Recapitulação de todas as oficinas trabalhadas na classe.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadro-branco</li> <li>• Atividades</li> <li>• Resumo de todas as oficinas</li> </ul>

**10ª OFICINA – COMPONENTES DA NARRATIVA E PRODUÇÃO FINAL****TURMA:** 6º ANO**TURNO:** MANHÃ**DATA:** 08/06/2009**CARGA HORÁRIA:** 1h 40 min**PROFª:** FLÁVIA CRISTINA C. DE OLIVEIRA

<b>OBJETIVO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>PROCEDIMENTO DE ENSINO</b>	<b>RECURSOS DIDÁTICOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diferenciar o texto narrativo de um <i>script</i>.</li> <li>• Compreender que o processo de intriga é imprescindível na construção da narrativa.</li> <li>• Perceber que a infraestrutura do texto é construída pelas proposições.</li> <li>• Verificar que os tempos verbais, os organizadores temporais e os pronomes são também elementos imprescindíveis para a narrativa.</li> <li>• Solicitar da classe uma produção final.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Infraestrutura do texto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recapitulação dos comentários acerca do que os alunos aprenderam nessas oficinas.</li> <li>• Motivação através da leitura da história, intitulada Cururu virou pajé.</li> <li>• Leitura atenta e pausada das partes que compõem a infraestrutura do texto narrativo.</li> <li>• Diferenciação da narrativa e do <i>script</i> através do elemento da intriga destacado o texto (Desenlace).</li> <li>• Releitura atentando para as palavras destacadas: tempos verbais, organizadores temporais e pronomes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividades de leitura produção textual</li> </ul>

# Oficinas

## Oficina 01

Vamos ler uma história?! O gênero que vamos conhecer é conto popular e este é intitulado:

### **História de Trancoso**

Era uma vez um fazendeiro podre de rico, que viajava solitário.

--- Ah, quem me dera encontrar por aí um companheiro de estrada...

Não é que encontrou? Num rancho em que parou para beber água, o fazendeiro achou um padre querendo seguir viagem, mas morria de medo.

--- Pode-se saber de que vossa senhoria tem medo? --- perguntou o fazendeiro.

--- De curupira. Me avisaram que a estrada está assim deles.

--- Não se avexe --- falou o fazendeiro. --- Comigo não tem curupira nem mané-curupira. Venha comigo.

Andaram que andaram. Quando já ia escurecendo, ouviram a mata bulir. O padre se benzeu, o fazendeiro preparou a espingarda.

--- Se for encantado vai virar peneira --- avisou.

--- Calma --- gritou uma voz de taquara rachada. --- É gente que aqui vai.

--- Se é cristão se aproxime --- gritou o padre, medrosão.

Era um roceiro montado num burro velho.

--- Posso entrar nesse cortejo? --- perguntou com respeito.

O roceiro tinha um só dente na frente. E cara de bobo.

O fazendeiro e o padre torceram o nariz. Mas lá seguiram viagem.

Anda que anda, só os dois proseando.

O roceiro tinha lá papo para aquela conversa de doutor?

De quando em vez destampava uma moringa e bebia um gole d'água.

O padre e o fazendeiro morrendo de sede.

O padre não aguentou mais:

--- Sou servido um gole desta água. Pra matar minha sede.

O roceiro emprestou a moringa ao padre.

O fazendeiro, porém aguentou firme. O roceiro de quando em quando, ofertava:

--- Um golinho d'água, nhonhô? Tá fresca, fresca...

Até que o fazendeiro se entregou:

--- Já que vosmicê tanto insiste, me dê cá a saborosa.

O fazendeiro não tinha era coragem de botar a boca onde o roceiro botava a sua.

Procurou um lugarzinho lascado, pensamentando: "Nesse lascado ele não deve usar".

--- Gozado, nhonhô --- disse o roceiro. --- É mesmo aí, nesse quebradinho, que acostumo de beber.

Os três viajantes pararam numa venda. Comeram jabá, com feijão e mandioca, depois um copo de jurubeba.

Antes de dormir, não é que o dono da venda pegou um queijo de cabra e deu de presente pra eles?

Tão pequetinho que nem dava para dividir.

O padre, que era muito sabido, deu uma idéia:

--- Vamos dormir. Quem tiver o sonho mais bonito fica com o queijo.

Dormiram que Deus deu. No canto do primeiro galo pularam da cama, selaram os cavalos enquanto o roceiro ajeitava seu burro velho. Engoliram um café com vento... E pé na estrada.

A fome apertou, o padre foi contando o seu sonho:

--- Sonhei com uma grande escada de ouro, cravejada de marfim. Começava juntinho do meu travesseiro... Furava as nuvens lá emriba... Ia subindo, subindo... E sabem onde terminava?

--- Não --- respondeu o fazendeiro.

--- No céu. Ninguém pode sonhar coisa mais bonita. Conforme o combinado, o queijo é meu.

--- Pois é --- disse o fazendeiro, picando o rolo de fumo --- sonhei com um lugar iluminadão. Só que não tinha lâmpadas.

--- Como não tinha lâmpadas? --- perguntou o padre.

--- A luz nascia das coisas --- explicou o fazendeiro.

--- Vocês já viram um cacho de banana servindo de lustre? Pois nesse lugar tinha. Já viram areia de prata de puro diamante? Pois era assim nesse lugar que sonhei.

--- E pode-se saber que lugar era este? --- perguntou o padre, sem jeito.

--- O céu. Você sonhou com a escada pro céu. Eu sonhei que já estava lá. Conforme o combinado, o queijo é meu.

O fazendeiro foi abrindo o surrão para pegar o queijo. Jacaré achou? Nem ele.

--- Ué! onde se meteu o danado?

--- Agora que vocês contaram o sonho --- falou o roceiro ---, tenho uma coisa pra contar.

O padre e o fazendeiro olharam o roceiro de banda.

--- Cês não ouviram um barulho de noite? Pois era eu que me levantei pra comer o queijo. Como vocês estavam no céu, achei que não precisavam mais do queijo.

Sabem quem era esse roceiro?

Trancoso.



## Oficina 02

Leia este trecho retirado da História de Trancoso:

“Era uma vez um fazendeiro podre de rico, que viajava solitário.

--- Ah, quem me dera encontrar por aí um companheiro de estrada...

Não é que encontrou? Num rancho em que parou para beber água, o fazendeiro achou um padre querendo seguir viagem, mas morria de medo.”

SANTOS, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

(Atividade em equipe)

1- Identifique no trecho acima palavras que expressem ações.

---



---



---

2- As palavras identificadas são chamadas de ações verbais. Essas palavras caracterizam ações no presente, no pretérito ou no futuro?

---



---

3- Você já percebeu as ações verbais quando está ouvindo ou contando uma história? Vamos reler o trecho da História de Trancoso acima e identificar o tempo verbal de cada verbo que você escreveu na primeira questão .

---



---



---



---

### **DEFINIÇÃO:**

**VERBO** é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. (CUNHA;CINTRA, s/d, p. 367)

Vamos ouvir uma história e perceber que os verbos nos levam para um tempo diferente do nosso, um tempo que não é, necessariamente, o do momento presente em que estamos vivendo.

**História** – O galo de Marquinho (CD – faixa 11)

### Aspecto dos verbos

O **aspecto** designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera uma ação expressa pelo verbo. (CUNHA; CINTRA, s/d, p. 370)

Vejamos o exemplo nestas frases:

- O fazendeiro **começou a comer** o queijo.
- O fazendeiro **continua a comer** o queijo.
- O fazendeiro **acabou de comer** o queijo.

1- Que diferença de sentido você identifica nas frases acima?

---



---

2- Você percebe em que tempo estão as locuções verbais acima?

---

Vejamos mais um trecho da História de Trancoso:

“O fazendeiro não **tinha era** coragem de **botar** a boca onde o roceiro **botava** a sua.

**Procurou** um lugarzinho lascado, pensamentando: ‘Nesse lascado ele não deve usar’.

---Gozado, nhonhô --- disse o roceiro. --- É mesmo aí, nesse quebradinho, que acostumo de beber.”

SANTOS, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

Os verbos destacados nesse trecho expressam um sentido (um ponto de vista). Identifique o tempo verbal e o relacione ao que o narrador quis dizer ao usá-los.

---



---



---

O aspecto pode ser **perfectivo** ou **imperfectivo**.

O roceiro **botou** a boca no lascado da moringa.



ação completa = aspecto perfectivo

O roceiro **botava** a boca no lascado da moringa.



Ação em curso (em andamento) = aspecto imperfectivo



Empregue corretamente os verbos entre parênteses, flexione-os quanto aos tempos e indique, ao lado, que aspectos eles expressam na frase.

“Era uma vez uma escravinha que não \_\_\_\_\_ (ter) nome.

Quando ela \_\_\_\_\_ (ir) comprada, se \_\_\_\_\_ (esquecer) de perguntar o nome dela.

O senhor sempre \_\_\_\_\_ (chama):

--- Ei, moleca, vem cá!

A escravinha \_\_\_\_\_ (vir). Não \_\_\_\_\_ (precisar) de nome, não.”

SANTOS, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

Vejamos outro ponto:

Quando o fazendeiro e o padre **acordaram**, o roceiro já **comera** o queijo.

1- Qual o primeiro fato da frase acima?

\_\_\_\_\_

Comprendemos que:

O pretérito mais-que-perfeito indica um fato, concluído no passado, mas que ocorre antes de outro fato também no passado.

2- Reescreva essa frase trocando o verbo **comera** por uma locução verbal de valor equivalente. Veja como fica!

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Essa mudança do verbo não alterou o sentido, você passou a usar a locução verbal (verbo auxiliar + particípio). Essa locução verbal também recebe o nome de pretérito mais-que-perfeito composto.

### Oficina 03

Observe os verbos deste trecho:

“João Boa-Sorte é brasileiro de Juazeiro do Norte, no sertão do Ceará. Nascido no mês de agosto, numa sexta-feira, 13 e à meia-noite em ponto!

Dizem que agosto é mês do desgosto e que sexta-feira 13 é um dia de azar. E tem mais: no sertão, todo mundo sabe que meia-noite faz parte das ‘horas abertas’, assim como o meio-dia, o amanhecer e o anoitecer. Nessas horas, os maus espíritos aproveitam para entrar no corpo das pessoas desprotegidas.

Com tanta ameaça de azaração, **cercaram** o pequenino João de rezas, benzeções, imagens de santos, promessas simpatias e amuletos. O balaio que **servia** de berço mais **parecia** um altar.

O pai **era** José Cícero, chamado por todos de Zé Ciço. A mãe, Sebastiana, **era** conhecida como Donana. Os irmãos **eram** nove: cinco homens e quatro mulheres, de vários tons de marrom.”

XAVIER, Marcelo. **Crendices e superstições**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

1-Os verbos destacados indicam que essas ações ocorreram em que tempo?

---

2- O tempo utilizado indica que a ação foi completa ou em andamento?

---

3- O que isso indica na construção da história?

---

(Atividade em dupla)

“Antes de entrar, um dos rapazes **tirou** do bolso um pente e um espelhinho redondo, pra se pentear. **Tomou** um susto quando **viu** que o espelho **estava partido**. Não **falou** pra ninguém, mas **sabia** que espelho quebrado também era um sinal de morte na família...

A volta da casa da avó foi silenciosa e triste. O que **piorava** mais as coisas é que era noite. João, com o dedo apontado pro céu, **contava** as estrelas. O irmão que estava mais perto **falou** baixinho:

---A gente não pode contar estrelas apontando pro céu porque nasce berruga no dedo!

João **enfiou** depressa o dedo no bolso.”

XAVIER, Marcelo. **Crendices e superstições**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

Responda conforme a atividade anterior.

1-Os verbos destacados indicam que essas ações ocorreram em que tempo?

---



### Oficina 04 e 05

Vamos ler essa outra história?! Flexione os verbos, adequadamente, conforme os exercícios anteriores.

“Era linda, era filha, era única. Filha de rei. Mas de que \_\_\_\_\_ (adiantar) ser princesa não \_\_\_\_\_ (ter) com quem brincar?

Sozinha no palácio \_\_\_\_\_ (chorar) e \_\_\_\_\_ (chorar). Não \_\_\_\_\_ (querer) saber de bonecas, não \_\_\_\_\_ (querer) uma amiga para gostar.

De noite o rei \_\_\_\_\_ (ouvir) os soluços da filha. De que \_\_\_\_\_ (adiantar) a coroa, se a filha da gente \_\_\_\_\_ (chorar) à noite? \_\_\_\_\_ (decidir) acabar com tanta tristeza. \_\_\_\_\_ (chamar) o vidraceiro, \_\_\_\_\_ (chamar) o moldureiro. E em segredo mandou fazer o maior espelho do reino. E em silêncio \_\_\_\_\_ (mandar) colocar o espelho ao pé da cama da filha que \_\_\_\_\_ (dormir).

Quando a princesa \_\_\_\_\_ (acordar), já não \_\_\_\_\_ (estar) sozinha. Uma menina linda e única \_\_\_\_\_ (olhar) surpresa para ela, os cabelos ainda defeitos do sono. Rápido \_\_\_\_\_ (chegar) perto e \_\_\_\_\_ (ficar) se encontrando. Uma \_\_\_\_\_ (sorrir) e deu bom-dia. A outra deu bom-dia sorrindo.

--- Engraçado --- \_\_\_\_\_ (pensar) uma ---, a outra é canhota.

E \_\_\_\_\_ (rir) as duas.

\_\_\_\_\_ (rir) muito depois. Felizes juntas, felizes iguais. A brincadeira de uma \_\_\_\_\_ (ser) a graça da outra. O salto de uma \_\_\_\_\_ (ser) o pulo da outra. E quando uma \_\_\_\_\_ (estar) cansada, a outra \_\_\_\_\_ (dormir).

COLASANTI, Marina . **Uma ideia toda azul**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

Observe neste trecho a mudança do tempo verbal:

“De noite o rei ouvia os soluços da filha. De que **adianta** a coroa, se a filha da gente **chora** à noite?”

1-Os verbos destacados estão em que tempo verbal? \_\_\_\_\_

2-Esse tempo verbal corresponde a ideia de que a ação ocorre neste momento ou no momento da história? \_\_\_\_\_

3- O que você identifica no texto para chegar à resposta anterior?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Você sabia que esse tempo verbal pode ser chamado de **PRESENTE HISTÓRICO** ou **NARRATIVO**!? Ele é usado em narrativas e os acontecimentos, que então no presente pertencem ao mundo da história narrada, não ao nosso presente.

## Oficina 06

Vamos ler outro conto popular:

### **Rainha Quiximbi**

**Há muito, muito tempo**, vivia uma viúva sem amor. Ela casou, mas o noivo morreu na noite do casamento.

Não é que a viúva ficou na janela chorando? “Ai, quem me dera amar...” E coisa e tal.

Vai que **um dia** passa um homem mais bonito que o Sol. Era alto, braços compridos tocando a terra, pernas que pareciam de pau, os olhos duas brasas vermelhas.

Casaram.

A viúva notou que o marido ia diminuindo. **Cada manhã** ela o achava mais pequeno.

*Quando* ele ficou do tamanho de um dedal, começou a guardá-lo no seio.

*Até que uma noite, quando* foi puxar o amante pra fora, cadê marido?

A viúva voltou pra janela. Seus cotovelos já tinham empedrado de tanta janela, *quando* apareceu um homenzinho. Tão pequerrucho que se ela falasse mais alto o vento derrubava. A viúva achou parecido com o que perdera e casou com ele.

Quanto mais amou aquele homem, mais ele cresceu. **Um dia** não coube mais na casa. A viúva só conversava com ele, **agora**, sentada na palma da sua mão.

**Uma noite** ela se lembrou de que não sabia o nome do tal.

--- Chibamba --- ele respondeu.

Boca pra que te quero! Chibamba, como se sabe, é o rei das criaturas encantadas.

Também não deu tempo à viúva de pensar: colou as duas pernas dela, transformando os seus pés em rabo de peixe. **Depois**, cobriu todo o corpo dela com escamas de prata.

Chibamba levou a viúva até a praia. Chamou os peixes e deu o seguinte recado:

--- Esta é a rainha Quiximbi. Ela vai ficar aí dizendo as palavras de amor que disse para mim. Na terra não pode viver, que os homens não a deixariam em paz. Nas nuvens, muito menos: os raios e os trovões não a deixariam descansar. Ela é a rainha das águas. Ai de vocês se não tomarem conta direito!

**Até hoje** a rainha Quiximbi canta para atrair homens ou mulheres. Não escolhe, não. Mas só aparece em noite de lua. Aquela luz que se vê na água são seus cabelos compridos sem pentear.

Santos, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

1- Você observou que algumas palavras estão destacadas? Como essas palavras se classificam na gramática? Marque no quadro abaixo as duas classificações.

**SUBSTANTIVO – ADJETIVO – ADVÉRBIO – VERBO – ARTIGO –  
PRONOME – INTERJEIÇÃO – CONJUNÇÃO – PREPOSIÇÃO – NUMERAIS**

2- Você lembra o que são as locuções?

Elas são conjuntos de palavras que apresentam o mesmo valor da classe gramatical, ou seja, podem representar adjetivos, advérbios, verbos, pronomes, conjunções, preposições e interjeições.

Identifique-as no texto que você leu e escreva-as abaixo.

---



---

Vamos relembrar duas classes gramaticais muito importantes para a narrativa: os **advérbios de tempo** e as **conjunções temporais**. Nesta oficina, iremos trabalhar com o advérbio e as locuções adverbiais de tempo.

O **ADVÉRPIO** é, fundamentalmente, modificador do verbo.

Vejam os exemplos retirados do texto:

“**Há muito, muito tempo**, vivia uma viúva sem amor. Ela casou, mas o noivo morreu na noite do casamento.”

“**Cada manhã** ela o achava mais pequeno.”

Perceba que a **locução adverbial de tempo** refere-se ao verbo e indica em que momento ocorreu a ação. Essa classe gramatical também torna a narrativa mais “interessante”, porque o leitor/ouvinte fica mais atento aos acontecimentos, mergulhando num mundo de fantasia, ou seja, o mundo da história, **mundo do narrar**.

Vamos ler esse conto popular escrito por um aluno:

### Cinderela

Era uma vez uma menina linda que se chama: Cinderela ela trabalhava na sua casa após a morte de seus pais nessa casa morava sua madrasta que se chama: Morgana uma mulher arrogante egoísta e muito má e também lá morava suas 2 filhas que também eram chatas e más que sempre ficavam no pé de Cinderela Certa vez sua madrasta recebeu um convite para ir a um baile Real todos da casa estavam se preparando para ir a festa menos Cinderela que estava em casa de repente ela viu uma luz forte era uma fada madrinha, que a deixou ir ao baile com a condição de voltar antes das 12:00 em ponto a fada deu-le as roupas, jóias, sapatilhas de cristal e uma carruagem chegando lá ela dançou, dançou e deu 12:00 cinderela saiu correndo deixou seu sapatinho de cristal. No dia seguinte seu mensageiro viu deixar seu sapatinho de Cristal depois o príncipe Dominique a viu e a pediu em casamentos, os dois se casaram e viveram felizes.

1- Encontre no texto acima advérbios ou locuções adverbiais de tempo.

---



---

2- Reescreva essa história fazendo as correções dos verbos, advérbios e locuções adverbiais presentes no texto. Se achar necessário, faça outras correções.

---



---



---



---

### Oficina 7

Agora, vamos conhecer outro grupo de palavras na língua que são muito importantes na construção do texto. Elas são chamadas de **CONJUNÇÕES** e servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.

Vamos entender melhor essa relação com as orações?!

#### Jogo lúdico

Recorte em tirinhas esse bilhete e coloque numa ordem adequada que faça sentido. Depois, observe algumas palavras destacadas.

*Solicito mandar para minha casa. O endereço está no verso do envelope.*

*Acho melhor o senhor ir até lá rapidamente, **antes que** ele vá para outro lugar.*

***porque**, por acaso, li no jornal o seu anúncio*

*e vi o animal pastando perto da estrada que vai para a represa.*

*Hoje de manhã, eu estava indo para o sítio de um amigo*

*Penso que, por ajudá-lo, eu mereço uma recompensa.*

*e sei onde está o seu camelo.*

*Obrigado e espero que consiga recuperar o animal.*

*O senhor é realmente um homem de sorte,*

**Atenção:**

Observamos na atividade anterior que as conjunções unem as orações entre si. Quando escrevemos nossas histórias, elas aparecem e algumas são direcionadas ao tempo, chamadas de conjunções temporais. Apesar de indicarem tempo não são iguais aos advérbios conforme foi dito elas servem para **unir orações** e até mesmo **parágrafos**.

Identifique em trechos de contos populares abaixo **conjunções** ou **locuções conjuntivas** que apresentem valor de tempo e circule-as.

“Na manhã seguinte, quando voltavam da escola, uma virada do tempo trouxe vento e um redemoinho que dançava bem na frente dos meninos.

Apavorado, João gritou pro amigo:

--- Corra, Benedito, que diabo mora no redemoinho!

Os dois dispararam pra casa e, de olhos arregalados, fazendo sem parar o sinal da cruz, esperaram o Coisa Ruim --- que, pelo visto, tinha algum compromisso urgente, pois não apareceu...”

-----

“No primeiro lugar em que bateram, arranjaram ocupação. Era uma lanchonete que se chamava Pato Ronald. Como não sabiam como falar a segunda palavra, ficaram um tempão dizendo que trabalhavam na lanchonete do pato. Foi assim que a notícia chegou ao sertão, na casa de seus pais.”

-----

“Serafina, a irmã mais velha de João, ia se casar e morar ali perto. Enquanto arrumava sua mudança, Donana ensinava à filha alguns cuidados:

--- A primeira varrida da casa tem que ser com a vassoura nova. Pra começar bem a nova vida. E não se esqueça: a primeira pessoa a varrer a casa tem que ser uma mulher velha. Deixe que eu vou lá fazer esse serviço. Tem que começar varrendo os quartos e nunca a sala ou a calçada, e o lixo tem que sair pela porta dos fundos... De forma alguma deixe a vassoura deitada no chão. Isso atrasa a vida do dono da casa. Bater nas crianças com a vassoura também não pode. Seca o corpo delas. Bater em cachorro com ela faz o bicho ficar covarde; no gato, faz ficar ladrão.”

-----

De acordo com a sua resposta acima, o que a conjunção ou a locução conjuntiva dá a entender além da ideia de tempo que estamos estudando? Observe as palavras ou a frase em que ela está inserida.

---



---



---

Discuta com o seu colega de dupla sobre esse sentido apresentado na conjunção ou locução conjuntiva relacionada ao estudo de verbos que fizemos nas oficinas anteriores.

---



---



## Oficina 8

O último grupo de palavras que vamos estudar são os **PRONOMES**. Eles podem referir-se a palavras anteriores ou posteriores no texto.

Por exemplo:

**Esta** é a rainha Quiximbi. **Ela** vai ficar aí dizendo as palavras de amor que disse para **mim**. Na terra não pode viver, que os homens não **a** deixariam em paz. Nas nuvens, muito menos: os raios e os trovões não **a** deixariam descansar. Ela é a rainha das águas. Ai de **vocês** se não tomarem conta direito!

Vejam os pronomes em negrito e identifiquem as palavras do texto a que eles se referem?

---



---



---

Os pronomes são palavras que podem apontar no texto ou fora dele elementos eles nos ajudam a evitar repetições desnecessárias do tipo:

A viúva notou que o marido ia diminuindo. Cada manhã **a viúva** achava **o marido** “mais pequeno”.

Veja como fica usando o pronome adequado:

“A viúva notou que o marido ia diminuindo. Cada manhã **ela o** achava mais pequeno.”

Qual das duas frases torna o texto mais conciso, ou seja, com a quantidade de palavras de que ele necessita sem repetições desnecessárias?

---

Os pronomes são chamados de **anafóricos** por apresentarem-se nos textos, referindo-se a pessoas ou coisas que já apareceram ou que aparecerão.

Vamos corrigir alguns trechos que apresentam problemas quanto ao uso do pronome adequadamente.

“Era uma vez um senhor muito pobre que se chamava Ronaldo, Ronaldo tinha um filho.”

---

“Era uma vez uma garota chamada Chanel, ela viajava pelas cidades a procura de um companheiro (para ter felicidade). Ela já estava a 5 anos procurando, pois ela tinha 20 anos os pais dela já tinham morrido e mandou ela para avó e a avó dela morreu já ia fazer 5 anos da morte da avó dela pois os pais dela morreram quando ela tinha 10 anos.”

---



---

### Oficina 9

Vamos relembrar tudo que aprendemos durante essas oficinas?

Definição de **conto popular** ou **maravilhoso**:

“Forma mais universal de transmissão da cultura de um povo, ainda na fase da oralidade, o conto popular documenta usos, costumes, fórmulas jurídicas, folclore, etc.” (D’ONOFRIO, 1999, p. 110)

**Verbo** é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. (CUNHA; CINTRA, s/d, p. 367)

O **aspecto** designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera uma ação expressa pelo verbo. (CUNHA; CINTRA, s/d, p. 370)

O **aspecto** pode ser **perfectivo** ou **imperfectivo**.

O roceiro **botou** a boca no lascado da moringa.



ação completa = aspecto perfectivo

O roceiro **botava** a boca no lascado da moringa.



Ação em curso (em andamento) = aspecto imperfectivo

Você sabia que esse tempo verbal pode ser chamado de **presente histórico** ou **narrativo**? Ele é usado em narrativas e os acontecimentos, que então no presente pertencem ao mundo da história narrada, não ao nosso presente.

#### **Organizadores temporais**

O **Advérbio** é, fundamentalmente, modificador do verbo

Ex.: “**Cada manhã** ela o achava mais pequeno.”

Perceba que a **locução adverbial de tempo** refere-se ao verbo e indica em que momento ocorreu a ação. Essa classe gramatical também torna a narrativa mais “interessante”, porque o leitor/ouvinte fica mais atento aos acontecimentos, mergulhando num mundo de fantasia, ou seja, o mundo da história, **mundo do narrar**.

As **conjunções** e **locuções conjuntivas** servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Quando escrevemos nossas histórias, elas aparecem e algumas são direcionadas ao tempo, chamadas de conjunções **temporais**. Apesar de indicarem tempo não são iguais aos advérbios conforme foi dito elas servem para **unir orações** e até mesmo **parágrafos**.

Ex.: “Acho melhor o senhor ir até lá rapidamente, **antes que** ele vá para outro lugar.”

Os **pronomes** podem referir-se a palavras anteriores ou posteriores no texto. Eles são chamados de **anafóricos** por apresentarem-se nos textos, referindo-se a pessoas ou coisas que já apareceram ou que aparecerão.

## Oficina 10

### Cururu virou pajé

[**Antigamente**, os caiová não tinham fogo.

Comiam carne crua. **De noite** não podiam sair lá fora, na escuridão.

Só conheciam a luz do Sol e de Ci, a Lua.

O dono do fogo era o Urubu-Rei. O sabidão guardava o fogo debaixo das asas. Que era pra ninguém se apoderar dele, não. Baíra ficava pensando em como ele ia fazer pra tirar o fogo do Urubu-Rei.

Carecia pensar muito, porque o Urubu não era bobo nem nada.] [**Situação inicial**]

[**Um dia**, Baíra se cobriu todinho de cupim. **Depois**, deitou muito quieto, fingindo que estava morto.] [**Nó**]

[A Mosca Varejeira, que não tinha nada com isso, correu avisar ao dono do fogo. Que tinha um índio morto e cocoreco, cocoreco, bico de pato.

O Urubu-Rei , que, naquele **antigamente**, morava nos céus, não teve dúvida. Pegou a família e desceu.

(O Urubu-Rei era gente. Tinha pés, mãos , puxava conversa e coisa e tal.)

---Vigiem este aí, meus filhos ---, ele mandou. --- **Enquanto** eu e sua mãe acendemos o fogo pra fazer um moqué. **Um dia** é de caça, outro do caçador.

Toca a preparar o moqué.

Vai que uma formiga picou o pé de Baíra.

Foi ele bulir, com dor, os filhos do Urubu avisaram o pai:

---O morto buliu. Não será que ele tá fingindo?!

O pai nem te ligou. Continuou vexado, abanando o fogo.

A mãe deles foi que ralhou:

---Conversa não enche barriga. Em boca fechada não entra mosca.

**Quando** o fogo estava quase aceso, um carapanã ferrou a mão de Baíra.

Foi ele bulir, com dor, os filhos do Urubu avisaram o pai:

---O morto buliu. Não será que ele tá fingindo?!

O pai fez ouvido de mercador. A mãe ameaçou:

---Conheço um remédio pra falador: vara de marmelo.

Acabou que o fogo acendeu debaixo do moqué.] [**Re(ação)**]

[Baíra, que só estava mesmo esperando, deu um pulo, roubou o fogo e... pernas pra que te quero!] [**Desenlace**]

[O Urubu, sem o seu almoço, saiu voando atrás.

Baíra se meteu num pau oco. O Urubu se estrepou: mal entrou, prendeu as asas nas tabocas. E lá ficou, gritando desaforos.

Na beira do rio, Baíra avistou os caiová do outro lado.

Se ele fosse de barco, Urubu tinha tempo de se soltar das tabocas. E **era uma vez** um fogo roubado.

Pensamenteou rapidinho.

Chamou a Cobra-Surradeira, enganchou o fogo nas costas dela e mandou que levasse.

O fogo era tão quente que, no meio do igarapé, a Cobra-Surradeira baubau. Esticou as canelas.

Baíra puxou o fogo com uma vara comprida.

Chamou outras cobras: a Sucuri, a Coral, a Cascavel, a Boinágua. Enganchava o fogo nas costas delas. Adiantava? No meio do igarapé as coitadas morriam fritas.

Báira puxava o fogo com uma vara lá dele.  
Mandou o Camarão. Chegandinho do outro lado, ele foi ficando vermelho, ficando vermelho... Bateu as botas.  
Chamou o Caranguejo e, **depois** dele, a Saracura. Não adiantava nem nada.  
O Urubu-Rei, minha mãe, ia chegando. Adeus fogo.  
Nisso, vinha passando o Cururu, que Báira nem pensava nele.  
Báira enganchou o fogo nas costas do Cururu.  
Pulando, pulando, o Cururu chegou pertinho da outra margem.  
Os caiová aí laçaram ele com as embiras que tinham lá.  
**Na horinha** mesmo que o Urubu, com sua gente, ia jantar o herói.  
Como ele escapou? [**Re(ação)**]  
[Báira fez o rio ficar estreitinho, estreitinho. E pulo.  
Báira ganhou o mundo.  
O Cururu virou pajé.] [**Situação final**]  
Tem mais história não, gente!

SANTOS, Joel Rufino dos. **O saci e o curupira e outras histórias do folclore**. São Paulo: Ática, 2002.

### **Definições:**

[**Situação inicial**] – elementos que introduzem o tempo, o lugar e a situação em que ocorreu a narrativa.

[**Nó**] – parte da narrativa em que dá início à complicação ou desequilíbrio da história.

[**Re(ação)**] – parte da narrativa em que ocorrem transformações: ações e reações.

[**Desenlace**] – de acordo com essas ações e reações, é a parte da narrativa em que começa a se resolver o nó da história.

[**Situação final**] – é o retorno a situação de equilíbrio inicial.

Ao conjunto formado pelo **Nó**, **Re(ação)** e **Desenlace** denominamos de **INTRIGA**.



# **Anexo**

### **PIAMS01 – O INCREQUEIRO**

Era uma vez um rapaz chamado Ronaldo que estava a pé querendo ir para Sobral, e nesse caminho ele encontrou uma moça chamada Amy, ficaram amigos e continuar(am), a viagem.

Quando foi de madrugada, escutaram um barulho e foram ver o que era e acharam outro rapaz que se chamava Adriano, ele se juntou aos dois e assim continuaram a viagem.

Ronaldo e Amy estavam morrendo de sede e suas águas já tinham acabado, mas Adriano ainda tinha uma garrafa cheia de água, mas não oferecia para eles e nem eles pediam. Certo dia ela não estava aguentando a se sede, e falou:

--- Adriano, nos de um pouco de água por favor.

--- Essa água é minha, mas vamos fazer uma coisa: quem subir no topo da árvore primeiro fica com a água. Disse Adriano:

Ronaldo foi o primeiro a subir e disse que então a água deveria ser dele, quando ele desceu a garrafa d'água estava vazia e perguntou quem fez aquilo. Adriano respondeu:

--- fui eu que bebi, como vocês estavam no topo da árvore, não teria como beber a água, então eu bebir por vocês.

Desde essa dia Adriano ganhou o apelido de increqueiro.

### **PIBGA02 – OS POBRES QUE QUERIAM IR PARA SOBRAL**

Era uma vez um senhor muito pobre que se chamava Ronaldo, Ronaldo tinha um filho.

Ele se chamava Mario.

Um dia eles resolveram que queriam ir para Sobral, mas queriam achar um companheiro de viagem, e acharam seu nome era Adriano e ele era um pouco surdo.

Adriano estava de limozine, Ronaldo e seu filho estavam “a pé”, Adriano não ofereceu a limozine por que ele estava muito apressado para ir se arrumar para viajar para Sobral com a família deles e alguns amigos deles e foram quando chegaram foram logo para o hotel para aproveitar o resto do dia e eles foram para a pousada e lá eles fizeram muitas amizades.

### **PIDRH03 – O LADRÃO DA MEIA NOITE**

Era uma vez um garotão que era pobre de rico mais era muito solitário ninguém queria ser seu amigo mas um dia ele encontrou um menino e ele perguntou vamos dar uma volta e ele respondeu não eu tenho medo dos ladrões que (?) ladrão não tem senha ladrão pois vamos Ele caminhava quando Ele escutou uma voz sombria e o rico preparou a arma e disse se for amigo sai quando ele olharam Era um menino montado em uma bicicleta Ele falou calma, calma Eu sou amigo pois vamos dois uma vez (?) acampar por aí com alguém vamos mais lá na frente ele encontraram uma bodega aberta e começaram a comer recheado biscoito e quando foi comer fazendo Eles tomaram um refrigerante para ir as barracas para se deitarem e antes o dono da bodega deu um biscoito que não dava para dividir ele disse quem tivesse o melhor sonho comia o biscoito e enquanto Ele dormia e menos foi lá e comeu o biscoito quando eles acordaram Eles foram procurar o biscoito o menino tinha comido.

### **PIEGP04 – A MULA DE CABEÇA DE FOGO**

Era uma vez um fazendeiro rico que tinha um cavalo bem bonito que a cabeça dele parecia um fogo aí ele seguiu em viagem com um roqueiro e um facão quase do tamanho da mãe dele aí na mata mecheu lá na moita uma coisa bem grande e de quatro pernas aí o fazendeiro pegou na faca e disse: se você não sai daí eu te furo aí saiu um roqueiro montado no burro aí o roqueiro disse calma, calma só fi de deus, eu posso seguir em viagem com tigo? o fazendeiro disse todo cheio de charme em cima de seu cavalo bonito cheio de charme e disse: Sim vamos seguir em frente aí dois seguiu em viagem os dois, eles resolveram acampar os dois amarraram os animais so que o fazendeiro tem um sono leve aí se acordou com um barulho de um cavalo correndo de um lado para outro com a cabeça pegando fogo aí o roqueiro se acordou e pegou seu burro e o fazendeiro e saiu correndo.

### **PIELSA05 – A BRUXA DO ESPELHO**

Um dia 3 amigas que não se viam desde a faculdade se reencontraram. Alegres e felizes na piscina e uma delas falou:

---Vamos fazer um desafio?

---Qual é?

---Ele se chama “A bruxa do espelho”

---Como é esse desafio?

---Você vai até o espelho e fala 3 vezes o nome da bruxa

---Qual é o nome dela?

---É Brudimery?

As meninas aceitaram, mas sem saber o resto da lenda, e o resto é que: Era uma menina morreu sendo esmagada por um espelho gigante e seu espírito em carne e osso cortada com cacos de vidro decidiu assombrar aquela casa.

As meninas falaram e a viram a menina saiu do espelho e falou:

---Vou matar vocês!

---E se vocês nunca mais voltarem não vou as perturbar.

E as meninas conseguiram sair e fizeram uma promessa nunca mais vão passar pela casa.

### **PIFMAT06 – O GAIATO**

Era uma vez um fazendeiro pobre de rico que estava viajando solitário.

Como é ruim viajar sozinho se eu o menos arranja-se um companheiro para seguir viagem disse o fazendeiro. Estava muito cansado quando viu uma venda e parou para descansar.

Quando encontrou um padre que queria seguir viagem mais tinha muita cobra na estrada. O fazendeiro disse se tiver cobra na estrada eu meto bala nelas, vamos mais eu perguntou o fazendeiro e o padre disse “tá bom eu vou”.

Então foram seguindo viagem e a tarde ia caindo e enquanto seguiam a viagem iam prositando quando ia escurecendo escultaram um barulho da nada.

O fazendeiro disse – “Quem está aí” e o padre se benzeu.

Eam andando quando o fazendeiro parou numa venda para comprar queijo e dormiram lá na venda que o vendedor ofereceu e o fazendeiro disse: ---“Nós vamos comer o queijo amanhã no café. Amanheceu e o fazendeiro procurou o queijo para comer e não achou, beberam o café com o vento... e seguiram a viagem no meio da viagem o fazendeiro reclamando quando o fazendeiro se calou o roceiro disse: --- Cês me desculpa mais quem comeu o queijo foi eu. E o fazendeiro perguntou para quem você fez isso e o roceiro respondeu por que eu tava morrendo de fome.

E sabe quem era o roceiro?

O gaiato

### **PIHMS07 – A NOVATA FANIQUITA**

Era uma vez uma menina que se chamava Faniquita ela era uma formiguinha ela era uma formiga tímida um dia na escola.

Oi, oi, oi a Faniquita disse e um menino que era de muito tempo lá disse: Oi meu nome é SMILIGUIDO falou. Oi meu nome é Faniquita eu sou novata aqui você pode me mostrar o colégio porque eu estou com vergonha. A não precisa disso tá bom.

Aqui é minha sala que eu vou estudar e aprender.



É isso mesmo é minha também.

A vamos entrar para assisti A muito obrigado De nada

A devo ir chau foi um pra ser ti conhecer a amanhã eu vou te ver dinovo aran chau. chau.

### **PIJLN08 – O DOIDO TRANCADÃO**

Era uma vez um homem que se chamava doido trancadão, ele se chamava assim porque todas as viagens que ele fazia com seu cavalo, trancava o seu cavalo nele e iam dormir.

Um dia o doido trancadão com seu cavalo fizeram um viagem, Quando escureceu ele trancou seu cavalo nele e dormiram.

No outro dia eles acordaram e andaram, andaram e pararam para comer, quando terminaram, seguiram viagem e quando escureceu, novamente ele trancou seu cavalo nele. Quando saiu um homem de dentro da mata, o cavalo se assustou e saiu correndo com o doido trancadão empenhado no cavalo saindo arrastado. Quando o cavalo se acalmou o doido trancadão cuidou de seus ferimentos e disse. Aprendi que devo ser mais trancadão e subiu em seu cavalo e seguiu viagem.

### **PIJAOP09 – O LOBISOMEM**

Era uma vez um homem grande e forte chamado João, ele era muito conhecido na cidade que vivia. Um dia ele estava indo trabalhar na roça. Quando ele estava chegando ele viu um homem sendo atacado por vários lobos. João pegou umas pedras e jogou nos lobos, os lobos correram para cima dele, João pegou um galho e começou a bater nos lobos. O homem que estava caído começou a ajudar João a bater nos lobos, os lobos correram mas de repente apareceu um lobo atrás de João e mordeu o braço dele mas ele se soltou e bateu no lobo e ele correu. O homem disse muito obrigado a João e disse que se chamava Miguel, João se apresentou e depois eles foram para a roça.

Quando eles saíram da roça já era meia noite, João se transformou e um lobisOMEM por causa da mordida do lobo. O lobisOMEM tentou matar Miguel mas ele correu mas ele caiu e o lobisOMEM ia matar ele] mas apareceu uma fada e lançou um raio no lobisOMEM que fez ele viver João de novo e depois disso João e Miguel se tornaram amigos inseparáveis.

### **PIKFA10 – A MENINA E SEU AMIGO**

Era uma vez uma menina que se chamava Ana. Ela morava em uma cidade pequena e muito bonita que havia poucos habitantes.

Ana morava perto de um rio. Todos os dias ela ia apreciar a beleza do rio.

Em um belo dia, Ana (mais conhecida como Aninha) estava indo para o rio, no caminho encontrou um rapaz muito bonito.

--- Bom dia! Como você é bonita! --- falou o rapaz.

A menina meio acanhada, respondeu:

--- Obrigado. Você é daqui?

O rapaz ficou olhando para ela, encantado com toda sua beleza.

--- Não, sou da capital.

--- Vamos para o rio? perguntou Ana.

--- Que rio?

--- É um rio muito bonito, que fica perto daqui. --- Respondeu a menina.

--- Afinal, qual o seu nome? --- Acrescentou a menina.

O rapaz respondeu:

--- É Miguel, e o seu?

--- O meu nome é Ana, mas pode me chamar de Aninha.

--- Por onde fica o rio? Perguntou Miguel.

Ana respondeu muito feliz:

--- É por aqui. Vamos.

Ao chegar lá, eles conversaram muito e viraram amigos.

### **PILMR11 – HISTÓRIA DE TRACOSO**

Era uma vez um fazendeiro que ia viajar mais estava solitário, mas ele encontrou um padre que também ia viajar mais estava com medo dos curupiras.

Uma noite eles ouviram um barulho de taquara rachada era um roceiro pedindo abrigo então eles deram abrigo.

Então no meio da estrada pararam porque estavam com muita sede o fazendeiro foi firme e aguentou.

Depois de meia hora ele não se aguentou, e foi beber mas não queria colocar sua boca onde o roceiro coloca.

E então seguiram em viagem o roceiro como burro e o fazendeiro com o cavalo.

No caminho ficaram com fome [um vendendeiro deu um queijo mas era pequeno.

Então quem contar o sonho mas bonito ganha.

Porém o barulho de taquara rachada foi o roceiro que comeu o queijo então o roceiro é o trancoso.

### **PIMMS12 – CHANEL**

Era uma vez uma garota chamada Chanel, ela viajava pelas cidades a procura de um companheiro (para ter felicidades).

Ela já estava a 5 anos procurando, pois ela tinha 20 anos, os pais dela já tinham morrido e mandou ela para avó e a avó dela morreu já ia fazer 5 anos da morte da avó dela pois os pais dela morreram quanto ela tinha 10 anos.

Por isso ela vive só a procura de um companheiro para ela.

Ela procurou tanto que achou um namorado, eles estavam retornando a cidade Natal dela e eles passando por uma floresta escura eles viraram um ladrão que mandou eles darem o dinheiro mais o marido dela e muito valente e não deu o ladrão matou o marido dela.

Ela chorando foi atrás do ladrão mas ele atirou nela e a matou, o espírito dela virou uma lenda urbana muito conhecida, mas um dia ela foi assustar uma cidade que as pessoas morriam de medo dela não deixava as crianças saírem de casa.

Um dia um grupo de pessoas fizeram um círculo de invocação e trouxe a alma do seu amado por que esse grupo sabia que ela estava sofrendo.

Quando ela viu o seu amado o abraçou e o beijou e eles foram para o céu e aquela cidade viveu em paz e a alma dela também.

### **PIMSH13 – O CURUPIRA**

Era uma vez um caçador que gostava muito de matar animais e tirar suas peles para vender para o senhor Mauricio, um fazendeiro pobre de rico, mais em uma noite escura uma coisa estranha aconteceu,

o caçador saiu com sua espingarda e sua garrafa d'água quando saiu do seu barraco o padre estava em sua porta e pergunto:

--- Posso saber onde vai meu filho.

--- Vou para a floresta padre o senhor Mauricio que coro de jacare. Responde o caçador.

--- Não vá meu filho o curupira estar a souta...

--- Oxe padre eu sou homem feito o curupira não vai ter corage de mexer com migo ate padre.

E assim seguiu em seu cavalo a floresta, assim quando chegou logo vio o jacaré e quando preparava a espigada, uma pessoa vermelha e com olhos fundos e fala:

--- Vá embora e não voute mais... va!

E assim o caçador foi embora assustada... e niguem. Niguem vai mais nessa floresta se chama (O curupira).

#### **PIMUL14 – O LOBISOMEM**

Era uma vez uma mulher que tinha 6 filhas e 1 filho que se chamava Pedro e toda lua cheia o filho dela se transformava em lobisomem e quando acabava a transformação ele não se lembrava mais de nada ate que ele se decidiu viaja a cavalo e disse para sua mãe.

--- Mãe estou partindo mais voutarei --- Disse Pedro

Na viagem ele encontrou uma mulher que se tornou namorada dele, E ele viajaram juntos e toda noite eles acamparam mais no dia de lua cheia Pedro se tornavam lobisomem e ele ia para floresta e quando o sol nascia ele se transformava humano de novo e voltava pro acampamento.

Eles continuavam viajando, até que eles encontraram uma pousada que podiam dormir lá na lua cheia Pedro se transformou um lobisomem e destruiu a pousada e quando se pois o sol ele voutou a humano ai se deu conta que ele era lobisomem e foi conta para um padre milagroso e ele ia namorada dele voutaram para casa.

#### **PIMALG15 – A HISTÓRIA DA VIAGEM**

Era uma vez uma família que iria viajar no caminho o filho menor ficou com fome, o pai botou a mão no bolso ai não sentiu o dinheiro no bolso.

O filho começou a chorar, o pai teve ir pegar ou seja pedir alguma coisa para o seu filho ele pegou um pedaço de pão pequeno ai o filho comeu todinho a noite foram dormir no outro dia o filho disse que teve um sonho.

O pai disse:

--- Qual foi o seu sonho filho.

O menino disse:

--- O meu sonho foi que a vovó tinha morrido e tava tendo o velório.

A mãe disse:

--- Filho não sonhe uma coisa dessa por favor.

Então a família chegou em seu destinatário a família morrendo de fome mas não tinha o que comer então pediram alguma coisa para comer então todos comeram e ficaram com a barriga cheia.

#### **PIMSS16 – O LOBISOMEM**

Quando um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho esse filho se vise a lua cheia começava sua transformação: ficava com pelos sua boca e orelha crecia suas unhas ficavam grandes e afiadas ele se transformava o lobisomem e foi isso que aconteceu com um menino chamado Marcos e seu pai ficou com os olhos arregalados.

O pai olhando para aquilo disse:

--- Marcos o que aconteceu com você?

Quando o lobisomem ouviu isso o atacou e o pai que se chamava José correu o lobisomem quase pegou pois o Sol apareceu e o lobisomem desapareceu e o pai que pegou o humano Marcos e levou ele para casa e foi para a cidade e foi achar a cura e achou ele foi numa loja e comprou uma bala de prata ele foi para casa e achou o lobisomem e fugiu com a espingarda foi atrás de uma árvore e se escondeu preparou a espingarda mirou e atirou mesmo no coração do lobisomem e a maldição acabou e viveram felizes e o pai ficou com um ferimento por causa do lobisomem.

### **PIBTCF17 – O AZALADO QUE FICOU RICO**

Era uma vez um homen andando pela estrada de caminha(ao), na carga havia muitos ovos e um certo dia um homen pediu carona esse homen que pediu carona era ladrão ele levou todos os ovos e depois o homen com seu caminhão seguiu o ladrão e na verdade esse ladrão so queria ajudar sua família pobre e o homem deixou com eles os ovos e seguiu a viagem ele parou para comer e pediu um suco e outra pessoa pediu carona e ele desconfiou mas primeiro vou lhe revistar e ele tinha os pés ao contrário e ele pensou deve ser o curupira eu vou vendelo para comprar mais comida e o curupira olhando para a cara do homem ele se desconfiou e pediu para ir no mato para fazer uma coisa o homen achando que ele ia fugir mas não o curupira trouxe um saco cheios de pedras de ouro

### **PISBA18 – A VIDA DOS AMIGOS FAZENDEIROS**

Era uma vez um fazendeiro que estava viajando de jumento. Ele estava acompanhado com seu amigo, que também era fazendeiro. Um sol muito quente eles perguntaram um para o outro:

--- Ô Chico! Ocê troxe água?

--- Trouxe! Pru quê?

--- Vamu tomar, sô!

Com o sol muito quente, cada um bebe um gol d'água. As horas se passaram, eles sentiram fome. Pararam na primeira "bodega" que viram pela frente. Comeram buchada de bode com lances (um tipo de bebida).

Dormiram, por la Quando o dia amanheceu, só tomaram água e para eles estava bom de mais seguiram estradas.

Viram um ribeirão e pararam, deram um grande mergulho e assim eles viveram o seu louca vida.

### **PITAP19 – A MENINA POBRE QUE QUERIA JOGAR FUTEBOL**

Um dia estava brincando com minhas amigas quando eu vi uma menina toda triste e desarromada, olhando para o campo onde estava brincando.

Quando eu vi aquela menina eu fiquei muito triste quando apareceu uma mininas e convidaram ela para brincar de bola. A menina foi e ficou feliz, quando vi ela jogar e fiquei impressionada.

No outro dia sai para comprar minha merenda no mercantiu, quando vi ela dinovo comprando ovo de graça, pois ela não tinha dinheiro para comprar comida.

Quando fui jogar no campo e vi ela dinovo lá, então tive uma idéia de chamar meus treinados para falar com ela e convida-lá para jogar com a gente no campo, quando ela recebeu a notícia ficou muito feliz.

Então no outro dia ela ganhou o uniformi para jogar no nosso time, ela vai jogar no campeonato do nosso time. Então nosso time ganhou de todos os time e fomos campeos.

Então a menina ficou muito feliz, pois tinha feito um gol golasso.

O meu treinador achou a condição dela difissel e arrecadou 10.000 mil reais para ela.

## **PITFU20 – A CINDERELA**

Era uma vez uma menina chamada cinderela. Ela vivia com sua madrasta e suas duas irmãs, elas três eram más e faziam de cinderela uma criada doméstica.

No dia seguinte, chegou uma mensagem do palácio pra madrasta, cinderela recebeu e perguntou se podia ir e suas irmãs disseram:

--- Se você for vai passar vergonha.

--- Você não tem o que vestir.

--- Mas na carta diz: toda moça deve comparecer. Disse a Cinderela!

--- É você tem razão, você pode ir para o baile.

--- Muito obrigado. Disse cinderela.

No outro dia, cinderela estava triste porque não tinha o que vesti, só que quando viu seus ratinhos fizeram um vestido e quando ela desceu as suas irmãs rasgaram o vestido e cinderela começou a chorar e apareceu uma fada madrinha e transformou seu vestido em lindo vestido de baile e cinderela foi ao palácio numa linda carruagem.

Quando a cinderela chegou o príncipe a viu e eles começaram a dançar. Mas deu doze horas e Cinderela fugiu.

No dia seguinte, o grantuque foi ver qual das meninas da casa cabia o sapatinho, mais nenhuma delas coube a única que coube foi cinderela, e ela príncipe se casaram e viveram felizes para sempre.

## **PIVHFO21 – A MENINA DO CORREDOR**

Um dia numa escola quatro alunos, quase 9h da noite, eles curiosos como era o andar e eles aproveitaram, que os professores tinham saído de sala. Tinha um vigia que ficava perto com a chave do porão, os dois meninos saíram de fininho aproveitando a soneca que o vigia tava dando, pegaram a chave e saíram.

Devagar abriram a porta e já eram 9:10h para aparecer uma menina que faleceu naquele lugar.

A porta se trancou os professores assustados perguntaram aos alunos que tinham ficado na sala de aula:

--- Cadê o João e o Juninho? --- perguntou o professor.

--- E a Luana e a Fernanda? --- perguntou a professora aflita.

--- Eles foram olhar como era o andar de cima --- respondeu uma colega.

Quando foram abrir a porta estava trancada, os quatro estavam gritando com uma menina que aparecia no corredor mais de 9:00h. O vigia explicou que muitos anos atrás ele e um amigo pegaram uma colega querendo fazer medo a ela e trancaram nesse porão, menos de 1 ano essa menina morreu e eles também.

A porta se abriu e os quatro amigos saíram, todos saíram da escola.

## **PFAMS01 – A PEDRA DE DESEJOS DO SÃO JOÃO**

Era um belo dia de junho, faltava apenas 2 dias para o São João, e todas as pessoas da cidade de Veridiana acreditavam que quando faltasse 2 dias, aparecia uma grande pedra que realizava desejos.

Nesse ano as pessoas de Veridiana resolveram fazer a festa de São João para receberem a pedra. A noite já estava, tudo pronto, tinha várias comidas como: pé-de-moleque, canjica, tapioca...

Fizeram uma fogueira e ficaram ao redor dela, cantando músicas juninas esperando dar a hora da pedra chegar. Deu meia-noite e apareceu uma luz cinza muito brilhosa e o padre que estava entre as pessoas, começou a cantar uma música religiosa, e apareceu a pedra que concedeu os desejos. Uma senhora e uma garotinha que se chamavam Joséfina e GreyciKellen pediram a pedra uma casa, roupa, e alimentos, nesse mesmo momento a pessoa (Joséfina e GreyciKellen) apareceram vestidos em uma casa e com vários alimento.

Elas ficaram muito felizes e prometeram sempre participar da festas para receber a pedra e sempre lhe agradecer.

### **PFBGA02 – A FESTA MAIS RUIM**

Era uma vês uma menina que gostava muito de festa junina no dia ela foi aluga o vestido para ir eu aluguei qando gego o dia e a hora da da festa o meu par fautro quando eu sobe dessa coisa eu chorei muito porque eu aluguei de beija (besta) pois ele fato amenhada eu vo fala com ele eu fui quando eu chegei La eu toquei a companhia blim blom ele abrio a porta e dis OI com vai eu vôo muito rui eu esto doente estou cripada com do de graganta e com febre e não pode ir da mas descupa minha querida e porque não deu para eu quero ser o par favor não escolhe outro par por favo – Eu espero que você melhore ta bom ei eu trose augumas fotos da festa junina ei eu vo aquia no computado para acessa para passa as foto são mais o menos 43 eu também tirei umas fotos com animais e amigos minhas mais ele, fiserão uma festinha ea no quintal. la eles tinha foguera e milho para pode não fica com fome ta ai foram felises para sempre!!!

### **PFDRH03 – O CURUPIRA**

Era uma vez um garoto que morrava na floresta Ele protegia os animais da floresta E também assustava os caçadores e também fazia sua rotina diaria de olhar a floresta olhar os animais se estão maxucados ou se estão doemtes ou até mesmo pressos em gaiola ou em buracos de caçadores e se eles estivessem presso o curupira ia lá temtar salvar Ele mais um caçador ficou decidindo com os amigo que ia matar o curupira Hoje e um amigo disse eu aposto com você que você não pega pois esta apostado. E o amigo foi para a mata caça o curupira mais o curupira ficou vemdo Ele escomdido pela floresta quando deu a hora certa o curupira tocou e tomou a arma dele e foi brigar na mão mais o curupira pegou ele denovo distraído. E foi lá e pum matou ele e amigo ficou assustado com o ato do curupira e nunca mais ninguém foi a floresta.

### **PFEGPO04 – FESTA JUNINA**

Todas as festas Juninas tem que ter fuguera e milho para esquentar a barriga e animar a festa

E tem que ter comida como milho, pé-de-moleque, bolo, canjica e pamonha, etc.

Sempre tem algumas bricaderas, so que eu conheço so em uma que é subir em um pau com cebo.

E também lá tem muitas danças com calça e lá às vezes junta um grupo e fala sobre superstição, crença, etc.

As festas juninas acontecem no final de junho é bom que o pessoal tá preparado.

Meu pai tem um terreno lá em Pacatuba e o aniversário da minha mãe é no dia das Festas Juninas aí vai ter o aniversário dela e uma parte da Festa Junina.

A eu acho que agente vai parti o bolo e vai começar a festa junina ou intão os dois juntos.

Massa se minha tia fizer a festa junina mesmo aí eu vou ficar no jogo ou se ela fizer a brincadeira do pau-cebo aí eu vou tentar conseguir em alguma e vo esquentar o fogo, etc.

### **PFELSA05 – AS HISTÓRIAS DAS FESTAS JUNINAS**

Nas festas juninas as pessoas fazem festas e chamam de “arraial” e comem comidas típicas como: Baião, canja de galinha e de milho, pé-de-moleque, etc.

Há danças que são típicas, como: capuera, forró, etc.

Nas festas juninas pessoas chamam as outras falando:

--- Vamos atirar balões?

--- Depende, de que é feito?

--- Com ar quente, óé?!

--- Você não sabia que o quente que tem dentro do balão tem fogo?

--- Sabia sim, e daí?

--- Esse fogo queima onde ele cai meu amigo!

--- E agora ainda vai atirar balão de ar quente?

--- Não, depois dessa história, eu não.

Essas festas são à noite, a festa junina tem brincadeiras como a pescaria, maçã no baúde, o espeta balão.

Agora vou dizer como se vestem as pessoas (homens e mulheres) Os homens se vestem com blusas quadriculadas, a calça é com remendas, e o chapéu é de palha.

E as mulheres com lindos vestidos, com corouas enfeitadas e de Maria Chiquinha, e por fim suas sapatilhas com um pouco sauto.

### **PFMATO06 - ISABELA**

Era uma vez uma menina que se chamava Isabela. Isabela é uma menina muito feliz e simpática, e gosta muito de dança e principal ela gosta de dança na festa junina, E no seu colégio ia ter festa junina,

como ela gostava muito, ela ia dança só que tem um problema, não tem menino para dançar e ela ficou muito triste...

E a diretora do colégio disse para ela: --- Não se preocupe por que eu arranjo um menino para você dançar. E ela ficou muito feliz, E todos dia perguntavam a diretora se ela já tinha arranjado e a diretora disse: --- Isabela que pena mas não tem mais menino para você dançar.

E Isabela ficou muito triste mas a diretora deu-lhe uma idéia. A diretora disse: --- Por que que você não traz um amigo ou alguém da família para dançar com você e ela ficou muito feliz. Assim que chegou dá escola foi logo chama seu primo, que se chama: Daniel e ele aceitou dançar com ela e todos os dias de manhã Daniel ia para o colégio dela e ensaiavam e ensaiavam e quando foi no dia da festa, ela estava muito feliz e a quadra muito enfeitada e também tinha muitas barraquinhas que vendia: pé-de-moleque, pratinho, bolo de milho e outras coisas. E enquanto dançava sua mãe filmou tudo e quando terminou a dança ela foi embora para casa muito feliz.

### **PFHMS07 – FESTA JUNINA**

Era um dia que era festa junina que os dançarinos eram: João, Maria, Marcos, Tetê, Marli, Macelo, Maressa, Mateos, Ricardo e Ruth o novio era Marcos e a noiva era Tetê a rainha era Ruth e o rei era Ricardo e eles começaram a inçaiia dançaram, dançaram até que Marissa disse: Olha uma pausa ta porque é a manha nossa grande festa é temos que suar muito, muito mesmo cinco minutos nos volta para insaio. O Mateus disse gente hoje e dia treze dinoite nos vamos para daquela velha cabana as doze horas todas venha com lampada ou lamparina com cabana ou com coichão, ta Maressa, disse gente ta bom de ençaiio cando foi dinoite jeite tava brincando cando foi na festa teve pipoca, bombom.

Eles dançaram e todos apladiram é todos dicerammuito obrigado, eles comeram, comeram e foi para a casa é domiram.

### **PFJLN08 – O TRIO MALUCO**

Todas as festas juninas o trio maluco apareciam para alegrar a todos, mas era apenas um conto popular. Um dia de festas junina o trio maluco apareceu alegrou a todos e soltaram fogos e brincaram e comeram.

Depois...

No outro dia na rua só o que ouvia falar era do trio maluco e a conversa do trio maluco se estendeu até chegar nas festa junina.

Depois...

Em todas as festas juninas o trio maluco apareceu e apareceu e apareceu.

Depois...

O povo se cansaram e com o tempo o povo esqueceu do trio maluco e eles nunca mais apareceu.



## **PFJAOP09 – FESTA JUNINA**

Quando chega junho ninguém pensa em outra coisa a não ser festa junina.

A festa junina é famosa por várias coisas, como por exemplo: as simpatias, que consiste em fazer promessas a santos fazer rituais e em troca você ganha o que você quer. A festa junina também é famosa por brincadeiras como corrida de sacos que eu é Pedro somos ótimos mas Pedro sempre ganha, subir no pau de sebo, eu e Pedro sempre caímos é varias outras brincadeiras.

Uma das coisas mais importantes da festa junina é não pode faltar é a quadrilha junina, eu é Pedro sempre participamos. A quadrilha faz uma apresentação cheia de passos e movimentos que encantam é divertem a plateia.

A festa junina também é famosa pela comida típica que encantam é divertem quem come eu é Pedro fazemos várias competições para ver quem come mais, eu sempre venço eu como mais de 8 pratos. Alguns exemplos de comida tipica é o pé de moleque, bolo de milho e a tapioca.

## **PFKFA10 – SIMPATIA DO CASAMENTO**

No período dos festejos juninos muitas pessoas fazem simpatias, geralmente para se casar com a pessoa amada. Maria é uma dessas pessoas que faz simpatias para casar.

No dia de Santo Antônio, Maria fez uma simpatia para saber qual o nome do homem com quem ela se casaria. Essa simpatia foi Francisca que falou para Maria, que daria certo.

Maria pegou uma bacia com água e três papéis com os nomes de seus pretendentes escritos, colocou os papéis na água, o primeiro papel que virar seria seu marido.

O resultado da simpatia deixou Maria muito feliz, pois o nome do Homem que apareceu, foi o homem que ela amava.

No dia da festa junina da cidade em que Maria morava, o homem que ela amava, pediu para dançar com ela. Enquanto eles dançavam aconteceu o primeiro beijo.

## **PFLMR11 – SÃO JOÃO DAS TRADIÇÕES**

Era dia 13 de junho festa junina, quando todos os jovens estavam em volta de uma fogueira contando superstições como: a loira do banheiro, lobisomem e etc.

Mas teve uma lenda que assustou Fernanda foi a lenda da menina de ferro.

Dá medo por causa do escuro e que faz muito frio.

Era assim: uma menina que os pais tinham morrido quando ela tinha 3 anos.

Então ela se mudou para um orfanato, devido seu problema ela era muito dura.

As crianças do orfanato chamavam ela de menina de ferro até as professora chamavam.

Um dia de sábado ela teve uma crise e morreu.

Ainda hoje ninguém mas entrou no quarto dela.

Agora toda noite ela vem para assustar as crianças que magavam dela e os adultos.

### **PFMMS12 – A FESTA JUNINA DOS BICHOS**

A festa junina dos bichos não era diferente da nossa tinha brincadeiras e danças e casamentos.

Tinha comidas de diferentes tipos mais elas são típicas muito bem feitas pela Dona Coruja.

João era filho dela e queria falar com a mãe e foi lá na cozinha mais quanto tava indo passou debaixo de uma escada e tropesou e falou:

--- Vixe! Vou ter muitos e muitos anos de azar.

E saiu correndo para a cozinha tropesando e falando:

--- A Droga! Por que eu vi aquela escada e aquele espero aff...

E chegando a cozinha disse isso tudo que aconteceu para a mamãe dele a Dona Coruja, e ela falou:

--- Oxe pare com isso filho é só superstição.

Ele perdeu um pouco de medo e com o tempo foi aprendeu que isso é só uma superstição.

### **PFMSH13 – CURUPIRA**

Era uma vez, um garoto que nasceu com os pés virados para trais por causa de um problema com sua mãe pela gravideis.

Em um certo dia a mãe do curupira estava atrais de uvas até que varias abelhas voaram atrais dela ela saiu correndo e caiu, quando dirrepente a bousa estourou e ela teve filho mais não resistiu e morreu.

Um casador que o vio ali per o curupira e o criou. Quando o curupira completou 10 anos ele foi como casador na floresta e derrepente, um tiro serteiro acertou e matou a linda onça curupira gritou.

--- Não!!!

Chorou e jurou que irria sim vingar de todos que matam ou machuquem os animais curupira pegou Omã planta vermelha fei um suco e pintou o corpo e os cabelos e fico ate hoje em sima de uma avore escura no fim da floresta e sauva os animais de um jeito crueu e vingoso fazendo as mesma coisa que as pessoas fazem com os animais matando ou so ferindo gravimente.

## **PFMVL14 – SACI PERERE**

O conto popular que eu vou contar é do Saci ele é muito popular em festa junina mas esse saci não era como os outros ele era legau é divertido mas niguém gostava dele do jeito que ele era.

O Saci ele sabia fazer algumas coisas legais sabia subir em árvores, pular bem alto etc.

Um dia o saci estava andando e se esbarrou em um menino, quando o menino olho para o saci ele se assusta. E Saci disse:

--- Não tenha medo não vou fazer nada com você.

O menino disse:

--- Como assim.

Saci respondeu.

--- Eu não sou como os outros saci eu sou legal é divertido mas niguém gosta de mim.

Pedro disse:

--- Você quer ser meu amigo

Saci respondeu:

--- Claro que sim e Pedro e Saci se tornaram grandes amigos e foram amigos para sempre e Pedro foi no mata brinca com Saci todo dia.

## **PFMALG15 – CRENÇAS DAS FESTAS JUNINAS**

As festas juninas são feitas para levantar o auto-astral das pessoas, as festas Juninas tem comidas típicas, brincadeiras e superstições.

Um das brincadeiras são a corrida de sacos e a subida no pau-de-cebo.

Agora umas das comidas típicas são baião-de-dois e pé-de-moleque.

Agora uma superstições é: gato preto: azar, quebrar espelho: azar, viajar com padres: morte na certa e borboleta preta: morte na certa também.

Agora eu vou contar algumas maneiras e como se forma:

Um lobisomem se forma quando nasce sete mulheres e a oitava é homem ou quando nasce um casal e o mas novo é homem eles só se transformam em lobisomem quando fazem 13 anos, os lobimens só morrem quando levam um tiro de Bala de prata.

Para viver ele só precisa levar só uma facada.

Para onde eu viajei lá tem uma crença da mãe d'água essa lenda é do estado do Pará.

## **PFMSS16 – O LOBISOMEM**

Diz a lenda que quando um casal tem sete meninas e apenas só um menino esse menino em noite de lua cheia ele vira uma espécie de lobo humano sua boca, unhas, orelhas ficam enormes, a boca tem dentes afiadíssimos e seu corpo e coberto por pelos ele vira o lobisOMEM um lobo humano que a memória se destroi.

A memória do lobisOMEM e muito ruim ele não lembra das pessoas e de seus amigos, dizem que o unico jeito de matar um lobisOMEM e atirar no centro do coração do lobisOMEM com uma bala de prata e seu gatilho muito poderoso sua bala e tão poderosa que atravesse o couro do lobisOMEM isso aconteceu com Pedro, seu pai era viuvo e começou a aventura com sua espingada de noite ele dizia:

--- Meu filho não vá, ele não obedecia.

Um dia apareceu na televisão com matar lobisOMENS o pai de Pedro começou a apertarse ele comprou uma espingarda de prata e atirou no lobisOMEM a maldição acabou e o pai de Pedro ficou muito feliz.

## **PFPBTCF17 – FESTAS JUNINAS**

---Eu tinha uma amiga que ela gostava de festa Junina, toda festa junina ela era a noiva e toda festa junina ela fazia uma simpatia a sua primeira simpatia e da bacia e assim: você escreve o nome de três meninos(a) em um papel dobra e bota em uma bacia cheia de água o papel que se abrir esse menino(a) gosta de você.

--- Ela acredita em supertições principalmente naquela de quem quebra o espelho tem sete anos de azar e também acredita mais ou menos em crenças algumas existem mas já outras crenças não, ela também acredita em supertições porque a mãe dela se assusta.

## **PFSBA18 – FÉRIAS COM FESTAS JUNINAS**

Era uma vez uma menina linda, chamada de Júlia. Júlia gostava muito de festa junina ela gostava das comidas das brincadeiras, das danças e outras coisas. Ela morava em Curitiba e viajou com sua família para o Ceará, só para poder brincar, passar suas férias lá.

Chegando lá, Júlia comeu bastante pamonha, vatapá com arroz. Humm!!! Brincou muito, dançou muito e ganhou até novas amizades. Sua melhor amiga é Sarisu, que também veio com ela para o Ceará.

As duas se divertiram muito, levaram câmeras, celulares, muito dinheiro (até demais) e várias outras coisas que estavam com os pais de Júlia. Mas também não existiu só alegria, sabe porquê?

Aconteceu um acidente na festa, mas não foi daqueles acidentes de morte de férias. Quando Júlia estava dançando, ele levou uma queda grande e todo mundo riu, até mesmo ela começou a rir.

Passou duas semanas e ela foi para a sua verdadeira terra natal.

## **PFTAP19 – FESTA JUNINA**

A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, mais para algumas não é. Como o que aconteceu as meninas estavam ensaiando para a festa, mais so que uma menina não tinha pá. Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, mais só que ele disse que tinha vergonha.

Quando chegou o outro dia ela foi tentar dinovo com o mesmo menino, dessa vez ela convenceu o menino a dançar com ela.

Então chegou o dia o outro dia da festa, a menina tinha chegado lá, na festa tinha muitas barracas de comida e etc. Quando ela viu aquelas comidas ela ficou com desejo de comer. Tinha tanto, comida gostosa lá, algumas delas eram muito conhecidos, como: pé-de-moleque, bolo, pratinho e etc.

Chegou a hora de dançar e era tão engraçado, a menina fazendo o maior esforço pára se apresentar bem e o menino lá, dançando todo duro.

Por causa disso a festa terminou toda ruim e isso prejudicou muito. E foi assim que terminou a festa, todos ficaram muito tristes como o que aconteceu e etc.

## **PFTFU20 – FESTAS JUNINAS NA ROÇA**

Em uma fazenda viviam Flávia, Cristina, Vitória e o avó chamado Zé. Ele queria fazer uma festa Junina, mas Cristina que odiava esses tipos de coisas e disse:

--- Pra quê fazer essa besteira, não tem nada de divertido nisso!

--- Se você não que ir é problema seu, porque eu e a Vitória vamos. Disse Flávia.

--- Aconteceu que ela é muito supersticiosa. Falou Vitória.

No dia seguinte, estavam todos se preparando para a festa, havia vários jogos e brincadeira, Vitória e Flávia se divertindo bastante enquanto Cristina estava sozinha, de repente apareceu uma menina com um gato preto e queria participar da festa, Flávia, Vitória se aproximaram pra ajudar, mas Cristina se afastou por causa do gato e da menina a garota percebeu o que ela queria dizer e sua superstição se espalhou por toda cidade e ela ficou sozinha. Isso é uma lição para Cristina.

## **PVHFO21 – NOITE DE LUA CHEIA**

Num dia bem animado, estava avendo uma festa Junina, várias pessoas dançando, pulando, brincando e etc. Três crianças Gabriel de 11 anos, Letícia de 9 anos e Manu de 10. A festa estava se passando perto do cemitério, pois era o salão mais proximo.

Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, esse cimitério era abandonado não era visitado por parentes, pois cada noite que o parente ia visitar, morria no dia seguinte, por isso que os parentes e os corveiros pararam de ir lá.

Os três foram entrando devagarinho, porém estavam com medo mas curiosos, Gabriel foi na frente pois é o maior e o único homem entre as duas, depois foi Manu, Letícia estava um pouco de medo, então ficou lá fora esperando.

Gabriel tinha visto, uma sombra de um olho todo amarelo atrás de um túmulo, o alívio dele foi que os olhos era de um gato, mas depois que Manu viu que era um gato preto. Depois de uns minutos Gabriel foi puxado para dentro de um túmulo. Assustada Letícia correu para o cimiterio.

Chamaram a perícia para ratrear o corpo do menino. Depois de umas horas era o corveiro. Passou preso por alguns anos.

E as crianças passaram a não acreditar em superstições.

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O Inocente

Era uma vez um rapaz chamado Renato, que estava a pé querendo ir para Sobral, e nesse caminho ele encontrou um moço chamado Amy, ficaram amigos e continuaram a viagem. Quando foi de madrugada, escutaram um barulho e foram ver o que era e acharam outro rapaz que se chamava Adriano, ele se juntou aos dois e assim continuaram a viagem.

Renato e Amy estavam morrendo de sede e suas águas já tinham acabado, mas Adriano ainda tinha uma garrafa cheia de água, mas não oferecia para eles, nem eles pediam. Certo dia ela não estava aguentando a sede e falou:

- Adriano, não de um pouco de água por favor.
- Essa água é minha, mas vamos fazer uma coisa: quem subir no topo da árvore primeiro fica com a água. Disse Adriano.

Renato foi primeiro a subir e disse que tinha a água derrubada dele, quando ele desceu a garrafa d'água estava vazia e perguntou quem fez aquilo, Adriano respondeu:

- Foi eu que dei, como vocês estavam no topo da árvore, não teria como derrubar a água, então eu dei por vocês.

Desde então de Adriano ganhou o apelido de inocente.

PIAMS 01

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## Os poleres que queriam ir para Sobral

Era uma vez um senhor muito pobre que se chamava Ronaldo, Ronaldo tinha um filho, ele se chamava Mário.

Um dia eles resolveram que queriam ir para Sobral, mas queriam achar um companheiro de viagem, e acharam seu nome era Adriano e ele era um pouco surdo.

Adriano estava de limusine, Ronaldo e seu filho estavam "opi", Adriano não ofereceu a limusine porque ele estava muito apressado para ir se arrumar para ir para Sobral com a família dele e alguns amigos deles e foram quando chegaram foram logo para o Hotel para aproveitar o resto do dia e eles foram para a piscina e lá eles fizeram muitas amizades.

PIB G A 02



**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O ladrão do meio noite.

Eu sou um menino que sou filho de uma mãe e um pai. Eu sou muito feliz e gosto de ir para a escola todos os dias. Eu tenho muitos amigos e eu gosto de jogar futebol com eles. Eu também gosto de ler livros e de desenhar. Eu sou muito curioso e gosto de aprender coisas novas. Eu sou muito gentil e gosto de ajudar os outros. Eu sou muito feliz e gosto de viver a minha vida. Eu sou muito feliz e gosto de viver a minha vida.

PIDRH 03

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A mula de Cabeça de fogo

Foi uma vez um fazendeiro rico que tinha um cavalo bem bonito que a cabeça dele parecia um fogo aí ele seguindo em viagem com um revólver e um facão quase do tamanho do nóis dele aí na mata mediu lá na mata uma coisa bem grande e de quatro pernas aí o fazendeiro pegou na faca e disse: se você não sai daí eu te juro aí sai um réveio montado no burro aí o réveio disse calma, calma se fi de deus, eu posso seguir em viagem com ti. O fazendeiro disse todo cheio de charme em cima de seu cavalo. O bonito cheio de charme e disse: Sim vamos seguir em frente aí ele daí seguiu em viagem os dois, ele ~~se~~ resolveu acompanhar daí amarrar o animal se que o fazendeiro tem um sono leve aí se acordou com um barulho de um cavalo correndo aí quando ele olhou ele viu o seu cavalo correndo de um lado para o outro com a cabeça pegando fogo aí o réveio se acordou e pegou seu burro e o fazendeiro e saiu correndo

PIEGP 04

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A Bruxa do espelho

Um dia 3 amigas que não se viam desde faculdade se reencontraram. Alegres e felizes no piscina e uma delas falou:

- Vamos fazer um desafio?

- Qual é?

- Ele se chama "A Bruxa do espelho"

- Como é esse desafio?

- Você vai até o espelho e fala 3 vezes o nome da bruxa

- Qual é o nome dela?

- É Brudymery!

As meninas aceitaram, mas sem saber o resto da lenda, e o resto é que: Era uma menina morreu sendo esmagada por um espelho gigante e seu espírito em carne e osso, cortada com pedaços de vidro decidiu assombrar aquele caso.

As meninas falaram e a viram a menina saiu do espelho e falou:

- Vou matar vocês!

- E se vocês não mais voltarem não vou as perturbar. As meninas conseguiram sair e fizeram uma promessa nunca mais iam passar pela casa.

PIELSA 05

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O gaúcho

Era uma vez um fazendeiro pobre de rico que estava viajando solitário.

Como é ruim viajar sozinho se eu o menos arranja-se um companheiro para seguir viagem disse o fazendeiro. Estava muito cansado quando viu uma venda e parou para descansar.

Quando encontrou um padre que queria seguir viagem mais tinha muita cobra na estrada. O fazendeiro disse se tiver cobra na estrada eu meto bala nela, vamos mais eu perguntou ao fazendeiro e o padre disse "tá bom eu vou". Então foram seguindo viagem e a tarde já caíam e enquanto seguiam a viagem iam procurando quando já escurecendo escutaram um barulho da mata.

O fazendeiro disse - "quem está aí" e o padre se benzeu.

Em andando quando o fazendeiro parou numa venda para comprar queijo e dormiram lá na venda que o vendedor morreu e o fazendeiro disse - "Nós vamos comer o queijo amanhã no café. Amanhã e o fazendeiro procurou o queijo para comer e não achou, beberam o café com o leite... e seguiram a viagem no meio da noite o fazendeiro reclamando quando o fazendeiro se calou o roceiro disse - "Pis me desculpa mais quem comeu o queijo foi eu. E o fazendeiro perguntou para quê veio aqui e o roceiro respondeu por que eu tava morando de fome.

E sabe quem era o roceiro?

O gaúcho.

PIFMAT 06

**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## Li noventa Zaniquita

Era uma vez uma menina que se chamava Zaniquita ela era uma formiguinha ela era uma formiga tímida um dia na escola.

Oi, oi, oi a Zaniquita disse e um menino que era de muito tempo lá disse: Oi meu nome é SMILIGUIDO. falou: Oi meu nome é Zaniquita eu sou noventa aqui você pode me mostrar o colégio porque eu estou com vergonha. Li não precisa disso tá bem.

Li aqui é a minha sala que eu vou estudar e aprender.

É isso mesmo é minha também.

Li vamos entrar para assistir Li muito obrigado. Dinada.

Li deseje irchau foi um pra ser te conhecer a amanhã eu vou tá ver dinada oran chau. chau

Li  
fim.

PIHMS 07

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O doido trancação.

Era uma vez um homem que se chamava doido trancação, ele se chamava assim porque todas as viagens que ele fazia com seu cavalo, ele trancaava o seu cavalo nele e iam dormir.

Um dia o doido trancação com seu cavalo fizeram um viagem, quando escureceu ele trancaou seu cavalo nele e dormiram.

No outro dia eles acordaram e andaram, andaram e pararam para comer, quando terminaram, seguiram viagem e quando escureceu, novamente ele trancaou seu cavalo nele. Quando saiu um homem de dentro da mata, o cavalo se assustou e saiu correndo com o doido trancação empenhado no cavalo sendo cercado. Quando o cavalo se acalmou, o doido trancação cuidou de seus ferimentos e disse: Aprendi que deve ser mais trancação e subiu em seu cavalo e seguiu viagem.

PIJLN 08

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

1) lobisomem

Foi uma vez um homem grande e forte chamado João, ele era muito conhecido na cidade que vivia.

Um dia ele estava indo trabalhar na roça, quando ele estava chegando ele viu um homem sendo atacado por vários lobos. João pegou umas pedras e jogou nos lobos, os lobos correram para cima dele, João pegou um galho e começou a bater nos lobos. O homem que estava sendo atacado ajudou João a bater nos lobos, os lobos correram, mas de repente apareceram um lobo atrás de João e mordeu o braço dele mas ele se voltou e bateu no lobo e ele morreu. O homem disse muita obrigado a João e disse que se chamava Miguel, João se apresentou, depois eles foram para a roça trabalhar.

Quando eles saíram da roça já era meio noite, João se transformou e um lobisomem por causa da mordida do lobo. O lobisomem tentou matar Miguel mas ele correu mas ele caiu e o lobisomem ia matar ele mas apareceu uma fada e lançou um feitiço no lobisomem que fez ele virar João de novo e depois disso João e Miguel se tornaram amigos inseparáveis.

PIJA 0 P 09

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A menina e seu amigo

Era uma vez uma menina que se chamava Ana. Ela morava em uma cidade pequena e muito bonita que havia poucos habitantes.

Ana morava perto de um rio. Todos os dias ela ia apreciar a beleza do rio.

Em um belo dia dia, Ana, mais conhecida como Aninha, estava indo para o rio, no caminho encontrou um rapaz muito bonito.

— Bom dia! Como você é bonita! — falou o rapaz.

A menina ficou acanhada, respondeu:

— Obrigada. Você é daqui?

O rapaz ficou olhando para ela, encantado com toda sua beleza.

— Não, sou da capital.

— Como para o rio? Perguntou Ana.

— Que rio?

— É um rio muito bonito, que fica perto daqui.

— Respondeu a menina.

— Afinal, qual é seu nome? Acrescentou a menina.

O rapaz respondeu:

— É Miguel, e o seu?

— O meu nome é Ana, mas pode me chamar de Aninha.

— Por onde fica o rio? Perguntou Miguel.

Ana respondeu muito feliz:

— É por aqui, lámos.

As chegar lá, eles conversaram muito e ficaram amigos.



**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## Historia de Tracoso

Era uma vez um fazendeiro que ia viajar mais estava solitário mas ele encontrou um padre que também ia viajar mais estava com medo dos curupiras.

Uma noite eles ouviram um barulho de taquara rachada era um ruxeiro pedindo abrigo então eles deram abrigo.

Então no meio da estrada pararam porque estavam com muita sede o fazendeiro foi firme e aqueceu.

Depois de uma hora ele não se aqueceu e foi beber mas não queria colocar sua boca onde o ruxeiro coloca.

E então seguiram em viagem o ruxeiro com o burro e o fazendeiro com o cavalo.

No caminho ficaram com fome um rendimento deu um queijo mas era pequeno.

Então quem cortar o queijo mas bonito ganha.

Porém o barulho de taquara rachada foi o ruxeiro que comeu o queijo então o ruxeiro é o Tracoso.

PILMR 11

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## Chanel

Era uma vez uma garota chamada Chanel, ela viajava pelas cidades a procura de um companheiro (para ter felicidade).

Ela já estava a 5 anos procurando, pois ela tinha 20 anos, os pais dela já tinham morrido e matou ela para avó e a avó dela morreu já ia fazer 5 anos da morte da avó dela pois os pais dela morreram quando ela tinha 10 anos.

Por isso ela vive só a procura de um companheiro para ela.

Ela procurou tanto que achou um namorado, eles estavam retornando a cidade natal dela e eles passando por uma floresta escura, eles viraram um ladrão que mandou eles darem o dinheiro mais o marido dela e muito valente e não deu o ladrão matou o marido dela.

Ela chorando foi atrás do ladrão mas ele atirou nela e a matou, o espírito dela virou uma lenda urbana muito conhecida, mas um dia ela foi assustar uma cidade que as pessoas morriam de medo dela não deixava as crianças saírem de casa.

Um dia um grupo de pessoas fizeram um círculo de invocação e trouxe a alma do seu amado de volta por que esse grupo sabia que ela estava sofrendo.

Quando ela viu o seu amado o abraçou e o beijou e eles foram para o céu e aquela cidade viveu em paz e a alma dela também.

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O curupira

Era uma vez um caçador que gastava muito de matar animais e tira suas pele para vender para o senhor Mauricio, um fazendeiro pobre de rico, mais em uma noite tescuro uma coisa estralho aconteceu, o caçador saiu com sua espingada e seu barraco d'água quando saiu do seu barraco o padre estava em sua porta e perguntou:

- Isso então onde vai meu filho.
- Vou para a floresta padre, to ali Mauricio que core de jacote. Responde o caçador.
- Não vai meu filho o curupira estar a noite...
- Oxe padre eu sou homem feito o curupira não vai ter coragem de mexer com mim até padre.

E assim seguiu em seu cavalo a floresta, assim quando chegou logo veio jacariti e quando preparava a espingada, uma pessoa pequena vermelha e com olhos fundos e

- Vai embora e não volte mais... vá!
- E assim o caçador foi embora assustado... e ninguém, ninguém, vai mais nessa floresta a floresta se chama (O curupira) †

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O lobisomem

Era uma vez, uma mulher que tinha 6 filhas e 3 filhos que se chamava Pedro e todo lua cheia os filhos dela se transformavam em lobisomens e quando acabava a transformação ele não se lembrava mais de nada até que ele se decidiu viajar o mundo e disse para sua mãe.

- Mãe estou partindo mais voltei - Disse Pedro

Na viagem ele encontrou uma mulher que se tornou namorada dele, e ele viajaram juntos e toda noite eles acampavam mais no dia de lua cheia Pedro se tornava lobisomen e ele ia para floresta e quando o sol nascia ele se transformava em humano de novo e voltava pra acampamento.

Eles continuaram viajando até que eles encontraram uma povoada que podiam dormir lá, na lua cheia Pedro se transformou em lobisomen e destruiu a povoada e quando se pôs o sol ele voltou a humano aí se deu conta que ele era fêmeisomen e foi conta para um padre, milagroso e ele tirou a maldição de Pedro e ele se namorados dele voltaram para casa.

PI M VL 14

**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A história da viagem

Uma vez, uma família que iria viajar no caminho e o filho menor ficou com fome, o pai bateu a mão no bolso e não sentiu o dinheiro no bolso.

O filho começou a chorar e o pai teve que ir pegar seu dinheiro para pedir alguma coisa para o seu filho. O filho pediu um pedaço de pão pequeno e o filho comeu. Todos ficaram felizes e dormiram no outro dia e o filho disse que teve um sonho.

O pai disse:

— Qual foi o seu sonho filho?

O menino disse:

— O meu sonho foi que a mãe tinha morrido e estava tendo os alívios.

A mãe disse:

— filho não sonhe uma coisa dessa por favor.

Então a família chegou em seu destino. Já no fim da família morrendo de fome mas não tinha o que comer então pediram alguma coisa para comer então todos comeram e ficaram com a barriga cheia.

PIMALG 15

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O Lobisomem

Quando um casal tem seis filhos e o sétimo for um filho, esse filho se sente a lua cheia começa a sua transformação: cresce com pelos sujos, boca e orelhas crescem suas unhas ficam grandes e afiadas ele se transforma o lobisomem e foi isso que aconteceu com um menino chamado Marcos. Seu pai ficou com os olhos arregalados.

O pai vendo para aquilo disse:

- Marcos o que aconteceu com você?

Quando o lobisomem surgiu isso o atacou e o pai que se chamava João correu o lobisomem quase pegou João e se espantou e o lobisomem desapareceu e o pai pegou o humano Marcos e levou ele para a casa e foi para a cidade e foi para a cidade e foi achar o cura e achou ele farmacia loja e comprou uma bola de prata ele foi para a casa e achou o lobisomem e fugiu com a espingarda. Foi atrás de uma árvore e se escondeu preparou a espingarda mirou e atirou mesmo no coração do lobisomem e a medicina acabou e viraram felizes e o pai ficou com um ferimento no caso do lobisomem.

PIMSS 16

**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## O agulada que ficou rico

Era uma vez um homem andando pela estrada de cominho, na carga havia muito ovos e um certo dia um homem pediu corono esse homem que pediu corono era ladrão ele levou todos os ovos e depois o homem com seu cominho seguiu adiante e na verdade esse ladrão só queria ajudar sua família pobre e o homem deixou eles com os ovos e seguiu a viagem ele parou para comer e pediu um suco e outra pessoa pediu corono e ele desconfiou mas prometeu não lhe revistar e ele foi com a seguinte viagem e depois ele percebeu que ele tinha os pés ao contrário e ele pensou deve ser o curupira eu vou vendê-lo para comprar mais comida e o curupira olhando para a cara do homem ele se desconfiou e pediu para ir no mato para fazer uma coisa o homem andando que ele ia fugir mas não o curupira trouxe um saco cheio de pedras de ouro

PIPBTCF 17

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

### A vida dos Amigos porquinhos.

Em uma vez um porquinho que estava viajando de trem  
ele estava acompanhado com o seu amigo, que tinha  
também um porquinho.  
Um sol muito quente eles perguntaram um para  
o outro:

- Ô Chico! Você trouxe água?
- Não! Por quê?
- Vamos tomar, só!

Como o sol, muito quente, cada um bebeu um  
gel de água.  
As buchas se passaram, eles sentiram fome.  
Passaram no porquinho "chico" que estava perto o  
fronte.

Comeram buche de buche com leite (um tipo de  
bebida).

Deram um por lá. Quando a água acabou, eles  
só tomaram água e por isso eles estavam com a  
Sede muito grande.

Viram um rio e foram beber água, deram um grande  
meio de beber a água e assim eles ficaram a sua saúde  
melhor.



**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A menina pobre que queria jogar futebol

Um dia estava brincando com minhas amigas quando eu vi uma menina feia, magra e desnutrida, olhando para o campo onde estava brincando.

Quando eu vi aquela menina eu fiquei muito triste, quando perguntei umas meninas e conhecemos ao lado do lado do meu lado foi e ficou feliz quando eu ela jogou e ficou impressionada. No outro dia foi para comprar uma bicicleta por mensagem, quando eu ela chegou comprando um de graça, pois eu me tinha doblado para comprar comida.

Quando fui jogar no campo e eu ela chegou lá, então tive uma ideia de comprar meu bilhete para jogar com ela e conhecê-la para jogar com a gente no campo, quando ela recebeu a notícia ficou muito feliz e foi com a mãe dela, a mãe dela ficou muito feliz.

Então no outro dia ela ganhou o uniforme para jogar no mesmo time, mas não tinha o dinheiro para comprar o uniforme. Então ela ficou muito triste e pediu para a mãe dela comprar o uniforme. Quando ela recebeu o dinheiro ficou muito feliz e pediu para a mãe dela comprar o uniforme. Então ela ganhou o uniforme para jogar no mesmo time, mas não tinha o dinheiro para comprar o uniforme. Então ela ficou muito triste e pediu para a mãe dela comprar o uniforme. Quando ela recebeu o dinheiro ficou muito feliz e pediu para a mãe dela comprar o uniforme.

Então ela ganhou o uniforme para jogar no mesmo time, mas não tinha o dinheiro para comprar o uniforme. Então ela ficou muito triste e pediu para a mãe dela comprar o uniforme. Quando ela recebeu o dinheiro ficou muito feliz e pediu para a mãe dela comprar o uniforme.

F i m

PITAP 19

**PROPOSTA:** Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A Cinderela

Era uma vez uma menina chamada Cinderela. Ela vivia com sua madrasta e seus dois irmãos, e eles tratavam a Cinderela de maneira muito ruim.

No dia seguinte, chegou uma mensagem do palácio para a madrasta, Cinderela recebeu e perguntou se podia ir e seus irmãos disseram:

- Se você for vai passar vergonha
- Você não tem o que vestir
- mas na corte diz: toda moça deve comparecer. Deixe a Cinderela!
- É, você tem razão, você pode ir para o baile.
- muito obrigado. Deixe Cinderela!

No outro dia, Cinderela estava triste porque não tinha o que vestir, só que quando viu seus vestidos fez com um vestido e quando ela chegou os seus irmãos riram e a Cinderela começou a chorar e apareceu uma fada madrinha e transformou seu vestido em um lindo vestido de baile e Cinderela foi ao palácio numa linda carruagem.

Quando a Cinderela chegou o príncipe a viu e eles começaram a dançar. Mais deu dez horas e Cinderela fugiu.

No dia seguinte, o casamento foi feito com qual das meninas da corte casou e a única que casou foi Cinderela, e ela e o príncipe se casaram e viveram felizes para sempre.

PROPOSTA: Construa/crie uma história semelhante à situação vivida pelos personagens do texto que lemos.

## A menina do corredor

Um dia numa escola quatro alunos, quase 9h da noite, descuriosos como era o andar e eles aproveitaram, que os professores tinham saído de sala. Tinha um vigia que ficava perto com a chave do portão. Os dois meninos saíram de fininho aproveitando a seneca que o vigia teria dando, pegaram a chave e saíram.

Depois abriram a porta e lá eram 9:10h para aparecer uma menina que falou naquele lugar.

A porta se trancou, os professores assustados perguntaram aos alunos que tinham ficado na sala de aula.

- Onde estão o fininho? - perguntou o professor.

- É a Luana e a Fernanda? - perguntou a professora gilita.

- Eles foram chorar como era o andar de cima - respondeu um dos colegas.

Quando foram abrir a porta estava trancada, os quatro estavam gritando com uma menina que aparecia no corredor. Mas de 9:10h o vigia explicou que muitos anos atrás ele e um amigo pegaram uma colega querendo fazer mal a ela e trancaram nesse portão, menos de 1 ano essa menina morreu e eles também.

A porta se abriu e os quatro amigos saíram, todos saíram da escola.

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## A pedra de desejos do São João

Era um belo dia de Junho, faltava apenas 2 dias para o São João e todas as pessoas da cidade de Uridiana acreditavam que quando faltavam 2 dias, aparecia uma pedra que realizava desejos. Nesse ano as pessoas de Uridiana resolveram fazer a festa de São João para receberem a pedra e a noite já estava tudo pronto, tinha várias comidas como: pé-de-moleque, canjica, tapioca...

Fizeram uma fogueira e ficaram ao redor dela, cantando músicas juninas esperando dar a hora da pedra chegar. Deu meia-noite e apareceu uma luz cinza muito brilhosa e o padre que estava entre as pessoas, começou a cantar uma música religiosa, apareceu a pedra que concedeu os desejos. Uma senhora e uma garotinha que se chamavam Josefina e Greycikellen pediram a pedra uma casa, roupa, e alimentos, nesse mesmo momento a pessoa (Josefina e Greycikellen) apareceram vestidas em uma casa e com vários alimentos.

Elas ficaram muito felizes e prometeram sempre participar dos festejos para receber a pedra e sempre lhe agradecer!

PFAM501

F I M !

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Li festa mais ruim

Era uma vez uma menina que gostava muito de festa junina no dia ela foi aluga o vestido para ir eu aluguei quando o dia e a hora da sua festa e meu pai falou quando eu sair dessa coisa eu chorei muito por que eu aluguei de leiya pois ele falou nada eu vou falar com ele eu fui quando eu cheguei lá eu toquei a campainha belim belim ele abriu a porta e disse Oi com vai eu vou muito ruim eu estou doente estou gripado com to de gragar ta e com febre e não pode ir da não desculpa minha querida e porque não deu para eu quero ser o par fa vou não escolher outro par por favor - eu espero que você melhore ta tuom ei eu trouxe algumas fotos da festa junina ei eu vou aquiã me compete de parar acesa para para as foto são meu amemos 43 eu também tirei umas foto com animais e amigos ninhos mais ele, fise não uma festinha lá me quintal. lá eles tinha foguetta e milho para pode não fica com fome ta ai eles são em feliss para sempre!!!

PF BGA 02

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Cerepuro

Éra uma vez em zonetez que morava no florido de protegio os memais do florido e tambem amurto os cerepuros e tambem fezio sua rotina dentro do alho e florido. Mas o amurto e a vida malvada ou se estio dentro ou se mesmo preso em grade ou em buracos de cerepuros e a ele estivessem preso e cerepuro se bo tanto melhor ele mais um dia um cerepuro fazer deidade com o amigo que se mata o cerepuro Hiss e um amigo bem se porto com voce que voce não sabe por este portado. E o amigo foi para a mata com o cerepuro mais o cerepuro fazer deidade ele escondeu pelo florido quando deu a Hiss certo o cerepuro deace e tomou o amio dele e foi fugir no meio mais o cerepuro pegou ell de novo destruido. E foi bo e para matar ele e o amigo fazer amizade com o ato do cerepuro e nunca mais ninguém foi o florido.

PFDRH03

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Festa Junina

Todas as festas juninas tem que ter fogueira e milho para esquentar a barriga e animar a festa.

É tem que ter comida como milho, pé-de-moleque, doce, canjica e pamonha, etc. Sempre tem algumas brincadeiras, só que eu não conheço só em uma que é subir em um pau com cello.

É também lá tem muitas danças com casal e lá as vezes junta um grupo e fala sobre superstição, crença, etc.

Nas festas juninas acontece no final de junho é bom que o pessoal tá preparado.

Meu pai tem um terreno lá em paratubira e o aniversário da minha mãe é no dia da festa junina aí vai ter o aniversário dela e uma parte da festa junina.

A eu acho que agente vai parti o doce e vai começar a festa junina ou intão or dar fogueira.

Mossa se minha tia fizer a festa junina mesmo aí eu vou ficar no fogo ou se ela fizer a brincadeira do pau-cello aí eu vou tentar conseguir em alguma e vo esquentar o fogo, etc.

PFE004

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

As histórias das

Festas juninas!

Nas festas juninas as pessoas fazem festas e chamam de "arraiá" e comem comidas típicas como: Bolo, canja de galinha e de milho, pe-de-moleque, etc.

Há danças que são típicas, como: Capuera, Jongo, etc.

Nas festas juninas as pessoas chamam as crianças falando:

— Vem atirar balões?

— Depende, de que é feito?

— Com ar quente, né!

— Você não sabia que o quente que tem dentro do balão tem fogo?

— Sim, e daí?

— Esse fogo queima onde eu sei meu amigo!

— E agora ainda vai atirar balão de ar quente?

— Não, depois dessa história, eu não.

Essas festas são à noite, a festa junina tem muitas brincadeiras como a pescaria, a maca no cavalo, e atira balões.

Agora vou dizer como se vestem as pessoas (homens e mulheres). Os homens se vestem com blusas quadradas, a calça é com remendos, e o chapéu é de palha.

E as mulheres com lindos vestidos, com coroa de infântas e o boné Chiquinha, e perfumam suas sapatinhas com um pouco de sante.

PFELSA 05



**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Isabela

Era uma vez uma menina que se chamava: Isabela. Isabela é uma menina muito feliz e simpática, e gosta muito de dança e principal ela gosta de dança na festa junina. E no seu colégio ia ter festa junina, como ela gostava muito, ela ia dançar só que tem um problema, não tem menino para dançar e ela ficou muito triste...

E a diretora do colégio disse para ela: — Não se preocupe por que eu arranjo um menino para você dançar. E ela ficou muito feliz, e todos dia perguntavam a diretora se ela já tinha arranjado e a diretora disse: — Isabela que pena mas não tem mais menino para você dançar.

E Isabela ficou muito triste mas a diretora deu-lhe uma ideia. A diretora disse: — Por que que você não traz um amigo ou alguém da família para dançar com você e ela ficou muito feliz. Assim que chegou do esado foi logo chama seu primo, que se chama: Daniel e ele aceitou dançar com ela e todos os dias de manhã Daniel ia para o colégio dela e ensaiavam e ensaiavam e quando foi no dia da festa, ela estava muito feliz e a quadra muito enfeitada e também tinha muitas brancasquinhas que vendia: pé-de-moleque, protetinho, bolo-de-milho e outras coisas. E enquanto dançava sua mãe filmou tudo e quando terminou a dança ela foi embora para casa muito feliz.

PFMATOG

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Festa Junina

1 Era um dia que era festa junina  
2 que os dançarinos eram: João, Maria,  
3 Marcos, Tete, Marli, Marcelo, Maressa,  
4 Mateus, Ricardo e Ruth e noivo era  
5 Marcos e a noiva era Tete a rainha  
6 era Ruth e o rei era Ricardo e eles  
7 começaram a dança dançaram  
8 dançaram até que a Maressa  
9 disse: Olha uma pausa tá porque é  
10 a manhã nessa grande festa é  
11 temer que suava muito, muito  
12 mesmo cinco minutos nos volta para  
13 insano. O Mateus disse gente hoje é  
14 dia treze quinze nos vamos para  
15 daquela gelha calça as doze horas  
16 todos venha com lampada ou lamparina  
17 com calça ou com corbão tá  
18 Maressa disse gente tá bom de en-  
19 esse lado foi quinze sete tá brincam-  
20 do lado foi na festa tá pipoca,  
21 lembram,  
22 Eles dançaram e todos aplaudiram  
23 e todos disseram muito obrigado,  
24 eles comeram, beberam e foi para a  
25 casa e dormiram.

PFHMS 07

Jim V  
♡

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## O trio maluco

Todas as festas juninas o trio maluco apareciam para alegrar a todos, mas era apenas um conto popular.

Um dia de festas juninas o trio maluco apareceu alegrando a todos e saltaram folgas e brincaram e comeram.

Depois,

No outro dia na rua só o que ouvia falar era do trio maluco e a conversa do trio maluco se estendeu até chegar nas festas juninas.

Depois,

em todas as festas juninas o trio maluco apareceu e apareceu e apareceu.

Depois,

o povo se cansou e com o tempo o povo esqueceu do trio maluco e eles nunca mais apareceram.

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Festa Junina

Quando chega junho ninguém pensa em outra coisa a não ser festa junina. A festa junina é famosa por vários motivos, como por exemplo: as simpatias, que consiste em fazer promessas a santos, fazer rituais e em tirar vários golpes o que vale aqui. A festa junina também é famosa por brincadeiras como corrida de sacos, que eu e Pedro sempre tiramos mas Pedro sempre ganha. Além do pão de mel, eu e Pedro sempre tiramos e várias outras brincadeiras.

Uma das coisas mais importantes da festa junina é não poder faltar o quadrilho junino e eu e Pedro sempre participamos. O quadrilho faz uma apresentação cheia de passos e movimentos que encantam e divertem a plateia.

A festa junina também é famosa pela comida típica que encantam e divertem quem come e eu e Pedro fazemos várias competições para ver quem come mais e eu sempre venço e eu como mais de 8 pratos. Alguns exemplos de comida típica é o pé de moleque, bolo de milho e o tapioca.

PFJAOP09

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Simpatia do casamento

No período dos festejos juninos muitas pessoas fazem simpatias, geralmente para se casar com a pessoa amada. Maria é uma dessas pessoas que faz simpatias para casar.

No dia de santo Antônio, Maria fez uma simpatia para saber qual o nome do homem com quem ela se casaria. Essa simpatia foi Francisca que falou para Maria, que daria certo.

Maria pegou uma bacia com água e três papéis com os nomes de seus pretendentes escritos; colocou os papéis na água, o primeiro papel que sair seria seu marido.

O resultado da simpatia deixou Maria muito feliz, pois o nome do homem que apareceu, foi o homem que ela amava.

No dia da festa junina da cidade em que Maria morava, o homem que ela amava, pediu para dançar com ela. Enquanto eles dançavam aconteceu o primeiro beijo.

PFK FA 10

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## São João das tradições

Éra dia 13 do junho festa junina, quando todos os igreiros estavam em volta de uma fogueira contando superstições como: a leira do bombeiro, lobisomem e etc.

Mas teve uma lenda que assustou Fernanda foi a lenda da menina do ferro.

Dá medo por causa do escuro e que faz muito frio.

Éra assim: uma menina que os pais tinham perdido quando ela tinha 3 anos.

Então ela se mudou para um orfanato, devido seu problema, ela era muito doída.

As crianças do orfanato chamavam ela de menina do ferro até os professores chamavam.

Um dia de solado ela teve uma crise e morreu.

Ainda hoje ninguém mas entrou no quarto dela.

Agora toda noite ela vem para assustar as crianças que magoam ela e os volútes.

PFLMR 11

Jim

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

A festa Junina dos Bichos.  
A festa Junina dos Bichos não era diferente da nossa tinha brincadeiras e danças e casamentos. Tinha comidas de diferentes tipos mais elas são típicas muito bem feitas pela Dona Coruja. João era filho dela e queria falar com a mãe e foi lá na cozinha mais quando tva indo passou de baixo de uma escada e tropeçou e falou:

- Vixe! Vou ter muitos e muitos anos de azar.

Ele saiu correndo para a cozinha tropeçando e falando:

- A Droga! Por que eu não vi aquela escada e aquele es perro aff.

Ele chegando a cozinha disse isso tudo que aconteceu para a mamãe dele a Dona Coruja e ela falou:

- Oxe pare com isso filho isso é só superstição.

Ele perdeu um pouco de medo e com o tempo foi aprendendo que isso é só uma superstição.

PF mms 12

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Curupira

Era uma vez, um garoto que nasceu com os pés virados para trás + por causa de um problema com sua mãe pela gravidez.

Em um certo dia a mãe do curupira estava atrás de um ar até que várias abelhas voaram atrás dela e ela saiu correndo e caiu quando de repente a bolsa estourou e ela teve filho mais não resistiu e morreu.

Um casador que o viu ali pegou o curupira e criou. Quando o curupira completou 10 anos ele foi como casador na floresta e de repente um tiro serteiro acertou e matou a linda onça curupira gritou.

— Não!!!  
Chorou e jurou que iria sim vingar de todos que matam ou machucam os animais curupira pegou uma planta vermelha fez um suco e pintou o corpo e os cabelos e ficou até hoje um sinal de uma oróti escura no fim da floresta e salva os animais de um jeito cruel e vingoso fazendo as mesmas coisas que as pessoas fazem com os animais matando ou do ferindo gravemente.



**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Saci - perere

O conto popular que eu vou contar é do Saci ele é muito popular em festa junina mas esse saci não era como os outros ele era legal e divertido, mas ninguém gostava dele da jeito que ele era.

O Saci ele sabia fazer algumas coisas legais sabia subir em árvores, pular bem alto etc.

Um dia o saci estava andando e se esbarrou em um menino, quando o menino olhou para o saci ele se assustou. E Saci disse:

- Não tenha medo não vou fazer nada com você

O menino disse:

- como assim.

Saci respondeu:

- Eu não jogo como os outros saci eu sou legal e divertido mas ninguém gosta de mim.

Pedro disse:

- Você quer ser meu amigo

Saci respondeu:

- Claro que sim e Pedro e Saci se tornaram grandes amigos e foram amigos para sempre e Pedro foi na mata brincar com saci todo dia.

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Crenças das Festas Juninas

- As festas juninas são feitas para levantar o outo - astral das pessoas, as festas juninas tem comidas típicas, brincadeiras e superstições.
- Uma das brincadeiras são a corrida de sacos e a corrida no pau-de-celso.
- Agora umas das comidas típicas são bolo-de-leite e pé-de-moleque.
- Agora umas superstições é:
  - gato preto: azar, quebrar espelho: azar, ririzar com padris: morte na carta e bolcheita preta: morte na carta também.
- Agora eu vou contar algumas maneiras de como surge as formas:
  - Um belezomem se forma quando nasce sete mulheres e o sétimo é homem ou quando nasce um casal e o mais velho é homem eles só se transformam em belezomem quando fazem 33 anos, os belezomems só morrem quando leem um livro de Bola de pitata.
  - Para viver ele só precisa ler um só livro focado.
  - Para onde eu ririzei lá tem uma crença da mãe d'água essa lenda é do estado do Pará.

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## O labirintem

Exiz a lenda que quando um casal tem sete meninas e apenas só um menino esse menino em noites de lua cheia ele virá uma espécie de lobo humano, sua boca, unhas, olhos ficam enormes; a boca tem dentes afiadíssimos e seu corpo é coberto por pelos ele jura o labirintem um lobo humano que a memória se destrói.

A memória do labirintem é muito ruim. Ele não lembra das pessoas e de seus amigos, dizem que o único jeito de matar um humano amaldiçoado pela maldição do labirintem é atirar no centro do coração do labirintem com uma bala de prata, a verdade é uma arma coberta de prata e seu gatilho muito poderoso sua bala é tão poderosa que atravessa o corpo do labirintem isso aconteceu com Pedro, seu pai. Era muito e começou a aventura com sua espingarda do noite ele diz:

- meu filho não vá, ele não obedecia  
um dia aparecer no telhado com matar labirintem e pai de Pedro começou a apertar e ele ~~comprou~~ uma espingarda de prata e atirou no labirintem a maldição acabou e o pai de Pedro ficou muito feliz

PFM5516

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Estas Juninas



Eu tinha uma amiga que ela gostava de festa junina, toda festa junina ela era a noiva e toda festa junina ela fazia uma simpatia a sua primeira simpatia e do facio e assim: voce escreve o nome de três meninas(a) em um papel dobrado e coloca em uma bacia cheia de água o papel que se abrir esse menino(a) gosta de voce.

Ela acredita em superstições principalmente naquela de quem quebra o espelho tem sete anos de azar e também acredita mais ou menos em crenças algumas existem mas as outras crenças não, ela também acredita em superstições porque a mãe dela a assusta

PF/PBTCE/17

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

### Férias com festas juninas

Era uma vez uma menina linda, chamada de Júlia. Júlia gostava muito de festa junina, ela gostava das comidas, das brincadeiras, das danças e outras coisas. Ela morava no Curitiba, viajava com sua família para o Ceará, só para poder brincar, passar seus férias lá.

Chegando lá, Júlia comeu bastante comida, notou com surpresa: "Hummm!!!"

Brincou muito, dançou muito e ganhou até muitos amiguetes. Seu melhor amigo: Sérgio, que também vive com ele para o Ceará.

As duas se divertiram muito, brincaram, comeram, dançaram, dançaram (até dançaram) e várias outras coisas que fizeram com os pais de Júlia.

Mas também não viu só alegria, só de pagar?

Aconteceu um acidente no festa, mas não foi daqueles acidentes de morte, de fogo.

Quando Júlia estava dançando, ela perdeu uma queda grande e todo mundo riu, até mesmo ela começou a rir.

Passou duas semanas e ela foi para a sua verdadeira terra natal.

PFSBA18

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Festa Junina

A festa junina é importante para algumas pessoas que gostam de dançar e etc, mais para algumas pessoas não é. Como é que aconteceu, as meninas estavam em sala para a festa, mais só que uma menina não tinha pé. Então ela foi perguntar o menino se ele queria dançar, mais só que ele disse que tinha vergonha.

Quando chegou o outro dia, ela foi tentar dançar com o mesmo menino, dessa vez ela conseguiu e o menino a dançar com ela.

Então chegou o dia o outro dia da festa, a menina tinha chegado lá, na festa tinha muitas barracas de comida e etc. Quando ela viu aquelas comidas ela ficou com desejo de comer. Tinha tanta comida gostosa lá, algumas delas eram muito crocantes, como: pi-de-mel, bolo, pastelinho, e etc.

Chegou a hora de dançar e era tão engraçado, a menina fazendo o maior esforço para se apresentar bem e o menino lá, dançando todo dia.

Por causa disso a festa terminou todo ruim e isso prejudicou muito. E foi assim que terminou a festa, todos ficaram muito tristes com o que aconteceu e etc.

PFTAP19

FIM!

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

## Festas Juninas na Roca

Em uma fazenda viviam Flóvia, Cristina, Vitória e o avô chamado Zé. Ele queria fazer uma festa junina, mas Cristina que odia va e mais ti-  
po de coisas e disse:

- Pra quê fazer uma baratei-  
ma, não tem nada de divertido  
de fazer!

- Se você não quer é proble-  
ma seu, porque eu e a Vitória  
vamos. Disse Flóvia.

- A certeza que ela é muito su-  
persticiosa. Disse Vitória.

No dia seguinte, esta com  
todos se preparando para a fes-  
ta, havia vários jogos e brin-  
cadeira, Vitória e Flóvia se  
divertindo bastante enquanto  
Cristina estava sozinha, de  
repente apareceu uma meni-  
na com um gato preto e que-  
ria participar da festa, Flóvia,  
Vitória se aproximaram para a-  
judar, mas Cristina se afors-  
teu por causa do gato e da meni-  
na a garota percebeu o que ela  
queria dizer e sua superstição se  
trabalhou por toda cidade. e ela  
ficou sozinha. Isso é uma lição  
para Cristina.

**PROPOSTA:** Aproveitando os festejos juninos, crie um **conto popular** em que apareçam situações ligadas às brincadeiras, às simpatias, às superstições e/ou às crenças populares que se manifestam mais neste período.

Construa sua história envolvendo situações relacionadas a essa festa. Lembre-se das orientações dadas nas oficinas relativas ao uso adequado dos verbos, organizadores temporais e pronomes além do componente intriga, extremamente, importante na narrativa.

### Noite de LIT CREIA

Num dia bem animado, estava ocorrendo uma festa junina, várias pessoas dançando, pulando, brincando e etc. Três crianças Gabriel de 11 anos, Beticia de 9 anos e Manu de 10. A festa estava se passando perto do cemitério, pois era o salão mais próximo.

Crianças muito curiosas, queriam observar esse lugar, esse cemitério era abandonado, não era visitado por parentes, pois cada noite que o parente ia visitar, morria no dia seguinte, por isso que os parentes, os vovôzinhos pararam de ir lá.

Os três foram entrando devagarinho, porém estavam com medo mas curiosos, Gabriel foi na frente pois era maior e o único homem entre as duas, depois foi Manu, Beticia estava um pouco de medo, então ficou lá fora esperando.

Gabriel tinha visto, uma sombra de um olho todo amarelo atrás de um túmulo, o olhinho dele foi que os olhos era de um gato, mas depois que Manu viu que era um gato preto. Depois de uns minutos Gabriel foi puxado para dentro de um túmulo. Assustada Beticia correu para o cemitério.

Chamaram a Polícia para rastrear o corpo do menino. Depois de umas horas encontraram a pessoa que estava puxando para o vovôzinhos. Passou preso por alguns anos.

E as crianças passaram a não acreditar em superstições



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)